

Artífices coleção

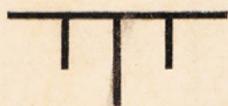


Mário Rizério Leite

LENDAS DE MINHA TERRA

Mário Rizério Leite

LENDAS
DE
MINHA TERRA



1951

Bolsa de Publicações
"Hugo de Carvalho Ramos"

CAPA DA NOVA EDIÇÃO

Ilustração a partir de trabalhos em xilogravura produzidos por estudantes do curso Técnico em Modelagem do Vestuário – Educação de Jovens e Adultos, parte do acervo da Galeria de Artes e Ofícios (Galo) do Câmpus Aparecida de Goiânia do IFG.

CAPA DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Criação da Tipografia e Encadernação da Escola Técnica de Goiânia (ETG).

Artífices coleção



Mário Rizério Leite

LENDAS DE MINHA TERRA

ISBN 978-85-67022-60-4

© 2021 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Os textos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião do Instituto Federal de Goiás. As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores.

É permitida a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte.

L533	<p>Leite, Mário Rizério.</p> <p>Lendas de minha terra / Mário Rizério Leite. - Goiânia: Editora IFG; João Pessoa: Editora IFPB, 2021. - (Coleção Artífices).</p> <p>152 p.</p> <p>ISBN 978-85-67022-60-4 ISBN (e-book): 978-85-67022-52-9</p> <p>I. Literatura brasileira. 2. Contos brasileiros.</p> <p>I. Título. II. Coleção.</p> <p style="text-align: right;">CDD 869.3</p>
------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Catálogo na publicação:

Maria Aparecida Rodrigues de Souza - CRBI/1497

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Editora IFG

Avenida C-198, Qd. 500, Jardim América

Goiânia/GO | CEP. 74270-040

(62) 3612-2251 | editora@ifg.edu.br

1ª Reimpressão, 2023

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO	7
PREFÁCIO	
LENDAS DE MINHA TERRA	17
ANGÚSTIAS DE UMA ESTREIA	21
A MÃE-DA-LUA	25
II	35
III	41
IV	45
O LOBISOMEM	49
II	55
III	59
IV	63
ROMÃOZINHO, O FILHO MALDITO	65
II	67
III	75
A CAAPORA	79
II	81

O NEGRO-D'ÁGUA	91
II	99
III	105
IV	107
V	113

POSFÁCIO

VARIAÇÕES SOBRE LENDAS DE MINHA TERRA, DE MÁRIO RIZÉRIO	121
--------------------------------------------------------------------	------------

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

*Folheio o livro, pensativo e triste,
sorvendo os seus poemas, devagar...
Sondando, desnudando, ao meu olhar,
a alma que nestas páginas existe...*

A.G. Ramos Jubé, em “Semelhança”.

Os senões, as imperfeições que lhes deslustram presentemente as obras, com o tempo, com a experiência e o aperfeiçoamento irão ficando para trás, motivo pelo qual não vacilamos, com os olhos no futuro, em dizer ao prezado leitor: folheie o nosso livreto.”¹ Esse excerto foi retirado de uma publicação de 1947. Naquele ano, em um dos pavilhões em *art déco* do prédio localizado no Setor Central da capital recém-fundada, funcionava a Seção de Artes Gráficas da Escola Técnica de Goiânia (ETG) com as oficinas de tipografia e encadernação. Com o apoio do diretor da Escola, foram impressos os três poemas vencedores do Primeiro Concurso de Poesias do Movimento Unificador dos Estudantes Goianos, depois de serem avaliados por nada menos que Bernardo Élis, Leo Lynce e Eli Brasiliense, três destacados nomes da literatura produzida em Goiás. Trata-se da publicação mais antiga de uma gráfica de cuja história partimos para compor esta apresentação.

1 MUEG (Movimento Unificador dos Estudantes Goianos). *Primeiro concurso de poesias*. Goiânia: ETG, 1947. Não paginado.

A partir da inauguração e do batismo cultural de Goiânia em 1942, cinco anos depois de oficializada a transferência da capital do estado, alguns fatos mostraram-se decisivos para a conformação de um cenário literário na cidade. Um dos mais importantes consistiu na instalação da ETG, que representou a continuidade institucional da Escola de Aprendizes Artífices, a qual, desde 1910, estava em funcionamento em Vila Boa, a antiga capital. A contribuição para a produção local de literatura vinculou-se, sobretudo, às atividades do curso de Artes Gráficas. Como atesta o escritor Aidenor Aires, “na gráfica da Escola, onde o ofício de gráfico ainda era aprendido com caixilhos de tipos móveis e uma fumegante linotipo a chumbo, confeccionavam-se vários livros de autores goianos”.² Em depoimento à Editora IFG, o promotor de Justiça Vagner Jerson Garcia, ex-aluno do referido curso e filho de Odir Garcia, mestre linotipista da Escola, afirmou que a gráfica, a maior da Região Centro-Oeste até os anos 1960, cumpriu um importante papel social à época, uma vez que, por contar com o ofício dos aprendizes, conseguia oferecer serviços gráficos a baixo custo, o que facultava o caminho da publicação a quem dispunha de poucos recursos.³ Nesse contexto, a ETG foi a responsável por imprimir livros de prosadores e poetas em início de carreira, como Aires exemplifica em seu depoimento:

2 AIRES, Aidenor. *Estrela nascente do anjo Gabriel*. Goiânia, 2010. Disponível em: <http://blogdoelius.blogspot.com/2010/11/estrela-nascente-do-anjo-gabriel.html> Acesso em: 20 mar. 2020. Não paginado.

3 COLEÇÃO Artífices. Goiânia: Editora IFG, 2019. Produção de Renata Rosa Franco, Bruno Fiorese, Vinícius Soares e Olliver Mariano Rosa. 1 vídeo (3min49s). Publicado pelo canal Editora IFG. Disponível em: <https://youtu.be/scRyR2hBEIM> Acesso em: 20 maio 2020.

Ali consegui o *Pássaro de pedra* de Gilberto Mendonça Teles. Pelos corredores passava a figura fina quase diáfana, flutuando com a Vênus de Botticelli, a poetisa Yêda Schmaltz, que editava *Caminhos de mim*. Também Edir Guerra Malagoni, com seu *Tardes do nada*, *Primeira chuva*, de Bernardo Élis, e outros. Teatro, poesia, música, oratória.⁴

Essa prestigiada atividade gráfica não começou apenas com produção literária. Em 1948, o relato policial de J. C. Canedo, *História de um crime ou o Crime de Aldeia*, recebeu uma segunda edição em razão de seu sucesso, o que, nas palavras do autor, devia-se, em alguma medida, “ao trabalho gráfico executado pelos artífices da Escola Técnica de Goiás, onde a arte e o gosto não se fizeram faltar”.⁵ Ainda na década de 1940, no mesmo ano em que colocava no prelo os poemas do professor José Lopes Rodrigues com o título *Vibrações* (1949), publicava uma obra de referência documental do historiador e geógrafo Zoroastro Artiaga, a *Monografia corográfica e histórica da nova capital de Goiás*.

Dois anos depois, em 1951, eram impressas as *Lendas de minha terra*, obra de Mário Rizério Leite contemplada pela Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, política de fomento à literatura goiana criada pela Prefeitura de Goiânia em 1943. Em 1955, Bernardo Élis apresentava seu único livro de poesia, *Primeira chuva*, com a inscrição “Tip. e Enc. da ETG”. Nesse mesmo ano, Gilberto Mendonça Teles estreava sua longa trajetória na escrita poética com *Alvorada*, também forjada pelas mãos dos escolares linotipistas. No início da década seguinte, Teles continuou sua parceria

4 AIRES, 2010.

5 CANEDO, J. C. *História de um crime ou o crime de aldeia*. 2. ed. Goiânia: ETG, 1948.

com a gráfica dos artífices: publicou, em 1962, *Pássaro de pedra*, que recebeu o Prêmio Álvares de Azevedo, concedido pela Academia Paulista de Letras, e editou, em 1964, seu discurso de posse na Academia Goiana de Letras com o título “A poesia de Leo Lynce e o sentido simbolista da obra poética de Erico Curado”.

Os anos 1960 foram marcados por uma produção profícuca, que traduzia o contexto de movimentação artístico-cultural de uma juventude criadora. Em 1963, Ciro Palmerston Muniz, Geraldo Coelho Vaz, Yêda Schmaltz e Edir Guerra Malagoni participaram da criação do Grupo de Escritores Novos (GEN), que, até 1967, agremiou vozes que desejavam trazer mudanças à literatura goiana, sintonizadas com o movimento literário nacional e internacional. A gráfica da ETG tomou parte nesse processo quando levou do chumbo às páginas os livros desses quatro poetas, respectivamente: *Tempo maior* (1962), *Poemas de ascensão* (1963), *Caminhos de mim* (1964) e *Tardes do nada* (1965). No final da década, já com a marca da nova institucionalidade de uma autarquia da União, Escola Técnica Federal de Goiás (ETFG), vinham ainda a lume pelas mesmas tintas a coletânea de poemas da musicista Silvia Nascimento, *Madrugada* (1968), e a seleta de crônicas, contos e novelas de Nita Fleury Curado, *Vida* (1969). No início da década seguinte, a ETFG apresentava ao público a criação poética de Emir Omá (pseudônimo do poeta Euler de Amorim) por meio da segunda edição de *Aquarelas goianas* (1970) e do lançamento de *Flor de abril* (1971), as últimas obras que teriam sido impressas à época nas linotipos da Escola.

De todas essas obras foram selecionadas dez para representar a produção e compor a Coleção Artífices, que resgata não só a história do IFG e sua incursão no mercado editorial, mas também as marcas deixadas no estado quando da transferência da capital e os sentimentos vividos naquelas décadas, literalizados

nas páginas de diversos autores, muitos deles em suas primeiras obras. Apesar de a personalidade editorial não ser prioritariamente literária, uma vez que se publicava todo tipo de material impresso, sendo a gráfica acessível àqueles que pretendiam divulgar seus escritos, a literatura se destaca nesse período, principalmente em razão da publicação das primeiras obras daqueles que iriam se tornar grandes nomes da literatura regional e nacional. Da materialização dessas obras nascem a circulação e a divulgação delas feitas pelos jornais, pelos suplementos literários e pelos próprios autores, em saraus e encontros na capital goiana. Na livreria Bazar Oió, conhecido espaço cultural da capital goiana à época, os autores circulavam em diversos momentos e eventos. A importância de materializar uma obra literária naquele momento é perceptível ante a promoção dos escritores publicados pela ETG em jornais e revistas não só do estado de Goiás, mas de São Paulo e de cidades como Brasília e, especialmente, Rio de Janeiro – centro urbano que naquele momento ainda era considerado uma forte referência no circuito cultural.

Naquele contexto, esse movimento dependia muito das relações sociais, políticas e literárias de cada autor. A republicação atual ganha um novo aspecto e novos suportes, o que permite uma ampla circulação e divulgação por meio das plataformas digitais. Nesse aspecto, cabe a perspectiva de Le Goff, ao afirmar que “a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”.⁶ Republicar significa memorar e marcar a presença cultural de uma instituição centenária e a sua importância para a produção literária, ao mesmo tempo que repre-

6 LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas, SP: Unicamp, 1999, p. 471.

senta a afirmação da literatura goiana no cenário da literatura brasileira, o que é favorecido pela capilaridade da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, mesmo que a obra dos autores de Goiás ainda careça de reconhecimento em âmbito nacional.

Antonio Candido, no prefácio de 1957 à primeira edição do seu livro *Formação da literatura brasileira*, inscreve o seu apreço à nossa literatura na base do estudo apresentado. Embora à época tenha visto a literatura brasileira como “galho secundário” da portuguesa, esta, por sua vez, menor no “Jardim das Musas”, Candido diz: “Se não for amada (a literatura), não revelará a sua mensagem; e, se não a amarmos, ninguém o fará por nós”.⁷ O que nos interessa da afirmação de Candido não é a visão sobre o lugar ocupado pela literatura brasileira no conjunto da literatura ocidental, mesmo porque, passados mais de sessenta anos da publicação, e já àquela época, temos obras que fazem frente à mais qualificada produção literária da Europa e das Américas. O que chama a atenção é a disposição afetiva colocada no gesto do crítico e a responsabilidade ética que ele demanda do leitor e do estudioso de se debruçar sobre a nossa literatura.

A lembrança dessa passagem do livro de Candido vem a propósito do que temos a dizer sobre a literatura goiana, que teve na gráfica da ETG sua primeira casa editorial efetivamente de Goiás. Essa literatura surge com *O ditirambo às ninfas goianas*, que é tido como um canto de encômio feito pelo professor de latim e poeta Antonio Cordovil ao governador da província Tristão da Cunha Menezes. Nos registros consta a publicação de Cordovil entre 1792 e 1800. A considerar esse marco, temos, então, uma

7 CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos: volume 1: 1750-1836*. 8. ed. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1997, p. 10.

literatura com cerca de 220 anos, que nasce sob a égide da implantação da educação em Goiás, tendo em vista que Cordovil veio para cá com a função de ministrar aula de latim em Meia-Ponte, hoje Pirenópolis/GO. Uma literatura relativamente jovem que só vai constituir-se como tal no final do século XIX e no início do XX, quando podemos perceber uma produção modestamente acolhida por um público leitor, especialmente na capital da província e, depois da República, capital do estado, onde havia uma vida cultural intensa.

É esse contexto literário que, passado um pouco mais do seu centenário, produziu *Tropas e boiadas* (1917), de Hugo de Carvalho Ramos, uma das mais originais coletâneas de contos, já à época reveladores dos contrastes entre o urbano e o rural, entre o progresso e uma cultura sertaneja forte, presentes até hoje na identidade do povo brasileiro. Carvalho Ramos ganhou a cena nacional, mas contemporâneos seus ficaram à meia-luz como os poetas Félix de Bulhões, Luiz do Couto, Gastão de Deus, Augusto Rios e a poetisa Leodegária de Jesus. Sem citarmos Cora Coralina, que já mostrava seus primeiros escritos nos jornais e nos saraus.

Só mais tarde, com a mudança da capital e a construção de um contexto cultural embalado pela ideia de modernização, com agentes fomentadores e meios de produção criados, como a gráfica da ETG, é que a literatura goiana encorpou-se e desenhou com mais força seu percurso até os dias de hoje. É essa literatura, em cuja linha histórica percebemos as lacunas, o esquecimento e tantos silêncios, que a posição amorosa de Antonio Candido, citado anteriormente, serve para nos ensinar a valorizar e demonstrar nosso apreço a partir de sua leitura, de seu estudo e de sua partilha. O que a Coleção Artífices aqui apresentada propõe é trazer, às leitoras e aos leitores contemporâneos, poetas e escritores que impulsionaram a lite-

ratura goiana para ser o que ela é hoje: digna de ser lida e de ser examinada pelos leitores e bons críticos do estado de Goiás. A gráfica da ETG, ao publicar esses autores no passado, assumiu protagonismo na história da literatura goiana, contribuindo para a sua afirmação e difusão. E o Instituto Federal de Goiás (IFG), agora, ao reeditá-los, abre o espaço que lhes pertence por direito no tempo presente e nos convoca para a leitura que exige o dever de “passar a limpo os autos do passado”.

Em 1947, aquele que apresentava o pequeno livreto de poesia ressaltou a qualidade dos poemas apresentados na ocasião. Dos três jovens poetas, apenas A.G. Ramos Jubé, que galgou o segundo lugar do concurso estudantil com o poema “Semelhança”, notabilizou-se nas letras goianas. Élis, Lynce e Brasiliense apontam-lhe os acertos. Não saberíamos dessa relação entre gerações de escritores goianos se não fosse as artes das oficinas de tipografia e encadernação da Escola. Como os estreates na poesia, eram também aprendizes muitos dos que trabalharam na artesanania dos tipos para compor a mancha gráfica dos poemas e das narrativas impressas na gráfica da ETG/ETFG dos anos 1940 aos anos 1970. Cá e acolá catam-se gralhas e pastéis, comuns ao ofício na linotipo, mas os erros tipográficos não nos impedem de ler e de apreciar as palavras reveladas pela mãos dos artífices da prensa. A eles temos de prestar uma justa homenagem, porque nos legaram a possibilidade de conhecer livros que poderiam ter restado no silêncio. Com essa homenagem, conectamos dois tempos e dois mundos, o que se materializa, inclusive, no projeto gráfico dos dez livros: suas capas originais, cuja imagem está reproduzida no interior das reedições, dividem espaço com as novas capas, resultantes da recriação de desenhos produzidos em xilogravura por alunos do IFG/Câmpus Aparecida de Goiânia como parte

das atividades da Galeria Artes e Ofícios, a qual, em seu nome e em sua prática, rememora a artesanania de outrora.

A transposição espaço-temporal acontece também na composição das novas edições: reunimos à poesia ou à prosa dos escritores goianos prefácios de vozes célebres da cultura goiana, posfácios críticos de estudiosos da literatura do IFG, da UFG, da UEG e de outras instituições parceiras e, por fim, a reprodução de matérias jornalísticas veiculadas sobre os livros à época de sua primeira publicação, a maioria delas gentilmente cedidas pelo jornal *O Popular*. A todos os que colaboraram para tornar possível essa rica composição, registramos nosso agradecimento, sobretudo aos autores e familiares que cederam os direitos de publicação à Editora IFG.

Numa ou noutra das obras desta coleção que ora apresentamos, alguns poderão acusar fragilidades poéticas ou mesmo ideias anacrônicas, contudo ninguém poderá retirar-lhes o mérito de ter contribuído para edificar e fortalecer a literatura goiana e, assim, para promover a leitura literária em Goiás – movimentos imprescindíveis para a valorização intelectual de nosso povo. Com vistas a essa dinâmica, a Editora estabeleceu sua estratégia de distribuição: toda a tiragem segue das gráficas para as estantes de bibliotecas públicas. Parafraseando os excertos que abrem esta apresentação, nós, os coordenadores da Coleção Artífices, não vacilamos em convidar os prezados leitores, sobretudo os estudantes, a folhearem, com os olhos no futuro, cada uma das obras, sorvendo, sondando, desnudando a memória, a cultura, a história que nestas páginas existem.

OLLIVER MARIANO ROSA

MARCELA FERREIRA MATOS

GOIANDIRA ORTIZ DE CAMARGO

COORDENADORES DA COLEÇÃO ARTÍFICES

PREFÁCIO

LENDAS DE MINHA TERRA

Não havia lido, ainda, *Lendas de minha terra*, do saudoso confrade e colega Mário Rizério Leite. Ouvira comentários sobre a obra, de vultos das nossas letras, como Marieta Teles Machado, José Mendonça Teles e outros companheiros de lides, sempre admiradores dos trabalhos literários do médico, professor, jornalista, contista e romancista que, com méritos e dignidade, ocupou pioneiramente a cadeira 39 da Academia Goiana de Letras. Saboreava, porém, ao menos uma vez por semana, suas crônicas deleitantes no *Diário da Manhã*, jornal em que também eu atuava.

Posso dizer que Mário Rizério, tal como tantos outros de sua geração, trazia na própria essência o privilégio da cultura vasta. Não somente a cultura acadêmica – que muitos dos críticos hodiernos, talvez por incapacidade pessoal, entendem ser inútil – mas a capacidade aparentemente inata de contaminar-se por tudo o que o cercava. A vida escolar, tanto nas escolas de base quanto no andamento de sua formação universitária, propiciou-lhe a competência crítica para alinhar em seu perfil pessoal técnicas e práticas profissionais, embasadas na história do próprio ofício médico, associando-as ao conhecimento advindo das tradições orais de sua origem sertaneja, do exercício dos valores transmitidos por pais e avós e da desenvoltura para viver na capital baiana – berço de sua formação médica – e nos sertões goianos de tanta rudeza, como o eram os das encostas

da Serra do Duro, limite natural entre a sua Bahia de origem e o seu Goiás de conquista e vivência.

As lendas “Mãe-da-Lua”, “O lobisomem”, “Romãozinho”, “O Caapora e Negro-d’Água” chegaram-me aos olhos e sentimentos como as saudades da infância – a minha, obviamente, que descubro por demais parecida com a dele próprio. Lendas contadas no borralho de casa, seja a nossa própria ou a de um ou outro vizinho, vez que as amizades, nos meus tempos de infância, lá por 1950 e pouco (quando vinha à luz o seu livro), deviam ser como as dele lá p’ras bandas de Brumado (Bahia) na segunda década do século passado, há um século. Eram os tempos em que, mormente nas pequenas comunidades, vizinhos eram quase parentes.

A tradição oral é, na história das nossas vidas, importante canal de histórias, lendas, notícias e educação. Falando por mim, recordo-me que a “moral da história”, após cada caso, era algo a ser aprendido – e praticado! Havia as histórias de nos fazer rir, as de nos preocupar e até as de meter medo. Todas finalizadas com a frase que sucedia a marca indelével: “moral da história”.

A linguagem corrida de Mário Rizério, já na primeira das lendas, expressa o respeito do autor às personagens e aos grupos indígenas. Em lugar de aplicar pastiches linguísticos às falas dos índios, ele as traduz para a dita “língua culta”, deixando evidente que o pensamento – ou a capacidade racional – funcionam de igual modo nos cérebros selvagens. As formas, adereços e desenvoltura dos textos, porém, chegam ao livro tal como o autor os entende. E, em todas as histórias, tanto na vilania do índio Irapuã (“Mãe-da-Lua”) quanto no ciúme da índia Ivahy (“Negro-d’Água”), a má índole surge com facilidade, antes mesmo da indelével lição de moral.

Em Lobisomem e Caapora, os medos expressos das personagens ante as misteriosas assombrações causam-nos risos – desde que vivamos a fase da vida em que não nos intimida o temor ao “desconhecido”. A caçada de tatu, aventura secreta de um adolescente, sob a esperança (equivocada) da proteção que lhe daria o comandante da polícia, é algo de temerário, tal como as provocações contra o velho Porfírio, que “virava” lobisomem (virava?).

Dessas históricas lendas, somente Romãozinho não me remete à infância. Para mim, traquinas era o Saci, que viajava num redemoinho e divertia-se pregando peças nas pessoas. Já o menino, cuja mãe desejou tão ardentemente que se propôs a concebê-lo mesmo sob os riscos de ser a mais “trabalhosa” das crianças, ele não povoou minhas fantasias infantis. Deste anti-herói, prefiro a versão de meu amigo e parceiro Jorge Braga, em sua série pioneira de gibis goianos sob o mesmo título, apenas um menino peralta, como devem ser os meninos, mas sem as maldades descritas na contação de Mário Rizério Leite.

Do conjunto, destaco a linguagem do autor, dono de estilo marcado pela clareza, pelo vocabulário rico e por breves marcas românticas. É a competência de bem-contar. A leitura remeteu-me a textos jornalísticos, em crônicas e artigos, e à postura simples e agradável, desprovida de poses, como se tem nas pessoas que se sentem ricas de saberes. Mas justo por ser rico em saberes, ficou-me a imagem de doçura e simplicidade franciscanas do velho companheiro de ofício e sodalício, que se foi um tanto cedo – faltavam menos de dois anos para o registro de seu centenário!

LUIZ DE AQUINO

Membro da Academia Goiana de Letras

ANGÚSTIAS DE UMA ESTREIA

Este pequeno livro que, num esforço de principiante somente agora consegui dar à publicidade, ocasionou uma série de acidentes deveras desconcertantes, cuja história breve contarei, linhas adiante.

Mãos invisíveis teimaram em divertir-se às minhas custas, num esconde-esconde de mau gosto.

Sem o saber, havia caído no desagrado de alguma Fada, cujos poderes mágicos, durante algum tempo, espalharam a confusão e o mistério sobre o caso. Sua varinha de condão, tocando as páginas de “Lendas de Minha Terra”, teve a infelicidade de despertar os duendes que lá estavam.

Sob o efeito magnético daqueles fluidos, ergueram-se satisfeitos e insolentes para presenciar, escondidos, a aflição do seu benfeitor.

E como eles eram o próprio livro, ao sumirem-se, desaparecia este, numa comédia incompreensível e cabulosa.

E deveriam ter dado boas risadas ao me verem aflito, incomodando os amigos, remexendo as gavetas.

O encanto do Lobisomem, porém, é efêmero. Terminada a Semana Santa, ele volta ao que era.

Foi nessa metamorfose regressiva que ele arrastou os companheiros para o sono da Inatividade.

Desapareceu a magia. Tudo voltou à calma.

Submetido o livro à Comissão Julgadora da Associação Brasileira de Escritores, Secção de Goiás, em princípios de 1950, voltou à Prefeitura Municipal a 3 de julho do mesmo ano, para fins de orçamento e impressão.

A 31 de janeiro de 1951 foi empossado o atual prefeito de Goiânia, professor Venerando de Freitas Borges.

Dias depois de sua posse, oficiou ele à Secretaria para que lhe fossem remetidos originais dos livros a serem publicados pela “Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos”.

Com espanto de todos, constatou-se o desaparecimento do original e da cópia de “Lendas de Minha Terra”.

Mandou o Prefeito, a quem não faltam energia e ação, que se instaurasse imediato e rigoroso inquérito.

Certo dia, ainda no curso do referido inquérito, para nossa maior admiração, em lugar que havia sido rebuscado antes, várias vezes, apareceu, uma cópia. E esta veio só e permaneceu só, até findarem as buscas.

Em vista disso, fui obrigado à confecção de duas outras, aproveitando os momentos que reservara ao descanso.

Finalmente, depois de tudo resolvido, quando não mais esperava encontrar obstáculos, surge novo impasse: havia um livro cuja entrada na Prefeitura precedera à do meu. Isto significava que “Lendas de Minha Terra” teria que aguardar o ano de 1952 para, se a verba permitisse, ser publicado.

Mais uma vez, porém, a ação decisiva do prefeito Venerando e a ajuda de alguns amigos, entre os quais Eli Brasilense, vieram em meu auxílio.

Novo e rápido inquérito foi ordenado, afim de que se esclarecesse qual dos dois livros fora enviado em primeiro lugar.

Mais uma decepção nos aguardava. Havia desaparecido o ofício da remessa da Comissão Julgadora do outro livro, cujo autor se arrogava esse direito.

Foi quando alguém me fez ver que, na sede da Comissão, deveria existir uma cópia do ofício desaparecido.

Evidentemente lá estava ela. Deste modo me foi fácil provar que os dois livros foram encaminhados na mesma data, isto é, 3 de julho de 1950.

Isso feito, decidi o professor Venerando de Freitas Borges que a verba fosse dividida e ambos seriam editados.

Repetiu-se, assim, a justiça de Salomão...

Goiânia, 10 de março de 1951.

O AUTOR

A MÃE - DA - LUA

Velho Braz atiçara o fogo. Retirando do mesmo uma pequena brasa, dispunha-se a acender o cigarro de palha, quando um grito horrível e penoso fê-lo deixar cair o lume.

– Ah, bicha danada! – exclamou zangado, com o susto que levou.

– Que será isso, Braz? – indagou nervoso o Peixoto, er-
guendo-se, bruscamente, da rede. Parece um pedido de socorro.

Braz deixou escapar um sorriso confiante de quem co-
nhece muito bem os segredos da floresta e disse calmamente:

– É a Mãe-da-Lua, meu patrão. Só canta de noite e nun-
ca é vista de dia. Ninguém sabe como ela é. Uns falam que é
branquinha como leite; outros juram que é cinzenta como a
coruja. Eu sempre...

– Ai! Ai! Ai! Ai! Ai!...– repetiu a mesma voz, acentu-
ando a primeira exclamação e diminuindo nas demais, até se
tornar imperceptível.

Peixoto saltou da rede e achou-se, num instante, agarrado
ao velho tropeiro, que sorria alegremente dos receios do rapaz.

– Não tenha medo, Peixoto – tranquilizou-o Ge-
nésio. É apenas uma ave cujo canto não agrada. De já você
terá que se ir familiarizando com as novidades do sertão,
desconhecidas na capital. Muitas surpresas o aguardam, por estas regi-
ões em fora. A lenda da Mãe-da-Lua é muito bonita, não a conhece?

– Lenda da Mãe-da-Lua? Então esta ave tem uma história?

– Tem, sim. Por sinal, muito expressiva. Não fossem horas de dormir...

– Não tenho sono – atalhou o outro. Sou um grande admirador destas coisas que têm sabor de mistério e que a imaginação nativa amplia com rara beleza.

– Ai! Ai! Ai! Ai! Ai!... – ecoava na mata o lamento lúgubre de alma penada que, para quem não conhece, tem o valor de uma assombração.

Peixoto estremeceu de pavor. Aquela canção fúnebre, no meio da noite e no centro da floresta, causava-lhe um medo estranho. Não obstante, foi com manifesta curiosidade que implorou ao amigo:

– Conta-me a lenda, Genésio.

– Pois seja...

Acendendo um cigarro, assim começou:

Irapuã era o orgulho de sua tribo. Forte e destemido, era o terror de seus inimigos. Nos combates, sobrepujava todos, em valor e impetuosidade. O velho cacique Inuarú via no filho o verdadeiro continuador da tradição da família, que soubera ser respeitada pelas tribos vizinhas. Sonhava para ele uma digna consorte e foi com excepcional contentamento que acolheu a sua escolha, da formosa Ijuruêma.

Certa vez, voltava o índio retardado da caça, esquecido de que naquela noite seria celebrado o seu casamento. Ao chegar perto, a memória o chamou à realidade.

Parou a observar o que, na aldeia, se passava. A lua bonita iluminava o cenário preparatório de um acontecimento fora do comum. No terreiro, a alegria estuava. As danças selvagens, misto de acrobacia e fetichismo, ocupavam quase todo o programa festivo.

De seu trono improvisado, enfeitado com palhas de coqueiro e flores silvestres, o velho cacique presidia à representação. Era com um leve sorriso a brincar-lhe nos lábios, que seguia com interesse aquele espetáculo exótico, mas de alta significação.

Faltava Irapuã, que tardava a aparecer. Esta circunstância preocupava a todos e um certo desapontamento começava a circular. O velho chefe não escondia a impaciência, com a demora do filho.

– Ter-lhe-ia acontecido alguma desgraça? – indagava de si mesmo. Mas ele é bravo e forte... não há de ser nada...

No entanto, o índio presenciava escondido o que ali se passava. A princípio pensou em logo se apresentar, porém quis antes fazer uma surpresa à noiva.

Sem ser percebido, dirigiu-se à cabana. À luz da lua, nas vizinhanças da mesma, pôde notar dois vultos que se abraçavam. O semblante alegre se transformou, num instante. Rápido como a fera acossada, retesou o arco. A seta partiu veloz e um grito de dor se fez ouvir no meio da noite. De um salto, estava junto de ambos.

– Que fizeste, Irapuã!... Mataste minha irmã!... – exclamou, em soluços, a bela Ijuruêma. Em seguida curvou-se sobre a infeliz, que agonizava. Irapuã imitou-lhe o gesto, examinando-lhe as feições, ainda sob os efeitos da cólera e da desconfiança. Logo depois, pousou-a, aflito, nos braços da noiva e exclamou, desolado:

– Miserável que sou!... Por que não me apresentei antes, à tribo?... Por que não cheguei mais cedo? Como se explica esta cena, querida?

A formosa morena, enxugando as lágrimas com as mãos, assim falou:

– Tu tardavas a chegar e a tribo reclamava a tua presença. Sinais de descontentamento começavam a surgir e a festa esfriava. Todos exigiam a tua pessoa e teu pai se ressentia de tua atitude. Nossa confusão aumentava e não sabíamos como proceder.

Minha infeliz irmã, notando meu embaraço, sugeriu-me a ideia de fazer as tuas vezes, na dança nupcial. Estávamos ensaiando os passos para representação, quando aconteceu o que está vendo.

Inclinou a cabeça sobre o peso da dor e as lágrimas brotaram em profusão.

– Que tristeza! – murmurou surdamente o índio. Cuidei que fosse um homem... Sou um infeliz... Irei apresentar-me ao conselho da tribo que, ao invés das aclamações da noite, submeter-me-á ao seu julgamento inexorável.

Antes que ela o pudesse deter ganhou, de um salto felizino, o centro da alegre reunião.

– Irapuã!... Irapuã!... – bradaram mil vozes, numa explosão incontida.

A atitude sombria e desconcertante do jovem fez gelar o entusiasmo no coração de todos. Num relance, compreenderam que algo de anormal viria destruir o calor da festa.

Lívido e emocionado, ele começou:

– Pai, não sou digno de ti; não mereço o teu perdão. Manchei o teu nome, desmereci o teu amor. E de vós, boa gente desta tribo indômita e nunca vencida, não espero e nem aceito o menor sentimento de piedade. Sempre combati ao vosso lado e jamais desmoralizei a confiança que, em mim, depositastes. Tu, meu pai, estás velho e sem forças. Bem sei que não é pequena a esperança que acalentas a meu respeito. Eu, porém, sou indigno de ti, pois destruí o sentimento de honra e glória que sempre te fez venerado por este povo valente e incapaz de uma vileza. Confessarei, gente de minha tribo,

o crime cometido. Aqui mesmo, no centro deste terreiro, o mesmo terreiro que fora engalanado para minha sagração, aguardarei impassível, mas arrependido, o castigo à ignomínia que acabei de consumir. Neste momento acabo de assassinar a irmã de minha noiva, tomando-a por um rival. O desvairado ciúme conduziu-me a esta tragédia.

Quando aqui cheguei, a cerimônia nupcial havia começado. Movido por um leve sentimento de volúpia, quis ver a minha amada, antes de me apresentar a vós.

De vez que a minha presença estava sendo reclamada com insistência, lembrou a desventurada Moêma que me devia substituir. Naquele disfarce de homem, fui surpreendê-la abraçada à minha noiva. Cego pelo ciúme e pelo amor-próprio ultrajado, assassinei-a brutalmente.

O velho ouvira, impressionado, a narração do filho. Logo que este terminou, seus olhos brilharam de cólera e, com voz trêmula, sentenciou:

– Filho ingrato, vergonha de nossa raça! Não sabias que o teu dever era te apresentares ao conselho, antes de ires a outra parte?... Não pensaste no castigo por esta grave falta? Que mau espírito te entrou na cabeça, para infringires minha sagrada ordem?... Tu que deverias ser o primeiro a dar o bom exemplo!...

Não sabias então, que nenhum filho desta honrada tribo seria capaz de tocar em tua noiva?... Filho degenerado, maldição sobre tua cabeça!...

Teu castigo será ditado aqui mesmo. Entrego-te às mãos de meu povo, para que ele próprio faça justiça.

Finalizando, o velho Inuarú derreou a cabeça para ocultar, talvez, alguma lágrima furtiva que viesse esmaecer o sentido profundo de suas últimas palavras, que o senso do dever lhe impusera, de maneira indeclinável, impiedosa.

Irapuã quedava imóvel no centro do tribunal. Um silêncio de tûmulo pesou no ambiente.

Todo aquele povo o estimava, com um fervor quase religioso. Valente, mas compassivo, enérgico porém razoável, sua bondade sem limites criara raízes profundas na alma daquela gente reconhecida. Por isso mesmo contava com a fidelidade e a dedicação de todos, que anteviam naquele jovem um futuro de grandeza e prosperidade para a tribo.

Em meio a um mutismo que todos desejavam ver terminado, foi ele próprio quem o quebrou:

– Continuo à espera do vosso pronunciamento. Por que não vos decidis, homens de minha tribo? Por acaso estareis compadecidos deste criminoso que aqui se encontra? A vossa fraqueza me causa nojo e aversão. É aviltante pensar que os homens intrépidos da tribo Carajá perderam o sentimento de bravura e amesquinharam o seu grande dever. Precisais saber que esta expectativa me lancina o coração, porque põe a nu a vossa tibieza.

Ao concluir estas palavras, olhou em roda. Sua vista parou um instante no fundo do círculo. Lá estava a encantadora Ijuruêma, imagem fiel da desolação e do desespero, para ampliar ainda mais a visão do crime. Ninguém ousava levantar a cabeça. Corria na alma de todos aquele pressentimento constrangido que nos previne de uma catástrofe próxima e inevitável, contra a qual somos impotentes para reagir. Sabiam eles que o velho cacique era irrevogável em suas decisões.

Alguém se moveu; era ele quem ia falar. Ia romper, finalmente, aquela cena consternadora de uma coletividade amordaçada pela dor e incapaz de um gesto. Começou lenta e pausadamente. Sua voz já não possuía aquela tonalidade característica. Havia nela certa dose de tristeza e de saudade. A falta de resolução de seus súditos falava bem alto da estima que

gozava o filho. Seu coração de progenitor vacilava defronte do terrível dilema que a consciência lhe apresentava. O silêncio da tribo lhe devolvia o julgamento com ponderável atenuante, ele o percebeu. Sua obrigação, porém, era puni-lo, num exemplo frisante. Qualquer indício de sentimentalidade lhe seria odioso, embora, no momento, não fosse motivo de escândalo. Uma profunda reação lhe agitava o espírito.

Existia o desterro, mas este castigo era reservado àqueles que, nas guerras, se portavam com fraqueza e covardia. A morte, não a queria para o filho.

Por fim, sua voz assumiu um timbre mais forte.

– Insensato!... Minha gente se nega a punir-te. Não serás sacrificado, pois a tribo assim o quer. Eu, porém, saberei lavar a mancha que maculou a minha honra e feriu a dignidade desta grande família. Minha consciência permanecerá tranquila, não deixando impune o teu delito sem precedentes. Ordeno-te, por conseguinte, que abandones a Nação Carajá e vagueies pelo mundo, até que o remorso te haja muito ensinando. E quando oito luas forem passadas, voltarás ao seio do nosso povo e o teu crime ficará esquecido na mente de todos nós. Adeus, filho desnaturado, escória de nossa família. Que não demores em partir...

Proferindo esta sentença, virou-lhe as costas.

O jovem ficara como que fulminado. Aquela pena não lhe podia ser imposta, porquanto jamais fora pusilânime e indigno nas lutas. Tãmanha desconsideração era demais...

A tribo permanecia em silêncio, atestando pactuar com as ideias do chefe, votando-lhe o maior desprezo de um povo, indicando-lhe, por seu turno, o caminho vil do traidor. Erguendo os olhos, em que esplenderam a ira e o desdém, articulou estas terríveis, navalhantes palavras:

– Não pedi e nem aceitaria o teu perdão, pai injusto e desumano. Ser-me-ia infamante e afastá-lo-ia com repugnância. Sou culpado e não escondi o meu crime. Sua expiação, no entanto, deve ser outra que não esta miserável decisão que acabas de vomitar, como peçonha virulenta de imundo réptil. Tal iniquidade em tempo algum esquecerei. Sou jovem e tenho força bastante para suportar o peso inominável do remorso... E tu, mãe, também lanças a maldição ao teu filho?

A velhinha vacilava, demorando a resposta. A indecisão se manifestava na sua face encavada pelos anos. Adivinhava-se a luta interior que a devorava naquele momento cruciante. Com um olhar vago percorreu a assistência, à procura, talvez, de um coração solidário na dor imensa que a martirizava. Inpletindo-o para os refulhos do ser, o semblante enlanguescido transfigurou-se de repente. Lá estava a infeliz irmã da vítima como o espectro da vingança, no mesmo paralelo do sofrimento.

Cobrando ânimo, disse, finalmente:

– Meu filho, tu és criminoso. O teu delito merece ser punido, bem o sabes. Não ignoro que o castigo de um herói é expirar, crivado de setas, no centro da taba. Confesso, porém, que não suportaria este remate. Conservar-te ao meu lado, sem a reparação do assassínio, resultaria na minha perene adversidade, envolvida no mais terrível sofrimento. Não te posso perdoar, antes que as oito luas hajam passado. Sem isso, pois, tua presença me será hedionda e... não desejo ver-te. Tiveste o prêmio do vilão e conforma-te com ele. Vai e não me dirijas a palavra, porquanto és um decaído.

O rancor e a revolta criaram vulto no coração despedaçado do índio. Foi possuído de suprema ironia que afirmou:

– Pai, a honradez e a bravura sempre foram o apanágio da tua tribo, como acabam de testemunhar o teu julgamento

luminoso e a nobre atitude da tua gente. Se não me queres dar a honra de morrer como mereço ao menos dá-me licença para escolher, entre os teus homens, o melhor guerreiro e, numa luta igual, decidir a minha sorte. Se acharem que um só não será suficiente, desafio a tribo inteira e morrerei batalhando. Este exílio humilhante, eu o detesto e não posso aceitá-lo.

Parou, à espera de uma resposta.

O velho Inuarú virou-se, encolerizado. Sua palavra feria como um raio e os seus olhos despediam fulgurações de ódio.

– Não ordeno a tua morte, porque não tenciono conspurcar as nossas mãos no sangue de um covarde assassino... Vai-te, miserável! Que meus olhos não te vejam mais... Contudo, se tua pena for cumprida com dignidade, poderás regressar à tribo... quando este velho impoluto deixar de existir.

Terminando esta derradeira maldição, retirou-se apressado.

Irapuã cravou os olhos em Ijuruêma, que não se movia do lugar e descarregou, num assomo de rebeldia, suas últimas palavras:

– Certamente estás partilhando das mesmas ideias destes imbecis. Entre um noivo tombado no campo da honra, e um marido vivo, porém coberto de vergonha, há de preferir este último. Olha para esta tribo e verás quão desprezível está esta cena e amolecidos estes rostos. Para que há de servir, mais tarde, este conselho de animais inertes e abomináveis? As dúvidas e as questões hão de um dia surgir, criando obstáculos irremovíveis à tribo e exigindo a orientação sábia de seus escolhidos... Com quem poderá ela contar? Estes homens com o coração de pomba revelar-se-ão inoperantes, ineptos para as soluções judiciosas. A vós, pois, gente medrosa e despida de sentimentos de hombridade, atiro enfarado, o meu “adeus para sempre”...

Num movimento brusco de onça ferida, deixou o terreiro e ganhou o mato.

Um grito angustioso e a queda de um corpo se fizeram ouvir. Ijuruêma caíra desmaiada à frente daquele povo, falto de um gesto para lhe prestar auxílio. Ela havia tentado dizer algo, porém a voz se lhe prendera na garganta. A vista turvou-se e sobreveio-lhe o desfalecimento.

II

Abandonado pelos seus e talvez pela sua noiva, Irapuã trilhava o caminho que o destino lhe rasgara. Para onde havia de ir, nem ele próprio o sabia.

Aquele castigo atroz que lhe acabavam de impor, ele jamais o perdoaria. Seu coração era um vulcão de ódio e de vingança. A imagem da encantadora Ijuruêma, às vezes, lhe aflo-rava ao pensamento, mas logo a afastava com indiferença e até com indignação. Ela não havia sentido a sua desgraça, pensava ele, ampliando o seu despeito, num doloroso complexo. Nenhuma palavra lhe brotara dos lábios no momento crucial de sua condenação e nem quisera segui-lo naquele exílio.

– É uma raposa como as outras...– dizia a si próprio.

Depois vinha-lhe à mente a cena do assassinio da irmã e tinha ímpetos de lhe perdoar, para satisfação do amor e do remorso que o consumiam.

A floresta virgem se desdobrava imensa diante de si. A luz do luar, filtrando-se por entre a folhagem das árvores, fazia desenhos na areia das estradas. O vento, balouçando os ramos nas frondes, imprimia movimento aos animais fantásticos que, em baixo, os mesmos simulavam. A mata parecia deserta. Seus habitantes dormiam ou não desejavam dar sinal de sua presença. Não se ouvia sequer o trilhar dos grilos. Aquela quietude, que para qualquer inexperiente não envolvia significado algum,

chamou a si o índio descuidado e absorto em densos pesares. Fê-lo libertar-se de uma introspecção perigosa. O cheiro forte de cabaça verde consolidou a suspeita do aguçado caçador. Inevavelmente ali perto andava um perigo iminente que era forçoso conjurar. De dia, ele não o havia de temer. Àquela hora, no entanto, as sombras da noite eram outro inimigo que o obrigava a agir sem demora. Mal havia coordenado este pensamento e já o plano tinha sido executado. Ali próximo estava uma pequena árvore. De um salto ganhou parte do tronco, vencendo o resto à maneira dos macacos. Naquela passaria o restante da noite.

Devia ter andado muito, porque se sentia cansado. Daí a instante entrou a cismar. Ijuruêma lá estava, desolada como a própria imagem do sofrimento. Contra a vontade, não a podia afastar do pensamento, pois um misto de tristeza e de alegria lhe impregnava a alma. Aquela doce e pungente visão comunicava-lhe euforia e angústia naquele isolamento acabrunhador. Quase que inconscientemente, iniciou uma série de perguntas a que ele próprio respondia.

– Será que ela não teve compaixão de mim?

– Certamente que não... Nem sequer se moveu para defendê-lo...

– E aquele pranto?

– Ora, aquele pranto! Saudades da irmã... Caso contrário ter-se-ia manifestado no curso do julgamento.

– E o meu desterro?...

– Não seja tolo, Irapuã. Não viu que nem ao menos procurou detê-lo?

– Tem razão... É uma fingida que devo esquecer... Não é...

Um reboliço no chão bem vizinho ao seu abrigo, veio cortar-lhe o triste monólogo. Ato contínuo, seguiu-se um grito surdo de animal, fortemente agarrado. Num repente,

ele tudo adivinhou. Retesando o arco despediu a flecha naquela direção. Um miado cavernoso se fez ouvir, ecoando com fragor na floresta tenebrosa, pontilhada de mistérios.

O índio, num suspiro de alívio, balbuciou apenas:

– De que escapei!...

O manto escuro da noite desaparecera, como por encanto, à aproximação esplendorosa dos albores do dia. Descendo da árvore, quis ver o desfecho daquele drama que se desenrolara nas trevas. Lá estava, por trás do taquaral, uma enorme onça pintada, o coração traspassado pela seta. Ali junto, a sua vítima, uma paca indefesa que saíra à cata de alimento.

– Esta me vai servir – disse, apanhando-a.

Muito andou, sem destino. O sentimento do ódio ganhava corpo em sua solidão. Sua penitência fazia aumentar, num crescendo assustador, a maquinaria da vingança. Sozinho naquele ermo, sem ter para onde se dirigir, sem um amigo sequer a quem pudesse transmitir a sua dor, entregava-se, de corpo e alma, à elaboração dos mais terríveis planos de represália aos seus.

Já três luas eram passadas, quando chegou às margens de um grande rio. Do outro lado habitava a tribo dos Xavantes, inimiga implacável da sua. Um sorriso diabólico traduziu-lhe o pensamento. Em seu cérebro reluziu, infernal, o vislumbre da hecatombe.

– Eles não me perturbarão aqui, pois não são muito amigos da água. Amanhã, eu mesmo irei até eles.

No dia seguinte construiu uma tosca embarcação e lançou-a ao rio. Ao tempo em que, com a mão esquerda levantava o arco partido, com a direita manejava o remo.

Na praia surgiram as primeiras figuras da nação inimiga. Arcos distendidos e burdunas em punho, aguardavam o estranho visitante. Chegando à margem oposta, desceu rápido e

arremessou distante a arma partida. Os outros aproximaram-se, em atitude menos perigosa. Em seguida cercaram-no, tomaram-lhe os braços e os envolveram em fortes amarras de imbé. Depois, foi o jovem conduzido à presença do chefe.

– Que vieste fazer aqui, inimigo abjeto?

– Sou de paz e trago-te boas notícias, destemido chefe.

– Dize pois... sê breve.

– Minha tribo desce à caça na próxima lua. Sua aldeia ficará desguarnecida, uma vez que não há perspectiva de guerra com os vizinhos. Lá ficarão apenas as mulheres e as crianças. Se for do teu agrado, valente cacique dos Xavantes, guiarei a tua gente e farás uma excelente presa.

O poderoso e autoritário chefe franziu a testa e acrescentou, com ameaça:

– Tua ação é vil e instila o veneno da cascavel. És um traidor e não mereces fé. Se verdadeiro, teu aviso nos servirá, mas... infeliz de ti se constituir uma cilada!... Terás morte lenta e horripilante e teus lamentos não encontrarão eco entre os meus. Dispensados o teu auxílio. Minha gente aguerrida irá sozinha, porquanto já rondamos a tua nação na lua passada. Ficarás prisioneiro dos Xavantes, até o regresso dos meus guerreiros.

Voltou-se para dois dos seus guardas e ordenou:

– Levem-no para minha taba e que dois homens o vigiem, dia e noite.

Amarrado e sob escolta permanente, o índio começou a sentir remorsos. Sua imaginação entrou a trabalhar febricitante:

– De que me servirá esta traição? Roubarão somente as mulheres e crianças e os meus julgadores nada sofrerão diretamente. Minha desforra incidirá unicamente sobre pobres vítimas que me não fizeram mal. Mas... ainda assim, estarei contente. Os que me condenaram privar-se-ão de suas esposas e de seus filhos.

Neste momento, porém, irrompeu-lhe na mente a imagem da noiva. Profunda nostalgia estampou-se lhe no rosto. O próprio amor lhe apontava à consciência mais este crime inominável. Assaltou-o o impulso incoercível de gritar e dizer ao chefe que toda aquela informação carecia de fundamento e que uma emboscada espreitava a sua gente incauta. Deste modo salvaria a vida daquela a quem amava cegamente, ainda que inutilmente procurasse esquecê-la. Era tarde, porém. Este novo ardid lhe custaria a vida, após tormentos incalculáveis. Ela seria salva, mas ele seria sacrificado, sem ter quem lhe chorasse a sorte. O monstro do ciúme lhe veio aliviar a consciência comovida. Não sendo sua, de outro também não haveria de ser. Era a filosofia destruidora do egocentrismo canibalesco. Novo sorriso mefistofélico iluminou-lhe as feições.

Os dias se passaram e a próxima lua havia chegado. Os preparativos foram meticulosamente aprestados e a expedição partiu. Irapuã fora cientificado, sob inclemente ameaça. Agora, já ele temia que sua tribo houvesse transferido a partida para a caça geral. Este acontecimento muito provável apertava-lhe o coração. Sua vida responderia pelo novo delito. Esta probabilidade amarga trazia-lhe profunda inquietação. De então, não mais lhe foi possível conciliar o sono, fugindo-lhe o apetite. Cada vez mais se avizinhava a morte, plena de transe alucinantes, pondo em jogo todo o resto de esperança que vinha acalentando.

III

A aldeia Carajá dormia despreocupada. Os homens tinham ido à caça, ficando apenas o velho cacique, as mulheres e as crianças. A noite estava linda e o luar iluminava a arena indefesa. A horda dos Xavantes, temível e sobranceira, punha-lhe cerco. Corria uma viração suave que brincava levemente na ramagem das árvores. Seu manso farfalhar encobria o ruído sutil dos guerreiros inimigos, no movimento envolvente. Seus passos eram abafados e o plano covarde se estendia. Lá dentro reinava um silêncio de túmulo. A interposição de uma nuvem projetou a sua sombra na terra, de que se aproveitaram os assaltantes para precipitar o ataque.

Na calada da noite, somente uma pessoa velava. Era a desditosa Ijuruêma. O semblante tristonho e abatido, a face pálida e esquelética, revelavam penas íntimas que as noites de vigília haviam acentuado com a indelével saudade dos desprezados. Desde que Irapuã partira, seu martírio havia começado. De tão bela, tornara-se quase repelente, em face do seu físico doentio e sem trato. A lembrança do noivo ingrato que lhe assassinara a irmã e a deixara naquele terreiro, sem um adeus sequer, jamais lhe saíra do pensamento... Cada um dos recantos da aldeia lhe fazia recordar aquele que se fora. Tudo lhe falava dele, naquela linguagem viva, doce e expressiva da saudade. Às vezes julgava-o morto e sentia perto a influência do seu espírito.

Já não embalava a alegria de viver e se opunha a tomar qualquer alimento. Seu estado mental aproximava-se da loucura e já todos temiam pela sua saúde.

Durante o pouco que dormira naquela noite, a qual antecederia à partida da tribo, tivera sonhos fantásticos, cheios de desgraças. Correria a contá-los ao cacique e a toda a aldeia. Ninguém emprestou seriedade à sua previsão, comentando o fato com tristeza:

– Pobre louca! – diziam. Não temos rixa com nenhuma tribo vizinha. Somente os Xavantes se atreveriam a nos atacar, mas em outra época...

Um pequeno depósito resinoso lhe servia de lamparina. A porta ficara aberta e a branda ventilação da noite misteriosa e silente refrescava o ambiente. Seus olhos se fixavam atentamente naquela pequena madeixa de cabelos negros que pendia da parede. Enlevada neste êxtase, parecia a estátua da obstinação ou a imagem de uma santa. Havia horas que se achava naquela posição de imperturbável misticismo, quando um grito gutural veio quebrar a tranquilidade que pesava em torno, ferindo-lhe os ouvidos, extremamente aguçados nos últimos tempos.

– É o grito do gavião real! – exclamou sobressaltada. O grito de guerra dos Xavantes.

Incontinente, um silvo agudo cortou o espaço e uma seta chamejante enterrou-se no rancho, a dois centímetros de sua cabeça. De um pulo, estava no meio da cabana e corria a avisar ao velho cacique. Ao atravessar, porém, o centro da aldeia, foi atingida por uma flecha certa, despedida por mão experimentada. Caiu, deixando escapar um grito de dor, o qual foi abafado pelo tropel do inimigo ao assalto. As setas incendiárias, conduzindo a resina acesa, cruzavam o espaço em todas as direções, deixando uma trajetória sinistra de mil demônios

que voassem. Atingindo o alvo, o incêndio se alastrava violento, obrigando os infelizes a abandonar seus lares. Cá fora eram aprisionados facilmente.

Em poucos instantes, toda a aldeia era uma fogueira gigantesca a iluminar aquele infortunado sítio, onde reinava a paz. Ao amanhecer do dia seguinte toda aquela gente foi contada. Ninguém faltava, confirmara o velho Inuarú, feita a pergunta de praxe pelos vencedores.

Um emissário foi enviado a levar à outra nação o resultado da campanha. Deveriam lá chegar ao fim da quinta lua, de vez que havia muita gente, crianças e mulheres. Muitos deles seguiam doentes e era mister que chegassem com vida.

Aquela massa humana caminhava dolorosa e tristemente, em busca de um destino cruel. No segundo dia de peregrinação, através de uma floresta fria e hostil, uma notícia veio antecipar o desenlace que estava reservado para mais além. O comandante dos guerreiros que conduziam aquele penoso comboio humano dirigiu-se ao cacique prisioneiro:

— És tu então, o chefe desta gente?

O respeitável Inuarú pensou em lhe não dar resposta. Entretanto, achou mais prudente evitar um incidente, num momento melindroso.

— Sim, sou — respondeu, ressumando uma tristeza infinita.

— Respeito a tua velhice, ainda que me seja necessário dizer-te o que penso. Tua raça deve ser exterminada, para que não venha deixar semente de traidores.

O desventurado chefe sentiu o sangue queimar-lhe a face. Com a fisionomia alterada, levantou esta pergunta, num repto de cólera:

— Por que insultas uma tribo a que não tiveste a coragem de enfrentar? Não é louvável a ação do teu chefe, ordenando

um ataque de surpresa a uma aldeia de crianças e mulheres, tu bem o sabes. Onde está, pois, a bravura de tua nação que espreita a saída dos meus guerreiros para roubar-lhes as mulheres e os filhos? Terás, por acaso, a audácia de elogiar este procedimento, indigno de um bravo? Admira-me que os Xavantes, apesar de fortes e poderosos, jamais tiveram a hombridade de enfrentar outra nação...

– Tua vida e a dos teus está em minhas mãos – atalhou o outro. Ouve o que te vou contar e falarás depois, raposa velha e nojenta. Teu filho Irapuã é nosso prisioneiro. Foi ele quem nos forneceu os dados para a captura de sua própria gente. Que pensar de uma tribo em que o filho do cacique a entrega inerte às mãos do adversário?

O velho Inuarú e sua esposa não tiveram forças para suportar esta terrível revelação. Caíram fulminados. Ijuruêma enlouquecera de todo e tentava estraçalhar-se. Seus gritos e gestos desconexos chamaram sobre si a atenção de todos.

– Azaúl! – berrou o comandante, enfurecido. Dá fim a esta cena.

Uma seta partiu, deixando agonizante aquela pobre vítima do amor.

A caravana do infortúnio recomeçou a marcha, abandonando três cadáveres de entes queridos, sem ao menos uma sepultura digna. As feras da floresta se encarregariam do resto.

IV

A alegria esfuziava na aldeia Xavante. Uma festa excepcional estava sendo organizada. Mulheres e crianças, jovens e velhos iam e vinham, numa atividade fora do comum, transportando enfeites dos mais variados feitios. As mocinhas empenhavam-se no adorno de uma espécie de palanque e cobriam de flores o imenso terreiro. As velhas, de comprovada experiência, entregam-se ao preparo da deliciosa bebida do suco de buriti. Toda essa azáfama e todo aquele preparativo buliçoso indicavam que ia ser estrondosa a recepção aos guerreiros que retornavam.

Irapuã contorcia-se de impaciência na prisão estreita, sob os olhos de lince de dois guardas. Neste momento a porta se abriu, dando passagem ao arrogante chefe da tribo. Em tom mais compassivo, mas sem deixar de ser prepotente, começou com império:

– Tua traição nos serviu, filho dos Carajás. A presa foi completa e ninguém logrou fugir. Aí vêm todos e, dentro em pouco, aqui estarão. De hoje em diante és livre na minha nação e ninguém te fará mal. Tomarás parte nas solenidades de hoje à noite, que serão os preparativos para a recepção aos meus guerreiros. Gozarás dos mesmos direitos que os meus subordinados. Soltem-no, pois.

Os dois guardas obedeceram pressurosos.

No rosto do prisioneiro brilhou uma nova expressão. A possibilidade do encontro com a noiva dava-lhe alento. Uma satisfação radiosa invadiu-lhe a alma, combalida pela longa espera.

Com o coração aos pulos, deixou a prisão e foi à procura do mensageiro que trouxera a nova. Este adiantou que todos estavam em paz, não sabendo porém das minúcias que lhe foram perguntadas. Ela vinha... era o suficiente.

À sua passagem, todos lançavam olhares curiosos e reconhecidos. A maldade é mesmo assim; há sempre quem tire proveito dela. Alguns mais entusiasmados chegaram a aproximar-se e erguê-lo nos braços, numa distinção só aos heróis deferida. Apressavam-se outros em oferecer-lhe bebidas e o convidavam, respeitosos, a sentar-se entre eles. Queriam ouvir-lhe a voz, admirar-lhe os gestos, nesta demonstração incontrastável da “psicologia das multidões”: Hoje contra alguém e amanhã pelo mesmo alguém.

O enorme terreiro respirava marcialidade. Era o prelúdio de uma festiva demonstração de simpatia a um exército vitorioso. O movimento inicial da comemoração de um acontecimento verdadeiramente inglório, a apoteose de uma traição, cujo responsável sorria de felicidade, à perspectiva de rever a amada, sem fazer conta do preço lastimoso que estava custando ao seu povo inocente.

Os tambores deram início à cerimônia bárbara. Os primeiros coroados entraram em cena, começando a dança desengonçada. Os aplausos estrugiram naquele círculo humano que os assediava. O excesso de adornos tornava mais exótico o bailado primitivo. Os dançarinos o desempenhavam com plena convicção de estarem fazendo algo de belo e empolgante. Suas fisionomias de diabólica expressão pareciam espelhar, com supremo gozo, o contentamento geral.

Terminando o primeiro ato, ingressou no terreiro um segundo grupo de festeiros. Agora era um número de luta livre,

muito apreciado. Ao finalizar, a multidão abriu-se para deixar passar alguma coisa de extraordinário. Um cortejo singular e expressivo se aproximava, ladeado por vários músicos, que sopravam em canudos longos, uma sinfonia infernal. Por uma ala quase interminável, penetrou na reunião solene o herói daquela festa, o índio Carajá que entregara seu povo amordaçado ao inimigo desumano. Quatro homens o trouxeram numa espécie de andor e o foram colocar no centro do círculo.

Um alarido horrível e atordoante reboou no ambiente. Irapuã desceu majestoso do trono de vileza. O amor embotara-lhe a consciência e nem sequer meditava na desgraça imensa que lhe dera aquele triunfo. Pouco se lhe dava da sorte dos seus, se a amada vinha entre eles. Facilmente obter-lhe-ia perdão e ali mesmo se casariam.

A confusão festiva se estabeleceu agora. Era ele sequestrado pelas mais lindas virgens da tribo. Bebiam-lhe o sorriso com voluptuoso prazer. O suco fermentado do buriti aumentava a expansividade e a roda descomunal se apertou, para senti-lo mais próximo. Dominando toda aquela algazarra desordenada e frenética, uma voz cristalina se fez ouvir, sendo escutada por todos:

– Irapuã, teu pai morreu!...

– Que me importa! – respondeu, quase inconsciente, embriagado de orgia.

E o folguedo recomeçou ruidoso e horrendo, com esta evasiva impiedosa do filho animalizado.

Novamente a mesma voz soou, desta vez ainda mais forte:

– Irapuã, tua mãe morreu!...

– Que me importa! – retrucou ainda.

Mais uma vez a festa prosseguiu procelosa e arrebatadora. A mesma voz porém a interrompeu. Desta vez fora tão forte que a todos aterrou:

– Irapuã, teu amor morreu!...

O índio tornou-se lívido e uma transmutação esquisita se lhe operou no íntimo. Uma comoção estranha e sobrenatural fez tremer de pavor toda aquela multidão.

Uma coisa horrível se passou:

– Ai!... Ai!... Ai!... Ai!... Ai!...

Irapuã voara, transformado em ave horrenda, deixando no espaço o lamento lúgubre de alma penada, a dor cruel de um crime sem perdão.

O supremo chefe dos Xavantes, perturbado e aflito, elevou a voz trêmula:

– Vai, Anaruã e dize a Azaúl que liberte os prisioneiros e não lhes faça mal. O que acaba de acontecer, assim me ordena. A desgraça baixará sobre nós, se não aproveitarmos os ensinamentos do céu.

Devemos triunfar com honra e nunca sob o impulso da traição. Jamais a sanha covarde despedirá do arco a flecha Xavante...

O pressentimento de um perigo próximo fez dispersar o povo. Tímidos e receosos, caminharam em silêncio, para o interior das cabanas.

– Ai!... Ai!... Ai!... Ai!... Ai!... – repetia, distante, o lamento sinistro e dorido da traição em fuga.

E até hoje, em noites de luar, silenciosa e triste, esta queixa eterna e sem perdão se eleva no meio da floresta soturna e bravia, por entre a escuridão mal-assombrada das matas do sertão. O traidor chora o seu crime e apavora o viajante com este soluço pungente e fúnebre que, uma vez escutado, jamais será esquecido.

Genésio respirou aliviado, ao terminar a narrativa.

Peixoto que o ouvira, com interesse sempre crescente, concluiu:

– Mesmo na vileza, o amor faz milagres!...

O LOBISOMEM

No meu bom tempo de criança, naquela vilazinha sertaneja, minha terra natal, ouvia lindas histórias. A maioria está hoje esquecida. Uma, porém, por haver tido existência real naquela época, impressionou-me tanto, que me recorro dos seus menores detalhes. Seu protagonista foi um desses tipos de rua que toda gente conhece e estima por compaixão.

Porfírio era um velhinho baixo, amarelo e de barbicas no queixo. Era por demais conhecido em toda Bom Jesus dos Meiras. Dedicava-se a uma única profissão e não tinha concorrentes. Pilava arroz a quinhentos réis a quarta e reputava bom preço. Quem o visse nas ruas a arrastar-se de uma das pernas, escorado naquele bordão, não poderia ajuizar da tenacidade e persistência com que se detinha diante de um pilão, só o abandonando para a refeição que o próprio freguês lhe oferecia. Calmo e resignado, não deixava de ser irascível, quando as brincadeiras lhe não convinham. Era muito procurado e só trabalhava de empreita. Tinha família numerosa, morava distante da vila e não admitia que seus filhos o sustentassem, de vez que podia pilar arroz. Era reverente, cuidadoso e sincero. Condenava a fraude como o maior dos pecados e temia o inferno como tribunal impiedoso de além-túmulo. Tomava rapé e fungava em excesso, o que o identificava à distância.

A garotada vadia era o seu terrível flagelo. Evitava-a medroso e irado, como satanás a cruz. Alguns já lhe conheciam o peso do bordão e se mantinham cautelosos e arredios. Passaram a adotar uma tática que a experiência lhes havia ensinado.

Em minha casa encontrava sempre trabalho para o seu ofício. De começo, éramos bons amigos. Cedo, porém, nos tornamos um cão e gato.

Chefiando a molecada travessa, não podia acender uma vela a dois senhores.

Quando ia à cozinha, à cata de algum torresmo, encontrava-o no alpendre. Passava por ele, fingindo boa intenção e nos olhávamos com respeito. Ele resmungava qualquer coisa que eu não entendia e continuava seu trabalho.

Brigávamos sempre nas ruas, fora do alcance do bastão ou detrás dalgum obstáculo. Meu grupo batia em retirada, numa confusão dos diabos.

De uma feita, ia ele entrando em minha casa, quando lancei o grito de guerra:

– Lobisomem!...

Ele virou-se rápido. Percebendo que a distância não lhe concedia vantagens, atirou-me o bordão com violência. Desviei-me com calculada precisão, indo o projétil atingir, em cheio, o Cassimiro. Com um grito de dor, largou-se rua abaixo, numa carreira incerta e ridícula.

– Você é um deles, não perdi o meu tempo! – exclamou satisfeito, vindo em busca do pau.

Nosso grupo se dispersou, receando uma surpresa.

Minha mãe atendia àquela série interminável de queixas, às quais eu havia de reparar com oneroso tributo. Obrigava-me a vestir um camisolão de pano ordinário que, de tão grande e frouxo, tirava-me toda a agilidade. O próprio Porfírio teria compaixão de mim, naquele traje.

– Assim ficarás em casa – dizia ela.

Na verdade, era-me perigosa qualquer excursão dentro daquele “pastel”, como era conhecida tal vestimenta. Eu, sem o querer, assumia o aspecto grotesco de um peregrino saído de Canudos. O pano era tecido ali mesmo, no Tanque de Pedra, com o algodão mais barato da safra.

Dentre os cães que se intrigaram comigo, em virtude da camisola, um se destacava pela tenacidade e ousadia com que me importunava. Era o afamado “Tamandaré”, de propriedade do Dr. Mário Meira. Assemelhava-se a um espião inteligente e sua jurisdição estendia-se até minha porta. Às vezes, cansado, por certo, de perambular pelas ruas, deitava-se no meu terreiro. Apenas punha eu os pés fora de casa, saltava ele de lá, furioso, obrigando-me a recolher rápido.

Houve uma ocasião, na qual saí de camisola, contra os meus hábitos. Esta aventura notabilizou-se na vila, em virtude do desfecho burlesco que teve. Pelo espaço de duas semanas fiquei em casa, envergonhado, desmoralizado.

Munido de todas as normas de precaução, saíra para “dar umas voltinhas” no velocípede do Parmênio. O cão dormia no terreiro e não me foi difícil chegar até lá.

– O velocípede está no quintal – disse-me ele.

Fui buscá-lo e escolhi a calçada para meus exercícios. Uma garota que eu tinha como namorada, observava minhas acrobacias. Esquecendo, por momentos, a pavorosa saia listrada, empenhava-me num sensacionalismo infantil, na pretensão de ampliar meu prestígio junto à amada. Meus olhos procuravam os seus, como se pudesse ler neles o entusiasmo de uma aprovação. Talvez por isso mesmo, ao fechar uma curva no alto da calçada, uma das rodas traseiras repuxou-me a barra do vestido. Senti o perigo mas não pude evitá-lo. Fui atirado ao solo, o velocípede a cavaleiro. Este acidente representou,

para mim, uma catástrofe moral e física. O ruído despertou o cachorro. Num instante, investiu-se contra mim, sem dar tempo a que me defendesse. Num relance adivinhei a desigualdade da luta e encontrei uma solução: a fuga.

Disparei-me pela praça em fora, em busca de casa, numa corrida cuja velocidade faria inveja a qualquer campeão no gênero. O medo e a vergonha obrigaram-me àquela retirada sem precedentes. O vento deslocado enfunava a camisola, como se fosse um balão, prestes a se elevar. Esta circunstância protegia o meu cruel perseguidor que, por duas vezes, a alcançou com os dentes. Desastradamente também, por duas vezes, fui ao chão, numa nuvem de poeira. A turba gozava aquele espetáculo. Eu, por força de um cão desaforado, desempenhava o papel perigoso de um palhaço improvisado. As vaias enchiam o espaço e golpeavam-me o rosto, onde o sangue acorria, num pudor incontido. Não contentes com as zombarias instigavam, em altas vozes, o desumano carrasco. O fundo do meu vestuário havia desaparecido. “Tamandaré” já o estraçalhara com os dentes.

Agora eu corria quase nu, o que me ampliava as preocupações futuras.

– Ecô ...! Ecô!.. Pega!... Pega!... – gritavam.

Não podia e nem tencionava olhar para trás. O receio de um atropelo e a nudez posterior não me permitiam isso.

Finalmente alcancei a casa, exausto e em farrapos. Numa tal situação, não há filosofia capaz de equilibrar o sistema nervoso de um Diógenes.

O “galo” da testa doía muito mais do que os arranhões da face e as dentadas das pernas.

– Perdi a namorada – murmurei, desolado. Com este escândalo fiquei desmoralizado, caí no ridículo...

Minha mãe surgiu, como sempre, bondosa e enérgica, para os necessários curativos.

– Aí está! – censurou-me. Devias ter pejo de uma coisa desta. Ainda terás coragem de sair assim? Já te esqueceste de “Borboleta”?

Eu não estava para apreciações. A água-de-sal ardia-me terrivelmente. Maior, porém, era a dor moral de haver perdido a namorada e desmerecido a confiança dos meus soldados.

O velho Porfírio deveria dar boas gargalhadas, se me visse em tal estado. Não lhe dei, contudo, este prazer; escondi-me. Certamente estaria ele estranhando minha ausência e desejando que a mesma se prolongasse. Fiquei com raiva do velho.

II

Nosso grupo achava-se reunido na porta de casa, naquela noite. A Filhinha, ao passar, encarou-nos desconfiada, resmungando entre dentes:

– Os capetas estão reunidos...

Já não se falava mais na “história do Tamandaré”. Eu me reabilitara completamente e a namorada era a mesma. Contávamos casos e traçávamos planos de caçada. Na roça do coronel Santos existiam preás. Na Cavallhada, um quarto além, havia juritis.

O “Lindo Preto”, assim chamado por causa da cor de pele, era perito em abelhas. Sempre tínhamos mel.

– Sei de três arapuás, na Fonte-do-Meio – dizia.

– Achei duas “camas” de preás – afirmava o Sinhô de Júlia.

Isto me fazia pensar na espingarda de cano e guarda-chuva, cuja construção havia deixado a cargo do Virgínio.

O Manoel Antônio tomou a palavra:

– Vocês já pensaram no velho Porfírio? A quaresma está perto.

Deveras! – exclamou o Cassimiro, como se ainda sentisse a bordoadas nas pernas. Dizem que ele “vira” lobisomem.

– É preciso ter cuidado! – advertiu o Ariston de Cazuza.

Ele não gosta de nós...

– Isso será verdade? – indaguei.

– Ora se é! – retrucou Manoel Antônio. Toda a gente da vila acredita. É só reparar nele, depois da Páscoa. Fica todo arranhado e fraco que só vendo...

– Como é que se “vira” lobisomem? – perguntou o Sinhô de Júlia.

– Os mais-velhos contam assim:

Por ocasião da Quaresma, pressentindo a aproximação do encanto, Porfírio desaparece. Abandona a casa e interna-se no mato, em busca de uma capoeira velha. Na Quinta-Feira-Santa, por volta da meia-noite, deita-se num espojador de animais, aí permanecendo a rolar de um lado para outro, envolto em poeira. Quando no relógio da igreja soa a derradeira badalada das vinte e quatro horas, a transformação começa. Em primeiro lugar os pés, em seguida os braços e finalmente a cabeça e o resto do corpo. Depois se levanta, sacode as orelhas enormes e emite um uivado lúgubre e prolongado. Em seguida, parte em louca disparada, atacando todo o vivente que encontra. O sacudir das orelhas colossais produz um ruído característico, como se um bombo gigantesco vagueasse no escuro da noite, tocado por mil demônios. Tem predileção por criancinhas e cabritos. As galinhas são ingeridas com as penas, as quais, por inúteis, são vomitadas no dia seguinte, à sombra de uma gameleira. Os cães o perseguem sempre, entrando, com ele, em lutas desesperadas. É perigoso ser alvejado com arma de fogo, a menos que seja atingido no dedo mindinho.

Pai João disse-me que, se ele chegar a ser ferido nesse dedo, a visão do sangue quebrará o encanto.

Ontem mesmo “seu” Teófilo estava dizendo que havia presenciado, escondido, o velho “virando” lobisomem.

Nossa atenção estava fixa na história do companheiro, que era o mais velho da turma. Somente a sua voz ressoava no ambiente, modulando no ar a impressão de um perigo que nos rondava.

– Fecha a boca, Lindo Preto! – reclamou o Ariston, intrigado com o hábito do outro.

O preto resmungou amuado e corrigiu, com disfarce, a posição dos lábios.

– É como estou falando, companheiros – continuou o Manoel Antônio. Se duvidam, é só reparar no velho Porfírio. Ele desaparece naquele espaço entre a Quarta-Feira-de-Cinzas e o Domingo-de-Páscoa...

III

Estávamos em plena Quaresma. A apreensão era grande e uma forte tensão de espírito nos tirava o sossego.

Tínhamos bem presente a última recomendação do amigo:

– Depois da meia-noite, quando a vila quase toda estiver dormindo, prestem ouvidos. A cachorrada fica assanhada. Num dado momento larga a correr no encalço de um grande cão de orelhas desmedidas e olhos enormes e afogueados.

O velho Porfírio sumira-se, havia dias. Ninguém sabia dizer onde se achava. Nosso grupo ardia em curiosidade, pon-do-se de atalaia ou dedicando-se a sérias investigações. Pouco havíamos conseguido, no entanto, pois o medo nos acompanhava em toda a parte. Sem embargo, alguma coisa tínhamos descoberto: o velho desaparecera.

A derradeira pancada da meia-noite acabava de soar, no relógio de minha casa. Ecoou como uma vibração sinistra e agourenta, agitando o manto escuro e misterioso de uma noite mal-assombrada.

Uma atmosfera de receios nos envolvia pesadamente, contornando toda a praça num silêncio de morte.

Impacientes e muito quietos, procurávamos um vislumbre de ruído dentro das trevas.

– Está demorando – disse um do grupo.

Súbito, um barulho longínquo para as bandas do Esconso. Aos poucos, foi se tornando mais perceptível, à medida que

se aproximava da vila, até se tornar numa algazarra ensurdecedora. A julgar pela confusão dos uivos e latidos, deviam ser numerosos os componentes daquele grupo infernal.

– Lá vem a coisa! – falou o Manoel Antônio. Vamos entrar e fechar as portas.

Num movimento instintivo, corremos para dentro, fazendo eu questão de não ser o último.

O ruído avançava vertiginoso, cada vez mais forte, à medida que se ampliava o número dos perseguidores. Defronte do vetusto cemitério interdito, o cortejo estacou ruidoso. Uma luta dantesca se generalizou. Uivos lancinantes de cães batidos chegaram até nós, numa espécie de lamento que nos causava arrepios. Bruscamente o desfile precipitou-se na direção da praça. Ao dobrar a esquina, tivemos a impressão nítida de que vinha sobre nós. Algumas das poucas casas abertas fecharam-se com estrépito. A estranha comitiva atravessou célere a Praça do Mercado, enveredou-se pela Rua do Paço, até não mais ser ouvida.

De vez em quando percebíamos um leve murmúrio para os lados da Rua da Gameleira, ao pé da ponte.

– Será que foram embora? – indaga o Lindo Preto, que morava por lá.

– Vocês ouviram o barulho das orelhas? – perguntou Manoel Antônio.

– Eu ouvi.

–Eu também.

E assim estivemos comentando o estranho fato. Nosso historiador de costume descia a minúcias sobre a biografia do enigmático velhinho.

A certa altura lançou-nos esta advertência:

Deixem de andar importunando o velho! Com quem “vira” lobisomem, não se brinca...

– Ariston! – Chamou o Lindo Preto – que vamos fazer agora? Colhido de surpresa sobre uma questão que não lhe havia passado pela mente perturbou-se e esteve algum tempo meditando.

– Só há um jeito – disse. Ficarmos aqui, com o Azarias. – Com muito gosto – secundei.

Essa decisão voltou a tranquilizá-los. O Sinhô de Júlia e o Cassimiro eram meus vizinhos; não tinham problemas.

– Escutem! bradou o Altamirano de Virgínio. O “negócio” vem voltando.

Na verdade, o tropel retomava a nossa direção, com mais furor e balbúrdia. Com as janelas semicerradas procurávamos lobrigar o perigo, sem maiores cuidados. Já agora estava tão perto que nos obrigou a fechá-las. O bando chegou ao nosso terreiro, onde a refrega assumiu proporções excessivas. Dois cães foram lançados à distância, soltando uivos aflitivos. Mais outros retiraram-se ganindo.

– Não faça isto, Cassimiro! – vociferou o Manuel Antônio. Você está louco! Ele nos pega!... Feche a janela!...

Pouco depois o séquito dirigia-se para a Rua de Cima e enveredava-se pelo caminho donde surgira, deixando no espaço notas soltas de uma sinfonia macabra.

IV

Passada a Semana Santa, o velho Porfírio continuava desaparecido.

Casualmente encontrei-me com um de seus filhos, o Zé Barriguinha, como era conhecido.

– Olá, Zé! Onde está seu pai?

– Está doente. Foi cortar lenha, feriu-se com o machado. Vim buscar remédios...

– Onde foi o ferimento?

– Numa porção de lugares.

Todos nós sabíamos que o velho não era lenhador, em virtude de uma enfermidade que o impedia. Além do mais, um machado, por mais desastrado que fosse o seu manejo, não causaria tantos ferimentos, de uma só vez, e em pontos diversos.

Certo dia reapareceu em minha casa.

Lá estava ele, encolhido a um canto do apêndice, sentado no lugar predileto.

Minha mãe perguntou-lhe:

– Como vai passando, “seu” Porfírio?

– Nem bem nem mal, D. Ciça... Como Deus é servido.

Havia naquela voz uma tristeza tão profunda, que não resisti à tentação de observá-lo mais de perto. Fingindo que ia à procura de um objeto na cozinha, parei-me junto dele, em atitude pacífica. Espantei-me com o aspecto deplorável do

seu rosto. Pareceu-me que se empenhara num tremendo duelo com dezenas de gatos.

Voltei a meditar nas palavras do Manoel Antônio. Um arrependimento poderoso apossou-se de mim. Senti que o remorse tocava, de maneira impressionante, a fibra mais sensível do meu coração. Tive compaixão do infeliz e atribulado velhinho. Ia dirigir-lhe a palavra, num desabafo de conciliação, quando ele se levantou de mau humor, encaminhando-se para o quintal. Notei-lhe demasiada fraqueza no corpo. O andar bamboleante fazia-o dobrar as pernas trôpegas, numa ginástica excruciante para evitar uma queda. Senti uma pressão no peito e me afastei desapontado.

No ano seguinte, o mesmo drama se repetiu. Mil demônios percorreram a vila em desabalada correria e pavorosa confusão, levando o terror e a inquietação a todos os lares.

Uma semana depois, uma notícia que consternou a todos espalhou-se dolorosamente por toda a povoação de Bom Jesus dos Meiras.

O alferes Cirilo havia dito, na feira:

– O velho Porfírio morreu...

Seu corpo fora encontrado numa capoeira velha, dentro de um espojador de animais.

ROMÃOZINHO, O FILHO MALDITO

Toda a fazenda do Queimado estava alarmada. Um fenômeno curioso vinha mantendo seus moradores em permanente sobressalto, estendendo-se a todo município de Arraias.

No pátio da Casa Grande, numa roda de trabalhadores, o mestiço João historiava os acontecimentos:

– Pois é isso, minha gente. Desde que aqui cheguei, e já são decorridos sessenta longos anos, jamais presenciei coisa semelhante. Ainda ontem, quando voltava para casa, encontrei mulher e filha a correr, o pavor estampado no rosto. Querem saber o que houve? Pois bem, vou contar. Minha velha cuidava da cozinha quando, de repente, observou que mãos invisíveis levantavam as tampas das panelas e lançavam punhados de terra dentro delas. Amedrontada correu para a sala, onde encontrou a Maria, pasmada a um canto, tremendo como vara verde. Estava fiando, quando o fuso lhe fora arrebatado e atirado à parede.

Eu quis ver de perto aqueles fatos estranhos. Entrei em casa, disposto ao que desse e viesse. Meus amigos, não estou mentindo não. Jogaram-me tantos cacos de telha, que tive de sair correndo, atordado. Não vi ninguém... Coisa esquisita, cruz credo!...

– Isto ainda não é nada – interrompeu outro, um empregado da casa. A filha do coronel está para enlouquecer.

Não pode fazer coisa alguma; o espírito mau não deixa. Quando vem da fonte, toma-lhe o pote e o atira no chão. Mudou-se para Arraias, mas ele foi atrás. O Bernardo veio de lá ontem e nos contou que a moça passa os dias chorando.

– O que lhes digo – insinuou alguém – é que, se o feitiço não desaparecer desta terra, vou procurar outra. Já não tenho direito de sentar-me na soleira da porta! Eu que gostava tanto de descansar, à tardinha... Por duas vezes tive que me recolher às pressas, vendo as pedras se levantarem do chão e caírem sobre mim.

– Que será isto, tio João? – indagou um rapazola.

– A mim me parece que se trata do Valentim.

– Já sei! O mudo que o coronel criava...

– Esse mesmo. Nós devemos é rezar por ele.

II

À porta da farmácia local, numa alegre reunião, discutia-se o fato.

– Está mais do que evidente – sentenciava um indivíduo, com ares de erudição. Esta assombração só desaparece com reza... e feita por padre.

– Também creio – secundou outro, não menos experimentado. Tanto assim que, foi só o coronel mandar dizer a missa ontem e a moça amanheceu boa hoje. A tentação sumiu.

– Seria o espírito do Valentim? – inquiriu outro, com aparência de boiadeiro. Na fazenda do Queimado a crença é esta.

– Qual Valentim, qual nada! – protestou o Gaudêncio, com a intromissão compulsória que os anos lhe concediam. Toda esta bagunça é arte do Romãozinho. Conheço a sua história. Em minha terra ele fez o diabo.

Quando estive na Vila do Conde, praticou toda a sorte de desatinos. De uma feita, arremessou no meio da rua as mercadorias de uma casa de comércio, às vistas do proprietário. Perambulava pelas povoações vizinhas, causando assombro aos seus habitantes. Recordo-me como se fosse ontem, do Chico Canuto quando chegou à casa do vigário Belarmino. “Sr. Vigário – disse ele – quero três missas para um defunto. Deu-me três bofetadas, no escuro”. Vi muita gente com ferimentos por pedradas. O povo adquiriu o hábito de andar olhando para o

chão, a ver se alguma pedra se levantava, para evitá-la a tempo. À margem do rio, não foram poucos os que ficaram sem as roupas, sem poderem voltar para casa. O jumento “Mariola” foi sua montaria durante várias semanas. Noites e noites a fio, ouvia-se o tropel sinistro e doloroso do desventurado animal. Até que, um dia, amanheceu morto, na Praça do Lava-Pês.

Bem, vocês não têm o que fazer e eu tenho pressa. Até logo!

– Espere um pouco, “seu” Gaudêncio – pediu o juiz de direito. Queremos ouvir a história do Romãozinho.

O alegre boticário não se fez de rogado. O juiz havia pedido... e pedido de juiz, no interior... é uma ordem.

Com ares de catedrático, percorreu com os olhos a assistência e iniciou:

– Lá nos confins do sertão de minha terra, vivia um modesto casal de lavradores. Porque não tivessem filhos, maldiziam constantemente a existência vazia que levavam. Ele, já velho, mal podia suportar o labor cotidiano. Ela, muito doente, nem sempre dava conta dos afazeres domésticos.

Certo dia, como de costume, entregavam-se às queixas habituais:

– Que sorte a nossa, Emília! Nem um filho para alegria e amparo da nossa velhice...

– É uma infelicidade Antônio. Eu queria um, nem que fosse o mais endiabrado do mundo. Pouco se me dava, contanto que fosse meu filho.

– Assim não, Emília. Um mau filho abrevia os dias dos pais.

– Que me importa! Já estamos no fim mesmo...

E desde então tornou-se este o assunto quase que exclusivo de suas conversações. Terminava invariavelmente com esta queixa aflitiva:

– Nem que fosse o mais endiabrado do mundo...

Por fim, uma agradável surpresa veio alterar o ritmo vulgar, daquele lar sem frutos.

A mulher chamou o marido.

– Sabe, Antônio, estou grávida.

– Emília, que me diz?!...

– É isso mesmo, meu velho. Olhe para isto – e mostrava-lhe o ventre crescido.

– Com efeito! – assentiu ele, admirado. Depois de tantos anos...

Os vizinhos, com tal notícia, andavam em polvorosa. Comentários, os mais descontraídos, surgiam por toda a parte.

– Você já sabe que a velha Emília vai ser mãe?

– Não diga!...

– Pura verdade. Basta ter olhos...

– Olhe lá, que esta história não resulte em malefício!

– Tão idosos...

– Enfim... Neste mundo de Deus, tudo é possível.

À medida que o tempo corria, o fato ia se tornando familiar entre o povo do lugarejo.

– A gente se habitua até com o escândalo – dizia dona Marocas, uma beata cheia de preconceitos.

– Tudo aqui é assim – falou dona Zefinha, esposa do ricoço da terra. No princípio, um barulhão tremendo. Depois, não se fala mais nisso...

Seu Toninho, como era conhecido o futuro pai, não cabia em si, de contente. Trabalhava com esforço redobrado, não medindo sacrifícios para que seus intentos tivessem bom êxito.

– Quero deixar alguns bens ao herdeiro – dizia.

Verdade é que a lavoura tomara outro incremento. O milharal em pendão, o arrozal com os cachos maduros, o feijão-catador a trepar, com imponência, nas plantações mais

próximas, tudo falava de um ressurgimento de forças novas naquela antiga tapera. O gadinho bem cuidado, fazia vibrar naqueles céus as notas dolentes da eterna e incompreensível sinfonia das fazendas, que somente o sertão conhece.

Nasceu, finalmente, a criança. Um menino forte e sadio que surpreendeu a todos. O rosto fino e os olhos reluzentes como os da cobra, preconizavam sortilégio. Os movimentos agressivos e como que calculados, pareciam tornar aquele entezinho um ser maléfico.

A indiscrição social tomou conta dessa anormalidade e a ampliava a seu gosto.

O pequeno desenvolvia-se numa atmosfera de incidentes. Quando mamava, castigava com as mãozinhas o rosto materno. Este fato, a progenitora o atribuía a “gracinhas do menino”. Nasceram-lhe os primeiros dentes. Houve festa em casa, muita alegria.

De uma feita, estava o “seu” Antônio a contar o dinheiro, produto da exagerada economia, quando um grito da mulher chamou-lhe a atenção. Correu apressado, indo encontrar a esposa com o seio a sangrar, o pequeno ao colo, sorrindo como se gozasse o sofrimento da mãe.

– Que foi, Emília?

– O nosso filho, Antônio. Ferrou-me os dentes no seio e... assustei-me, nada mais.

– Mãe de Deus! – exclamou, horrorizado o bom homem. Nunca vi uma coisa dessa...

– Ora, meu velho. Você não deve falar assim. Ele é simplesmente mais ativo do que os outros. Também não aprecio estes que por aí andam... umas lesmas, é o que são.

– Que Deus tenha compaixão de nós, Emília.

Durante a noite, não podiam dormir. O pequeno despota chorava a cada instante, ao que parecia, propositadamente.

Ao primeiro afago mostrava-se acalentado, para recomeçar logo depois, apenas um deles se afastava. Este drama angustioso desenrolava-se, através de toda noite. Os pais foram obrigados aos plantões noturnos, revezando-se de hora em hora.

Havia chegado um padre à vila. Decidiram batizar a criança.

– Que nome, Emília?

– Ainda não sei, Antônio.

– Eu tenho um... se agradar.

– Qual?

– Romão, que acha? É o nome do avô.

– Muito bom.

No domingo, lá se foram eles, em demanda da igreja, na companhia dos padrinhos e de grande número de convidados.

O vigário, à vista do menino, experimentou um mal-estar.

– Como será chamado?

– Romão, “seu” vigário.

O pequeno fez um gesto de impaciência, emitindo um grito gutural que assustou os presentes. O reverendo parou um instante, apreensivo. Tentando iniciar a cerimônia, recuou aterrado. A criança arrebatou-lhe os óculos, atirando-os à distância. Entornou os Santos-Óleos. Sem embargo, refazendo-se do susto, o ministro insistiu no ato. Inesperadamente, porém, o pequeno apoderou-se da estola e, com o assombro de todos, pronunciou estas palavras:

– Não posso ser batizado!

Um clamor surdo elevou-se da turba de fiéis. Parte do povo correu para as ruas.

– É o capeta – diziam alguns.

– Onde já se viu isso?! – exclamavam outros.

– Uma criança, a falar como gente grande! Deus nos livre.

– E dizem que bateu no senhor vigário.

– Não tenho filhos – falou uma gorducha – mas, por interesse algum deste mundo, havia de querer um assim.

O acontecimento causara extraordinário escândalo na redondeza, ampliando-se nos municípios vizinhos. Toda a gente procurava agora evitar a convivência daquela família. Seus vizinhos mudaram-se.

– Não queremos morar junto do “anticristo” – diziam.

Romãozinho, como se tornou conhecido, crescia rapidamente. Sentia prazer em roubar os filhotes dos pássaros e lhes vazar os olhos.

Certa vez o pai o advertiu, com brandura:

– Meu filho, não sejas assim. Que mal te fizeram estas avezinhas? Deves calcular o sofrimento que causas aos pais.

Romãozinho fitou o pai com desdém e deixou escapar uma longa e impressionante gargalhada.

– Ora, meu pai. Minha satisfação é justamente esta. Já pensei em fazer o mesmo em gente.

Não é fácil de ser calculada a mágoa profunda que se apoderou do ancião. Foi sentar-se na soleira da porta, triste.

Daí por diante começaram os verdadeiros desatinos do filho. Quando ia levar a refeição do velho na roça, punha-lhe sujeira em caminho. Se ele reclamava, dizia que a culpa era da mãe.

Tinha imenso prazer em presenciar as brigas que causava com sua arte diabólica. A todo momento chegavam queixas e mais queixas, tornando amargurada a existência dos pobres velhinhos. Pelo simples motivo de atirar pedras, matava as galinhas do terreiro. Ao filho da Domingas, como o encontrasse sozinho em casa, aplicou-lhe tremenda surra. Atirou uma pedra à cabeça do velho Pedro, ferindo-o gravemente. Ninguém mais teria sossego. A casa do “seu” Antônio era mais um inferno do que um lar.

Dona Emília, não mais suportando, chamou o filho:

– Romão, chega-te a mim. Quero dar-te uns conselhos.

Pois não vês que...

– Não preciso de conselhos – interrompeu, agastado. De que me servirão advertências de velha caduca? Não vou perder tempo com estas tolices.

Este golpe desumano da ingratidão, para um coração de mãe, tem o mesmo efeito de uma grave moléstia. Dona Emília sentou-se para não cair. Em outra ocasião, quando lhe pediu que não maltratasse a Joana-Cega, foi espancada por ele.

Aquele domingo parecia mais triste do que os outros. Um pressentimento mau pairava no espaço. Os velhos sentiam-se mais preocupados que de costume. Após o almoço foram sentar-se à sombra do juazeiro, no pátio da casinha.

– Antônio, não sei o que tenho. Dizem que o coração das mães adivinha...

– Tolice, Emília.

Um alarido distante sobressaltou-os. No extremo da estrada, qualquer coisa se movia apressada, como se fosse uma pessoa a correr. Mais atrás levantava-se uma nuvem de poeira. Instantes depois, puderam reconhecer o filho fugindo de uma multidão que vinha ao seu encalço.

Percebendo os pais, para lá se dirigiu. Parou ofegante.

– Que aconteceu, meu filho? – indagou o velho.

– Nada, meu pai. Somente porque matei o Joãozinho-Aleijado com este canivete – e lhe mostrava a lâmina assassina a escorrer sangue. Somente por isto, querem prender-me. Gente tola!... Fiz até um favor, suprimindo um inútil. Foi bonito, meu pai! Só queria que o senhor...

Não pôde terminar. O velho caíra fulminado. Insidiosa doença, agravada ultimamente com os horrores praticados

pelo filho, acabara por cortar-lhe o fio da vida, com este golpe derradeiro. Sua mãe caiu abraçada ao marido, num pranto aflitivo. Nem mesmo este quadro doloroso conseguiu abrandar a alma envenenada daquele adolescente.

Lançando um olhar cheio de ódio, disse com desprezo:

– O diabo do velho não esperou...

Neste ínterim, os perseguidores o alcançaram. Avançaram cautelosos, receando a arma que sustinha ameaçadora. Três mais destemidos intimaram-no:

– Entrega-te ou teremos que matar-te!

– Pelo amor de Deus, não matem meu filho – suplicou dona Emília, cobrindo-lhe o corpo com o seu.

Sou responsável por ele... tenham paciência!...

O bando se deteve, respeitoso, um do grupo alvitrou:

– Neste caso vamos denunciá-lo ao delegado. Este crime não ficará impune...

III

Uma escolta policial descia o morro, conduzindo o pequeno delinquente. Mais atrás, andar trôpego e cambaleante, caminhava uma velhinha, lastimando-se sem cessar.

À porta da delegacia, uma multidão colossal se aglomerava para assistir à passagem do menino criminoso.

– Não é comigo – disse o delegado. O juiz é quem decide estes casos.

Levaram-no ao magistrado.

No salão das audiências, o juiz expunha:

– O seu filho, dona Emília, é uma destas calamidades públicas que, desaparecendo, representam sossego e garantia para a sociedade. Desobediente, malcriado, perverso, enfim... uma reserva de todos os maus predicados que existem por aí. Se, com esta idade revela tamanha inclinação para o crime, que diremos mais tarde, de semelhante fera humana? Como não possuímos uma Casa de Correção, aconselho-a que o entregue a uma pessoa idônea, até que atinja a maioridade.

– Oh, senhor juiz! – implorou ela. Eu morrerei de dor, se tal acontecer. Eu vos peço, de joelhos, não permitais que esta pobre velha fique abandonada. Não viverei muito e gostaria que o meu único filho me fizesse companhia nos derradeiros transes.

– Como então – replicou o magistrado – a senhora ainda quer este demônio em casa?!

– Perdão, senhor juiz. Ele não é demônio, é até muito bonzinho.

– Neste caso, toda essa gente está mentindo? Não a espancou várias vezes?

– Nunca senhor juiz, nunca!...

– Como se explicam então as contínuas queixas à delegacia? Não aconselho que o abandone. Afinal de contas é seu filho... O que não é louvável é procurar, com mentiras, encobrir os seus defeitos.

– Em casa ele é um anjo, senhor juiz.

Uma gargalhada geral elevou-se da assistência.

Por fim foi devolvido à mãe com a garantia de, atingida a maioridade, ser novamente conduzido à presença do magistrado.

Através da floresta caminhavam os dois, mãe e filho. Em dado momento, perguntou:

– Meu filho, bem viste o quanto sofri por tua causa. Não faças mais estas coisas. Sê bonzinho de agora por diante.

Ele se deteve, a fisionomia transtornada.

– A senhora ainda me vem falar nesta história? Certamente está de acordo com aqueles canalhas. Pensa então que me esqueci da sua promessa de me devolver às autoridades?

– Meu filho, não fales assim. Não calculas quanta mágoa me causas com esta resposta cruel. Se eu não procedesse assim, eles te entregariam a pessoas estranhas e irias sofrer muito. Sou tua mãe e sei tratar-te com carinho e desvelo. Foi por ti que encetei esta longa caminhada, sem poder, bem o sabes. Foi por tua causa, estou satisfeita. Parece-me até que não terei forças para chegar à casa.

Romãozinho soltou uma gargalhada indefinível, aterradora.

Sobressaltando-se, inquiriu ela, de mansinho:

– Por que ris assim, meu filho?

– Por quê? A senhora o saberá agora mesmo.

Apenas acabara de proferir tais palavras, agarrou a infeliz pela garganta e atirou-a ao chão.

Estás louco meu filho? Não me mates, sou tua mãe.

Ouviu-se um tropel na estrada. Ele virou-se rápido. Divisando várias pessoas que avançavam, sacou o canivete do bolso e enterrou-o, sem compaixão, no peito da infortunada velhinha.

– Agora entregue-me à polícia! – bradou.

E, enquanto a mãe expirava, lançando-lhe a mais terrível das maldições, ele sumia-se na mata, envolvido para sempre nas trevas do remorso.

E desde então seu espírito vagueia pelo mundo, cumprindo a sina cruel que a maldade inspirou.

A CAAPORA

O sargento Zezé, comandante do destacamento local, era fanático por caçadas. Dentre elas, dava especial preferência à de tatus.

Naquela tarde, passava eu defronte do quartel, quando veio correndo ao meu encontro.

– Antônio, você não sabe de uma coisa. Agora mesmo estava pensando num meio de encontrá-lo.

– Certamente que não – respondi. Vamos ouvi-la.

– Já arranjei a cachorrada. O menino garantiu-me que é excelente e a lua está convidando.

– Ah, já sei! A caçada de tatus.

– Isto mesmo, vamos?

– Conte comigo.

– Então, às vinte e duas horas, neste lugar.

– Combinado. Até logo...

Para evitar uma explanação fastidiosa e cheia de minúcias separei-me sem possíveis recomendações de pontualidade.

Ao chegar à casa, encontrei visitas. Meu cunhado tinha vindo gozar as férias. Lá estavam também a sua senhora e o motorista do carro, um pretinho de nome Nicola, exímio no assobio. Era tão perito que emitia dois sons ao mesmo tempo, causando admiração aos que o ouviam. Após os cumprimentos do estilo, tomei o café de boas-vindas e fui acender o cigarro na cozinha,

longe das suspeitas de meu pai. Saí para o terreiro e fui sentar-me no vetusto pilão, atrás do muro caído, meu ponto predileto. Distraía-me olhando a fumaça desfazer-se no espaço, quando o assobio do Nicola me pôs de sobreaviso. Temendo que alguém o acompanhasse, ocultei o cigarro no bolso, na mão semifechada, acomodação especial que evita incêndio. Permaneci à espera de que o perigo surgisse, o delito estampado na face. Felizmente vinha só e pude respirar aliviado.

Logo juntou-se a mim, o único com quem podia trocar ideias em casa.

– Vim fumar um cigarrinho – disse.

Também estou aqui para isso – sorri, contente por haver aparecido uma vítima, a quem atiraria a culpa, no caso de um imprevisto.

– Então, que há de novo, Antônio?

– Sei da caçada do sargento.

– Caçada?

– Sim, a de tatus. Hoje, às dez da noite.

– Também quero ir.

– E você tem coragem? É muito diferente de guiar automóvel.

– Ora... sou pau pra toda obra. Nunca tive medo de bobagem.

– Sendo assim, está convidado.

II

Eu fitava o relógio, com impaciência. As horas se arrastavam numa lentidão que me excitava os nervos. Houve momentos em que cheguei a duvidar do maquinismo que se ocultava no seu bojo. No meu íntimo levantava-se uma rebelião contra a sua indolência.

Felizmente as visitas ao meu cunhado sucediam-se com verdadeira precisão, o que era apoiado por mim em segredo. As palestras eram longas. Dentre todas, a que eu mais apreciava era a do Zé Aurélio, pelo seu feitio elástico e minucioso. Fiquei, de pronto, contando com este aliado e meditava, com sobressalto, na possibilidade de sua retirada. Acompanhava todos os seus gestos, vendo em cada um o desejo de ir-se embora. Por sorte, enganava-me sempre.

Fitei o relógio mais uma vez e tive a impressão de que os ponteiros, durante aquele tempo, não se moveram do lugar. Sem o querer, deixei escapar esta exclamação inoportuna e mal-educada:

– Meu pai, o relógio está parado.

O velho, reparando no pêndulo oscilante, lançou-me um olhar de repreensão, daqueles que valiam por uma surra. Os presentes levantaram-se. Meu cunhado tranquilizou-os:

– É muito cedo – disse, puxando o relógio do bolso. Está certinho com o meu.

Foi então que compreendi o efeito do meu escândalo.

– Estou perdido! – pensei. Não irei à caçada...

Levantei-me triste, magoado comigo mesmo. Fui sen-

tar-me lá dentro, murcho, a um canto da sala.

Ali palestravam as visitas femininas. Minha irmã achava-se no centro, respondendo a um sem número de perguntas. Ao ver-me entrar, fitou-me com insistência, o que veio aumentar minha perturbação. Talvez a notícia da blasfêmia já fosse do conhecimento geral.

– Mãe, este menino está doente! – exclamou.

– É dor de barriga, Lili. Quando ele fica inquieto, nem precisa indagar. Também come a toda hora...

Este diagnóstico fora de tempo foi, para mim, uma desmoralização completa. Todos os olhares voltaram-se para o meu lado. Com indignação e humilhado, procurava esconder o rosto. Inegavelmente aquela situação tornava-se penosa, insustentável. Para cúmulo de infelicidade, lá estava a Nair, a namorada da Rua do Açougue. É incrível que em todas as situações angustiosas apareça-me uma namorada!

Que ideia estaria fazendo a meu respeito? Se tivesse adivinhado, não teria entrado naquele recinto. Sentia-me arrependido ao pensar que existiam outros lugares onde estaria à vontade e que não soubera escolher.

Retirei-me irado e confuso, sob o peso de uma derrota. Fui à porta da rua, respirar melhor.

Impelido pela sofreguidão, voltei a reinquirir com os olhos o relógio moroso e de uma indiferença exacerbante. Este teimava em perseguir-me. No espaço daquele tempo, em que eu sofrera horivelmente, o mísero “marma-horas” só andara quinze minutos...

– Tu vais ver, pirracento! – resmunguei entre dentes.

Meu pai, que me conhecia sob todos os aspectos, gritou-me um recado que ninguém ouviu donde saíra:

– Antônio, sua mãe está chamando!

Este aviso, eu já o conhecia de sobra. Sabia não ser verdadeiro,

mas teria que merecer crédito. Voltei-me incontinenti e ainda ia no corredor, quando fui alcançado por ele. Agarrou-me o braço com sua mão possante e perguntou zangado:

– O que é que você tem?

– Dor de barriga – gaguejei medroso, lembrando-me do diagnóstico, agora muito feliz, com que me humilharam lá dentro.

– Como?

– Dor de barriga, meu pai. Foi minha mãe quem disse.

– Sua mãe quem disse? Ou você está mesmo doente?

– Tenho qualquer coisa na barriga.

– Está bem. Vá à casa do Dr. Adelmário e conte-lhe o que sente.

Caí das nuvens. Lembrei-me de Arquimedes. Como um relâmpago, passou-me pela mente aquela célebre exclamação do sábio: Eureka!...

Creio até que cheguei, intimamente, a dizer coisa semelhante, porém não me recordo qual fosse.

Saí a correr e, sem me recordar de que era portador de uma doença tomei outra direção.

– Se lhe dói a barriga, vá à polícia – murmurei, contente. Mande o Adelmário às favas e corri para o quartel.

– Você madrugou, homem de Deus! – bradou o sargento. A lua não sai agora. Que pressa foi essa?

– Dor de barriga, meu caro.

– Que história é esta?

Contei-lhe tudo, sem omitir a teimosia do azarento relógio. Riu-se a mais não poder e eu mesmo terminei achando graça.

– Saiba você – disse – que não há nada mais birrento do que um relógio, quando temos pressa. No entanto, ele está certo. O errado é você.

– Bem, não falemos mais nisso.

O fato de um exame àquela hora da noite, era simplesmente providencial. Teria muito tempo a meu favor e não despertaria dúvidas em casa.

O médico era jovem e solteiro. Namorava a filha do Chico-Gato, para as bandas do Lava-Pés, o que representava uma boa distância. As palestras dos namorados são difíceis de ser interrompidas e nem sempre são encontrados onde supomos. Além do mais, Macaúbas era grande e ele poderia não se achar na cidade. Assim, não me faltariam desculpas no dia seguinte.

Com estas e outras, tencionava levar de embrulho o meu pai.

O assobio distante do Nicola, mavioso e inconfundível, fez-me crer que o preto me farejava a pista. Com efeito, logo surgiu.

— É o motorista do meu cunhado, sargento — apresentei-o. Será nosso companheiro.

— Muito bem! — disse — apertando-lhe a mão. Neste caso seremos quatro, pois o dono dos cachorros, que é este garoto aqui, também nos acompanhará.

O menino perfilou-se com elegância, deixando ver num sorriso uma fila de dentes alvos e bem dispostos.

Momentos depois saía o cafezinho da partida, simples e já adoçado. Quando vi o velho bule enferrujado, sem nenhum acompanhamento além das quatro xícaras que o monturo não queria, experimentei um desalento. Era um desrespeito ao meu estômago. Corri à venda do Landulfo e comprei quinhentos réis de “papudo”, para pagar no dia seguinte. Ele vacilou em me vender fiado, pois minhas contas não tinham aprovação em casa. Além do mais “não tinha meio de vida”, como dissera. Esta falta de crédito, pouco se me dava. Prometi-lhe um quarto de tatu. O que é certo é que o bolo saiu e o café assumiu um caráter mais sério.

O sargento expunha ao Nicola o seu plano infalível de caçar. Tinha muitos anos de prática, e, além de tudo, possuía um

tino especial, capaz de localizar, à distância, qualquer animal. Aproveitando a ignorância do outro, entrava nos domínios do impossível. Eu não protestava, para não envergonhá-lo.

– Sargento! – gritei. Lá vem a lua.

– É verdade. Vamos indo, pois a caminhada é grande.

Saímos com cautela para evitar companhia demasiada.

Atravessamos a ponte e ganhamos o alto, levando os cães atrelados. A temperatura modificava-se, à medida que nos afastávamos da cidade. De um e outro lado do caminho a mata se levantava soberba e sombria, impedindo que o luar lhe examinasse as entranhas. A lua estava bonita e era excelente a visibilidade na estrada. O vento sacudia os ramos e as sombras dançavam no chão. Uma viração fria soprava em direção oposta à que seguíamos, causando-me mal-estar. Ligeiro arrepio, independente da vontade, percorria-me o corpo. Eu não queria acreditar que isso fosse medo. Atribuía-o a uma espécie de impaciência oculta, daquela que experimentam os soldados inexperientes, às vésperas de um combate.

Demos num “furado”.

– Tomara que a caipora não esteja de veneta – aventou o menino.

– Deus queira! – acrescentou o militar, apalpando os bolsos. Esqueci-me de trazer fumo.

– Quem é? – indagou o Nicola.

– A caipora. Nunca ouviu falar?

– Não senhor.

– Então, ouça lá, recruta. A caipora ou caipora, como querem os entendidos, é um molequinho preto, de uma banda só. Contam que é o espírito de um tapuio, a quem Deus confiou a guarda da floresta. Gosta das diabruras e faz visagens de assombrar os caçadores, deixando-os desorientados, perdidos na floresta. Espanca os cachorros, grita, pinta o diabo. Anda montado num caitetu ou em outro bicho qualquer.

– Nossa Senhora! – gemeu o motorista.

– Há um jeito de fazê-lo amigo. Como aprecia muito o fumo, a gente joga uns pedaços nas encruzilhadas. Isto feito, pode-se caçar à vontade.

Estávamos com uma boa distância, quando o sargento parou, escutando.

– Solte os cachorros, José.

A ordem foi cumprida. Os cães ganharam o cerrado.

Logo depois, ouvimos o ganido característico de uma “batida” segura. Mais além, um trabalhou acuado.

– Está na hora – disse alguém.

Corremos naquela direção. Depois de um “carrasco”, saímos numa vereda. Feroz abalroava um buraco. Sem perda de tempo, metemos mãos à obra. O cavador e a enxada caíram fortemente no chão endurecido.

O serviço já ia bem avançado, quando o José advertiu:

– Não adianta. É uma “casa”, olhem aqui os “suspiros”.

Desistimos a contragosto, para evitar um trabalho insano, sem esperanças de êxito. Conduzimos a ferramenta e os cães para outra parte.

Em poucos momentos soou novo sinal de alarma, agora dentro da mata. Sua penetração foi bastante penosa e, não fosse demonstração de fraqueza, eu teria recuado com satisfação. O cipal embarçava-nos. Caíamos a cada instante e, não poucas vezes fomos vítima das terríveis formigas-de-fogo.

Quando atingimos o ponto visado, já não havia motivo dos cães. Haviam abandonado a primeira pista e seguiam outra, dentro de um taquaral. A mata tornava-se cada vez mais escura e densa. Não sei por que, tive a impressão de um imenso presídio, do qual jamais conseguiríamos sair.

– Está perto! – preveniu a voz do menino.

Saímos quase em cima do cão acuado. Qual não foi, porém,

o nosso espanto, ao encontrá-lo sentado no chão, a cauda entre as pernas, latindo a esmo. À nossa aproximação, correu a esconder-se ao pé do dono. De quando em quando uivava de modo estranho, agachando-se frequentemente, urinando aos esguiços. Estava apavorado. Um hálito de mistério passou por nós, mas ninguém ousou denunciá-lo. Estávamos neste pé, quando ouvimos o outro cão, ganindo penosamente como se fosse surrado. Não demorou juntar-se a nós, rosnando.

– É a caipora – disse José. Está batendo nos cachorros.

No mesmo instante, um assobio agudo feriu o espaço, rente a nós. Tive a sensação de que ia ficar surdo e instintivamente levei as mãos aos ouvidos. Outro se lhe seguiu, mais além.

– Não há dúvida, é ela – ratificou o militar.

Notei que sua voz tremia. O medo começava a alastrar-se.

– Vamo-nos embora, pessoal! – sugeri, adivinhando o pensamento de todos.

Foi uma debandada geral. O comandante do destacamento tomou a dianteira. Contra minha vontade, fiquei por último. O “carreiro” era estreito, comportando apenas uma pessoa. Isto nos obrigou à formação de uma fila. Felizmente os dois cães me ficaram à retaguarda, onde procurei conservá-los a todo custo. Praticava verdadeiras acrobacias para que eles não passassem à frente. O possível “carreiro” nada mais era do que um eventual caminho das águas, na época das chuvas.

Um galho de “unha-de-gato” fisgou-me o canto do olho direito, obrigando-me a um recuo apressado. A roupa se transformara num molambo e do chapéu não havia lembrança. Os assobios passaram a nos acompanhar com redobrada insistência. De vez em quando os cães uivavam atrás de mim, parecendo-me ouvir distintamente o silvo do chicote cortando o ar, a castigá-los sem piedade. Sentia que os cabelos se me eri-

çavam, enquanto divulgava fantasmas ao meu lado. Ninguém se queixava dos espinhos e das quedas. Não havia tempo.

Não sei bem afirmar se foi um cipó que se desprendera de um dos companheiros da frente, o certo é que, após um dos horripilantes assobios, levei uma chicotada no rosto. Culpei a caapora. Sem o querer, dei um grito de dor e de susto.

Foi um horror. Os companheiros pareceram voar. Sem embargo, imprimi mais velocidade às pernas, não consentindo que os cães me tomassem a dianteira. Deste modo estaria protegido pelas costas, minha única preocupação. Finalmente conseguimos encontrar a estrada-real.

O Nicola tremia tanto, que se lhe ouvia o bater dos dentes. O garoto dos cachorros estava arrasado de pavor. Sentava-se nervosamente, erguia-se logo depois, tornava a sentar-se, batia os dentes e gemia histericamente. O sargento não estava melhor.

Eu não era supersticioso mas estava intrigado com os assobios. Procurava afastar a ideia do invisível, porém esta teimava em perseguir-me, inexplicável, misteriosa.

– Será algum espírito? – indagava de mim próprio. Ou uma ave noturna que não gosta de cães?

O comandante foi quem rompeu o silêncio:

– Nicola, onde está o cavador?

– É verdade, sargento!... Não sei bem.... Acho que perdi.

– Não se amofine, rapaz. Eu também perdi a enxada.

Levei a mão à cintura. Por sorte, o revólver lá estava. Era de meu pai.

Assim é que voltamos para a cidade, medrosos, envergonhados, com a prostração no espírito... e as mãos vazias. Teria fatalmente que conseguir dinheiro e pagar a Landulfo.

– Maldita caapora! – deviam estar meditando os companheiros.

- Nunca mais hei de caçar tatus – dizia o sargento Zezé.
- Não quero mais saber de caçadas de noite – secundou o Nicola.
- O relógio tinha motivos... – terminei, arrependido.

O NEGRO - D'ÁGUA

Naquela sombria mata virgem corre mansamente o volumoso rio Palma. Ela o acompanha em quase toda a sua extensão e em alguns pontos avança vários quilômetros para além das margens. Seu bojo tenebroso é um campo fértil à imaginação supersticiosa dos poucos moradores que surgem aqui e além, neste Goiás maravilhoso.

É, além de tudo, uma perigosa zona malarígena, onde campeia a febre amarela silvestre, ceifando macacos, quando não encontra o homem.

De viagem para Taguatinga a serviço do Governo, vim a conhecer um trecho desse rio, próximo à nascente.

O fantasma impiedoso da febre amarela baixara sobre aquela região, devorando as forças produtivas que trabalham a terra. Suas asas negras varriam dos lares as expressões mais jovens da família. Espetáculos dantescos presenciamos, impotentes, naquele Norte esquecido.

– Boa noite, Chico Preto!

– Boa noite. Quem é?

– Então não me conhece?

– Ah, sim! É o doutor.

– Sou eu mesmo. Tivemos uma perda e só agora conseguimos chegar aqui.

– Queira aprear, doutor. Aqui não há roça de pasto, mas o peeiro é grande. Quem são estes outros?

– Um é o doutor Muza, diretor do Serviço de Febre Amarela. O outro é o Moisés, motorista do mesmo serviço e aquele é o Zé de Pedra.

– Ah, o Zé de Pedra... Esse é meu conhecido velho.

José gritava os animais, para que não entrassem no mato. Ouvindo a voz do outro, quis dizer alguma coisa.

– Como vai, Chico Preto? O doutor quer passar o rio agora. A canoa merece confiança?

– Ave Maria! – exclamou o bom e ingênuo preto. Quem é que tem a coragem de, ao menos, chegar lá perto, agora de noite?... Os negros-d’água andam aos montes.

Muza não entendeu coisa alguma. Perguntou-me:

– Que história é esta de Negro-d’Água?

– É uma lenda, ou melhor...

– Como é que fica, doutor? – interrompeu José, em luta com a teimosia dos animais.

O colega me consulta. Respondo-lhe que será uma imprudência.

– Neste caso, José, ficaremos aqui.

– Vosmecês queiram entrar – disse o dono da casa. O rancho é de gente pobre, mas só falta o que não tem. Os senhores vão desculpando... Não reparem...

Na verdade, em questão de conforto, não se poderia experimentar coisa pior. Um quadrado de varas trançadas, barreado a sopado, um jirau na frente, rebuçado a buriti, dois cepos de madeira a servirem de assentos, um cão sarmento a rosar no terreiro, um pequeno poleiro afunilado, eis o padrão de residência da maioria dos habitantes dessa grande região.

Armamos as redes e nelas ficamos, até que o jantar aparescesse, o que muito custou, pois José fora ao peheiro.

Neste intervalo Moisés indaga do dono da casa:

– O senhor tem alguma coisa de comer?

– Ah, meu senhor! Aqui no mato, pouco temos o que comer. Acredite o meu amo que só tenho em casa um restinho de farinha e nada mais?...

– Não é possível! – exclamou Muza.

– É a pura verdade, meu doutor. Na semana passada matei um catigueiro, mas estava tão magro... Acabou logo.

– E este rio, não tem peixes?

– Ter, tem. O Negro-d'Água é que não deixa... Fazia muito tempo que não aparecia por estas bandas, mas agora voltou com uma família enorme.

– Qual nada, doutor! – gritou Zé de Pedra, que já voltara do peeiro. Essa gente nunca tem nada porque a maleita e a preguiça não deixam. Eu só confio na comitiva, o mais é asneira. O povo desse sertão afora vive de caça e nada mais. Lá um dia um peixe, sem sal, e sem gordura. No rio está o Negro-d'Água; quem é que pode com isso? Dão graças a Deus quando aparece um de nós no terreiro do seu rancho. Pedem tudo. Um pouquinho de sal, outro pouquinho de café, mais um pouquinho de “doce”.

– Um pouquinho de tudo, finalmente! – concluiu Muza, impaciente.

– É isso mesmo – confirmou, sem mostrar desconfiança. Eu, certa vez, quase morria de fome, no sertão daquele lado. Nem ovo de galinha que é mais fácil de se encontrar... Lá, a gente bate à porta de qualquer casa da beira da estrada, para pedir o que comer, e o dono sai de dentro com o mesmo intuito. São dois famintos, confiados um no outro. Quem não quiser passar fome, tem que carregar comitiva... Por falar em fome, vou cuidar da boia, que é o melhor...

Afastou-se bamboleando, no seu andar característico.

Muza continuava pensativo. Talvez quisesse conhecer aquela história do Negro-d'Água ou meditasse na miséria dessa gente, no meio de tanta fartura potencial.

A floresta vinha até o terreiro da casinha, dando a impressão de que as caças entravam-lhe porta a dentro, sem o menor esforço do morador para apanhá-las na mata.

Dois leitões grunhiam e mastigavam, por baixo de nós. Um guará distante emitiu um grito gutural e o cachorro correu, latindo, para dentro da casa.

– Você acorda cedo, Chico Preto? – indagou o José.

– Se o galo não for esperto, eu canto primeiro do que ele – respondeu o outro.

Moisés, enredado com os mosquitos, remexia-se na rede.

– Aqui dá febre, meu amigo? – perguntou ao Chico.

– Um despropósito, meu senhor! Nós aqui já acostumamos com ela. No tempo da vazante, é um bate-queixo de fazer dó.

Muza, como se fosse tocado por um ferro em brasa, deu um salto da rede. Acendeu a lâmpada, abriu a pasta, retirou um vidrinho e me convidou:

– Vamos?

– É bom.

Engoli um quinazul e passei o vidro adiante.

– Isto é pílula, doutor? – indaga Chico Preto.

– É sim. Quer alguma?

– É que minha mulher já está com dois meses de febre e não há nada que dê jeito. Tomou toda espécie de meizinha. Aplaca um pouco, mas depois torna a cair. Os remédios de botica estão muito caros. Pobre não pode comprar. Quando mato uma jaguatirica ou um caitetu, vendo os couros na rua e faço meu suprimento. De último porém, nem coragem tenho

tido pra caçar. Também ando doente. A febre vem um dia e salta o outro. Maleita aqui dá até nos paus...

– Lastimo a sua sorte, Chico Preto – disse eu, contrariado. Sou o chefe do Posto de Higiene de Arraias e você está dentro da minha zona de jurisdição sanitária. Distribuo aos pobres, gratuitamente, medicamentos contra a maleita, a verminose e a sífilis. Se me não engano, já o vi lá algumas vezes. Tome este vidrinho de quinazul. Quando precisar, já sabe onde buscar, sem lhe custar um vintém.

O bom preto compreendeu o significado de minhas palavras. Arrependido, procurou justificar-se:

– Eu sei, doutor. A gente fica acanhada de estar pedindo todos os dias.

– Eu estou lá é para isto, homem de Deus. O Governo é quem manda os medicamentos para vocês. Ali não há nada de meu. Tudo é para os pobres, quantas vezes forem precisas. Para que havia de negar uma coisa que não é minha e se venço honorários para distribuí-la?

– É isso mesmo, doutor. Se ao menos o Posto fosse aqui perto... Mas fica tão longe... A gente com febre é tão ruim de viajar...

– A boia está pronta! – berrou José. Venham depressa, senão mosquito come!

O jantar estava excelente, não só pelo estímulo da fome, como também por ser o cozinheiro um prático de muitos anos. Chico Preto foi nosso comensal e jantou por três, incluindo mesmo o José, que come por dois.

– Quer vender o cachorro, Chico Preto? – perguntou José.

– Não. Por quê?

– Queria saber se você tinha coragem de vender uma peste dessa.

Depois do café, voltamos para as redes. Acendi um cigarro. Muza fez o mesmo. Tirou algumas fumaças e virou-se para mim:

– Ivan, peça ao homem para nos contar a história do Negro-d'Água. Chamei o dono da casa e transmiti-lhe o desejo do colega.

– Pois não, doutor. Eu já tinha visto uns dois, aqui mesmo. Uma vez ia pescar e, chegando à margem do rio, ouvi um barulho dentro do mato. Reparei bem e vi um homem preto, baixo e cabeçudo como um bugio. Notando-me, deu um salto esquisito e atirou-se ao rio. Depois de um rápido mergulho pôs a cabeça de fora e deu uma risada que não acabava mais. Os dentes são aguçados como ferrão e brancos como leite. Tornou a mergulhar e não apareceu mais. Neste dia não peguei um só peixe.

De outra vez, estava com o anzol n'água havia muito tempo. Nem um beliscão.... A noite vinha chegando, quando senti um forte solavanco na linha. Firmei-a contente, adivinhando o tamanho do peixe, mas tive uma decepção. Ela veio sozinha, sem anzol. O cordão partiu-se. Uma cabeça extravagante apareceu à tona d'água soltou uma gargalhada zombeteira e depois sumiu-se. Desta vez tive medo. Corri para casa.

Isto faz uns dez anos, mais ou menos. Neste espaço de tempo não vi mais estas pantomimas. Agora, porém, deram para surgir aos bandos. As mulheres não lavam mais roupa. Os homens são as lavadeiras da terra. Não se pode mais pescar. Só tenho receio de que se eles me virem a canoa.

– E não será algum bando de macacos, “seu” Chico? – perguntou Moisés, sorrindo.

– Macaco tem medo d'água, meu senhor. Hoje mesmo estive olhando os seus rastos. O pé se parece com o da gente, mas é mais largo adiante e tem uma pele entre os dedos, como o dos patos. O velho Pedro viu uma porção deles andando na praia e falando uma linguagem esquisita. Passaram juntinho dele e não o viram. O coitado chegou aqui assombrado, tremendo de fazer dó.

– Donde vieram os negros-d’água? – insistiu Moisés.

– Eles aqui narram o caso de muitas maneiras. De uma feita porém, foi meu hóspede um tapuio, o qual me contou tudo direitinho. Vosmecês vão ouvir.

Aramy era um índio pescador. Amava o rio desde criança e esta predileção aumentou com a idade. Cedo revelou-se excelente arpoador. Sempre que subia o rio na frágil ubá com a despreocupação no espírito e a felicidade no coração, todos aguardavam uma pescaria abundante. A embarcação vinha “pelo meio” de peixes e a admiração possuía a tribo inteira. Esta felicidade com a sorte causava estranheza a todos e ele era tido como feiticeiro. Alguns tentavam explicá-la como habilidade no manejo do arco. Já outros recorriam a poderes ocultos, de que parecia possuído. O certo é que reinavam dúvidas e a curiosidade tomava vulto. Em nosso meio há muita gente assim...

– Como se explica isso? – indagavam os mais curiosos, o despeito na voz. Ele, sozinho, faz o trabalho de dez de nós...

– Reparem que a maioria dos peixes não está flechada.

– É verdade. Aqui há mandinga.

E assim retiravam-se cheios de relutância, mas receosos do poder sobrenatural que parecia guiá-lo.

A notícia desse misterioso acontecimento espalhou-se pela tribo inteira, de modos diferentes. Algum mais ousado e deseioso de desvendar aquela bruxaria, tentou acompanhá-lo certa vez. Cedo, porém, o perdera de vista e o medo o fizera recuar.

Ele jamais seguia a direção que os outros tomavam. Sempre sozinho. Nunca aceitou companhia, a não ser a ubá, o remo, o arco e o arpão.

II

Naquela noite chegou tarde e fatigado. A canoa, como sempre, vinha pela metade de peixes, dos melhores e mais bonitos.

Abordou à praia e retirou sua carga. Depois ergueu-a nos braços possantes e ia depositá-la sob a frondosa gameleira, quando um vulto tomou-lhe a frente.

– Ivahy, ainda estás acordada?!

– Sim, Aramy. Preciso falar-te a sós. Vamos para a gameleira.

O índio mostrava-se nervoso. Aquele encontro de surpresa, embora se tratasse de um ente querido, não lhe agradou. Sabia que, àquela hora, toda a tribo dormia.

Cabisbaixo e como um autômato, seguiu-a sem discutir.

Lá chegaram em silêncio. Encostando a canoa na árvore, virou-se para a amada.

– Aqui me tens, Ivahy. Que desejas de mim?

– Senta-te e responde. Tu me amas?

– Duvidas então? Não estou entendendo esta pergunta, querida. Estarás insinuando...

– Não tenho propriamente dúvidas a respeito do teu amor. Não nego que me tens dado provas de afeição, mas... quero uma bem mais concreta. Talvez um sacrifício.

– Podes falar, Ivahy. Diante da nossa felicidade, desconheço sacrifícios.

– Pensa antes. Não sejas precipitado, pois não sabes de que se trata.

– Independente de conhecer os motivos, não medirei renúncias para fazer-te feliz. Fala pois, abandona os receios.

A jovem assumiu uma atitude que impressionou o companheiro. Seu tom de voz era diferente do habitual. Ele pôde notar-lhe uma certa dose de revolta e de impaciência.

– Tu bem sabes, Aramy, que a tribo inteira desconfia de ti. Aos meus ouvidos têm chegado rumores das mais desconcertadas versões sobre o mistério que envolve tuas pescarias. De princípio, não quis acreditar. Roguei-te que me explicasses e tuas respostas foram evasivas desconcertantes, pobres de sentido. Deixei que elas me satisfizessem o espírito atribulado e decidi varrer da mente todas estas coisas que me causam inquietação. Agora, porém, que o sono domina a tribo, tomei a resolução de pôr fim ao enigma em que te achas envolvido.

Contaram-me que uma linda mulher, dos cabelos da cor do sol, alva como o luar das noites encantadas, te acompanha rio acima, à proa da embarcação. Graças a ela, tens sucesso nas pescarias. A dúvida me amargurava e o ciúme fazia-me sofrer. Procurei ser forte nas trevas da ignorância, mas tudo foi em vão. Não suporto mais. Cansada de padecer, quis eu mesma ter a certeza do que, em sinal de censura, tenho ouvido contar. Assim é que tardavas a chegar e não tinha sono. Impaciente e sob o impulso insofreável do ciúme, caminhei até aqui.

Ainda me custa crer no que acabei de ouvir.

A virgem morena parou sufocada. Após um demorado silêncio, levantou-se quase ameaçadora e inquiriu com severidade:

– Quero que me digas com franqueza. Com quem conversavas há pouco? Dize-me sem hesitação e não mintas.

O índio ficara arrasado. Dissera-lhe, sem pensar, que tudo sacrificaria em seu benefício. Falara-lhe sob o calor da paixão que desconhece obstáculos nos momentos de ternura. Traria o mundo a seus pés, se tal lhe fosse exigido. Lutaria sozinho contra uma tribo inteira para fazê-la feliz. Nunca, porém, haveria de supor que uma tremenda barreira surgisse de improviso para torná-lo indeciso, arrependido. Como poderia ter pensado que o seu segredo viria a ser descoberto àquela hora da noite? E logo pela amada.

Doía-lhe a consciência no arrependimento de uma promessa impensada, onde dois juramentos lhe selavam a boca. Uma dolorosa luta interior lhe emaranhava o espírito numa trama profunda e obscura.

A voz se lhe prendera na garganta.

Percebendo-lhe a indecisão, ela voltou a falar:

— Aramy, tua consciência é o teu juiz. Adivinho-te os pensamentos. És fraco e tenho nojo de ti. No momento estou mil vezes arrependida da palavra que dei em receber-te por esposo. Uma vez que esse segredo nos separa, devo desaparecer para que fiques livre. Já não pareces um dos nossos. Procurarei a morte; é o meu caminho. Não hei de tolerar uma traição como esta. Mas... ainda não disseste nada. Fala, pois, e aguardarei tua decisão. Deves saber, no entanto, que se quiseres a continuação de nossa amizade, deverás responder à minha pergunta.

Recobrando a serenidade, após um esforço tremendo, Aramy iniciou fracamente:

— Ivahy, tuas palavras me magoaram. Rogo-te paciência e calma, pois tenho a cabeça perturbada e não sei como principiar. Meus pensamentos se chocam e se confundem e estou incapaz de reuni-los, no momento. Não sejas cruel e empresta-me o teu auxílio. Pelo amor que me tens, não me forces à

quebra de um juramento, no qual empenhei a vida. A nossa felicidade não está ligada a esta confissão. Basta saberes que conto com uma ajuda forte que me guia nas pescarias. Por um capricho tão simples, não me obrigues a um sacrifício tão grande. Esta leviandade poderá causar a nossa desventura. É em favor da nossa felicidade que te faço este pedido.

A donzela tornou-se lívida. Levantou-se num presságio de nova desavença, empunhando a lança.

– Uma vez que tua amada não merece a guarda de um segredo, deve desaparecer. Contudo, para que não me acuses de precipitação, à tua consciência atiro este dilema: “ou me levas à pescaria na próxima lua, ou me mato aqui mesmo”. Tu responderás pelo crime, ante a tribo enfurecida.

Tais palavras acompanhavam o gesto anunciado. A lança apontava-lhe o peito que arfava de emoção, numa expectativa angustiante.

O jovem compreendeu, num instante, o significado de tudo. Anteviu o julgamento a que seria submetido e a morte cheia de tormentos que o aguardava.

Por fim, foi obrigado a ceder.

– Irás comigo – disse.

Ela arremessou distante a lança e caiu nos braços do amado. Por algum tempo nada disseram. O silêncio disse tudo.

Caminharam na direção da aldeia, cautelosos. Aquela entrevista, em desacordo com as leis do seu povo, resultaria em sérios aborrecimentos, caso fosse descoberta.

Ele se deitara havia horas, mas não podia conciliar o sono. Meditava na quebra de um dos mais terríveis mandamentos do código de sua Nação, tal o de levar Ivahy à pescaria. Nem sequer eram noivos... Apesar de tudo, porém, desconhecia o medo. Somente não queria ser considerado rebelde,

desobediente, um mau elemento naquela grande Nação. Tudo se resolveria da melhor forma, com um contrato nupcial fora de tempo. A outra parte da questão, porém, era uma imposição humilhante que lhe imolaria a dignidade e o sentimento de gratidão. Adivinhava o enigma desfeito e a zombaria chicoteando-lhe o rosto. Lamentava amargamente a curiosidade daquele povo e o ciúme da amada.

Também ela não pudera dormir. Acreditava-se traída e não mais havia de transigir. Esperara demasiado, o que vinha dando motivo a comentários pouco honrosos. A timidez habitual começara a ser vencida e doravante haveria de se portar com energia e desassombro.

Fosse verdade ou não, descerraria aquela trama em que se encontrava o ente querido. O feiticeiro da tribo, a quem consultara, dissera-lhe coisas espantosas de infundirem pavor. Perderia o noivo, se o deixasse ao sabor dos maus espíritos. Era urgente uma providência séria e somente ela seria capaz de a tomar.

Diante de tais revelações e do amor que lhe dedicava, não era justo que permanecesse inativa. Não havia tempo a perder...

III

A lua havia chegado. Na praia iluminada duas sombras se moviam. A canoa foi lançada ao rio e elas partiram sem ruído. Uma seguia no jacumã e a outra agitava o remo com os braços vigorosos. A embarcação deslizava mansamente, apesar do forte impulso do remo que não fazia barulho algum, tamanha era a perícia com que era manejado.

– Para onde vamos, Aramy? – indagou uma delas.

– Para o Remanso da Ingazeira, querida – respondeu a outra, após um sobressalto que a arrancara de profunda meditação.

De novo o mutismo voltou a envolvê-las. Uma brisa quente descia o rio, dando a impressão de um perigo oculto.

Muito haviam navegado, quando, numa grande curva, a pouca distância do Remanso, um ruído desusado chamou-lhes a atenção.

– Uma pirarara! – exclamou a jovem, erguendo o arpão.

O enorme peixe, como que familiarizado com a canoa, aproximou-se despreocupado e dispunha-se a acompanhá-la, quando um acontecimento inesperado o fez submergir.

Ivahy lançou o arpão com a segurança da experiência, mas o braço forte do companheiro desviou-lhe a trajetória. A arma foi cair além do alvo espadanando água com violência.

– Que significa isto? – indagou surpresa.

– Então não vês, querida, o perigo a que estaríamos expostos, se o arpão atingisse aquele peixe? Nossa corda é curta para acompanhá-lo na corrida e cairíamos fatalmente no poço, onde as piratingas nos devorariam.

Ela sorriu com descrença, como se aquela explicação não lhe satisfizesse a pergunta. Retrucou com ironia:

– Estou vendo que és um pescador experimentado. Somente não compreendo o teu sucesso.

Finalmente atingiram o Remanso da Ingazeira. O índio estava visivelmente inquieto. Até ali, nenhum peixe. Como se sairia desse aperto?

Fazia horas que rondavam o grande poço.

– Creio, Aramy, que já podemos voltar – tornou a falar com escárnio. A lua se esconde e a pescaria... foi abundante, não achas? Certamente à minha presença se deve tal sucesso.

– Não entendo, Ivahy, esta pouca sorte de hoje. Poderemos voltar amanhã.

A embarcação descia o rio, como se não existisse nela vivalma. O mutismo do regresso era mais penoso que o da ida.

Na praia desceram os dois fantasmas taciturnos e sumiram-se na floresta.

Ao amanhecer ela o procurou:

– Aramy, tu hoje irás sozinho. Aguardarei a tua volta.

IV

A ubá singrava imponente as águas do rio. Adiante elas se abriram e uma enorme pirarara fez brilhar à luz do luar, o dorso prateado.

O índio a observava sem um movimento de agressividade. Confiante, aproximou-se da canoa e levantou a cabeça.

– Tua ação fez crescer por ti a minha admiração. Agradeço-te o me teres salvado. Esqueceste, porém, que me tinhas prometido, jamais trazer alguém. Lamento a tua inobservância, mas a tua atitude me conforta. Aí estão os peixes.

Sumiu-se num repente, nas águas frias do Remanso. O jovem quis dizer algo; não teve tempo.

A sorte, mais uma vez o protegia. A canoa viera pesada e quase a soçobrar com a carga.

Ivahy, longe se mostrar admirada, manteve-se serena e reservada. Dir-se-ia que alguma coisa de premeditação enchia-lhe o pensamento.

Aramy chamou-a.

– Dize-me, querida, que se passa contigo?

– Não sei se devo responder-te... Não ignoras a causa do meu sofrimento e tens a audácia e o cinismo de me fazer semelhante pergunta... Hoje, mais do que nunca, necessitamos resolver este caso e pôr termo a esta série de dúvidas que me amarguram a existência, levantando um abismo entre nós.

– Tranquiliza-te, querida. Eu também tenho meditado no modo mais fácil de solucionarmos este problema. As coisas devem ser estudadas com prudência, antes de serem postas em prática. Tu és mulher e, por isso mesmo, achas tudo simples. Se assim...

– Basta! – interrompeu ela. Não aceito mais ponderações tolas que emprestam dose amarga de chacota a este nosso casamento. Aqui agora hás de decidir o caminho por que terás de seguir. Farei chegar ao Conselho da Tribo uma grave denúncia. Serás acusado de vários crimes, entre os quais o de haveres iludido uma virgem inocente, com promessas hipócritas. Bem sabes que isto é o bastante para tua condenação.

– Venceste, Ivahy... Ganhaste com ameaças, quando deveria ter prevalecido o amor. Vibraste um tremendo golpe no meu amor-próprio. És injusta e cruel... Doloroso arrependimento quando me recordo...

O resto ficou no ar, nadando em amarguras...

O índio baixou a cabeça. Um breve silêncio seguiu estas palavras.

Ivahy pareceu calcular a dureza de suas expressões e sentiu-se penalizada. Com o semblante meigo, aproximou-se do companheiro e lhe tomou as mãos.

– Aramy, escuta-me. Há pouco falavam o ódio e o ciúme. Peço-te que me perdoes. É o amor quem te suplica.

Foi ele, por ser excessivo, que me levou a tomar semelhante caminho. Olha para mim e pensemos sem rancor.

Aramy julgou-se também culpado. Levantou os olhos e fitou-a enternecido. Vendo-a naquela atitude submissa, a bonança tocou-lhe o coração.

– Assim seja, querida – segredou-lhe aos ouvidos. Pedeme o que quiseres. Estou por tudo que te agradar. Sinto que

devemos viver um para o outro e que o resto da tribo não nos interessa. Sentemo-nos pois e dá-me o teu plano.

A reconciliação tem dessas reviravoltas. Não mede sacrifícios e nem avalia situações. A vibração quente do amor espalha um infinito bem-estar no domínio das renúncias e inclina as almas para o altar dos grandes gestos. O heroísmo ressurgue fácil, empolgante. O rancor desaparece e, em meio a tudo isso, a volúpia se levanta irrefreável, indefinida.

Ivahy, recomeçou:

– Já disse que toda a tribo te observa e censura, desconhecendo embora a força oculta que te cerca. As versões circulam inúmeras e desencontradas, o que dissemina a dúvida e a indecisão no meio desta gente curiosa. Agora diz-me por qual motivo evitaste o golpe da pirarara.

Ele hesitou, perturbado. Teria mudado de opinião?

Ela o fitava com sofreguidão. O jovem sentia a percussão daquele olhar ardente. Receando nova explosão, decidiu falar, antes mesmo de articular suas ideias.

– Aquele peixe tem sido o meu protetor. Graças a ele, sou feliz nas pescarias... Aqui tens o meu segredo.

– Eu já o adivinhara, Aramy. Queria apenas a confirmação de tua própria boca. E que espécie de peixe é este que se fez teu amigo?

– Não sei informar ao certo, querida. Vou contar-te uma história. De uma feita saíra para pescar quando, ao descer na praia, na margem esquerda do Remanso, encontrei um pequeno peixe que se debatia na areia quente. Apanhei-o penalizado e o devolvi ao rio, sem medir o alcance da ação.

Tempos depois, ao levantar o arpão para uma pirarara, tive com grande susto a surpresa de ouvi-la.

– Desce o teu arpão! – disse. Eu sou aquele minúsculo peixe que salvaste na praia do Remanso, num dia de sol causticante.

Aí estão outros peixes. Doravante não terás mais trabalho para apanhá-los.

Daquele dia em diante a sorte passou a me favorecer. E assim continuou aquele estranho peixe a encontrar-se comigo, todas as vezes que me dirigia para as bandas do Remanso. Nada mais me dizia além das instruções para o sucesso das pescarias.

Certo dia pediu-me que nada dissesse a ninguém, nem tampouco conduzisse alguém comigo. Fiz-lhe um juramento, no qual empenhei a minha palavra e a minha vida.

– E não achas que seja um ente encantado?

– A princípio assim o julgava. Depois entrei a cismar e a ter dúvidas... Não sei...

– Chegaste ao ponto que eu queria, Aramy. Para que sejamos felizes, é indispensável que este peixe desapareça. Custa-me crer na tua ingenuidade... Já pensaste em que estás lançando a nossa felicidade na intimidade de um ser que não é gente como nós?!... De um modo ou de outro, exijo que me tragas este peixe.

– Impossível, querida. Será uma ingratidão a que não estou habituado. Prometo-te, no entanto, evitar o Remanso e não mais encontrar-me com ele. Não me forces, porém, à prática de uma ação vil.

Ela ergueu-se bruscamente. As feições já não eram as mesmas de há pouco. Transformaram-se por completo. Os olhos brilhavam como os da cobra enraivecida, prestes a lançar o bote.

– Então, homem fraco e sem palavra, queres enganar-me outra vez? Já não bastaram as demais em que abusaste da minha boa-fé?

– Perdão, Ivahy. Não tive o intuito de magoar-te. Sejam prudentes. Há várias maneiras de nos livrarmos desta

situação embaraçosa. Precisas saber que, se este peixe for encantado, o arpão não lhe fará mal e eu pagarei caro a temeridade. Desejarás, por acaso, a morte do teu futuro esposo?

– Tudo isto eu preveni. Consultei o feiticeiro da tribo e ele me deu este arpão – replicou ela, passando-lhe a arma. Não é uma fisga como as outras. Com ela conseguirás tudo, sem prejuízo algum para ti, pois é dotado de poderes sobrenaturais.

O jovem examinou a arma. Depois de uma luta íntima que o pusera em silêncio durante alguns momentos proferiu, num suspiro de capitulação:

– Pois seja, querida. Amanhã mesmo a tua ordem será cumprida. Uma voz secreta me acusa horrivelmente... Já não pertença a mim mesmo.

V

A canoa sulcava novamente aquelas águas muito amigas. Parecia partilhar da mesma dor do seu piloto. Os remos mergulhavam e tornavam a sair, sem deixar um só ruído. A lua refletia-se na superfície lisa do rio e projetava-se sob a mata vizinha. Uma viração acariciadora insuflava de mansinho pequenas ondulações naquela face tranquila, que a lua beijava. Uma nota de sobressalto, entretanto, perturbava aquele espetáculo grandioso em que o Mistério da Solidão rendia homenagem ao Senhor de todos os mundos. Aquela canoa parecia querer arrancar a mudez sobrenatural daquele quadro empolgante. Toda a mataria mergulhada em silêncio parecia rezar naquele templo de cristal que o luar acendera. A ramagem curvava-se reverente ante aquela cena maravilhosa, em que a Natureza selvagem se embestia em fervorosa oração. Uma prece soberba e envolta em mistérios se evolava solene daquele missal telúrico, aberto no centro da floresta. Sob o impulso do vento, alguns ramos roçavam a água como um ósculo das crenças do Infinito. A embarcação avançava, receosa talvez de profanar aquela ardência sagrada de um mundo desconhecido, em solilóquio cósmico.

O índio meditava. Súbito, um rumor conhecido chamou-o à realidade. A água se abriu e o dorso de um grande peixe flutuou imponente. Vagaroso, aproximou-se da canoa.

— Que tens, Aramy? Faz horas que te acompanho e observo a tristeza impressa em teu semblante. Alguma coisa de ruim aconteceu contigo, não podes negar... Quem sabe?... Talvez te possa ajudar. Confia-me teu sofrimento, desabafa o teu coração oprimido e ficarás aliviado. Todos nós sentimos a necessidade de um amigo, quando a mágoa nos tiraniza.

A doçura destas palavras causou forte abalo no espírito martirizado do índio. Como haveria de pagar com tamanha ingratidão os benefícios recebidos?... Fosse aquela pirarara uma virgem encantada, como vira em sonhos, o desfecho de uma tragédia seria evitado em tempo. Oh, se o fosse!... Mas... era simplesmente um peixe, embora diferente dos outros. De qualquer modo, não merecia aquele golpe traiçoeiro e cruel de que ele, o ingrato, era o instrumento desprezível.

Tentou falar, porém não o conseguiu. A voz ficou presa. O olhar vago e inexpressivo fitava o espaço. As lágrimas não foram contidas, rolando-lhe pelas faces, em abundância. Os remos caíram n'água e não se dispôs a apanhá-los.

O peixe insistiu:

— Que vejo, Aramy?... Por que choras?... Teu braço vigoroso deixa cair os remos e tua boca emudece. Estás doente e não devo consentir que o frio da noite te faça mal. Vamos, eu te levarei de volta. Puxarei a canoa.

E a boa pirarara, condoída daquele estado pungente de seu protegido, rebocava com cuidado a frágil ubá.

Mais uma vez tentou ele dirigir-lhe a palavra. Sentiu um nó na garganta e chorou novamente. Tinha o coração em pedaços e o peito em asfixia. A alma parecia contorcer-se dentro de seu ser, ante a possibilidade de testemunhar uma cena sem precedentes, em que a ingratidão era a paga do benefício. Tinha ímpetos de externar-lhe tudo, mas... como fazê-lo?

O corpo inteiro lhe tremia, agitado pela maior de todas as lutas, a do amor contra a razão. A consciência lhe apontava o sentimento de repulsa das almas nobres, no limiar de uma ação indigna.

Aqueles momentos tinham a duração de uma eternidade e ele daria a própria vida para livrar-se do crime monstruoso que ia consumir.

– Vai bem assim? – indagou o guia, sem se voltar.

Ele não respondeu. A canoa deslizava tão lentamente que parecia não se mover do lugar.

O bom peixe não insistiu. Sabia-o sofrendo e respeitava-lhe a dor.

Adiante, no meio do rio, um vulto negro de penhasco assomou no horizonte.

De novo o peixe falou:

– Aramy, estamos quase a chegar. Olha a Ilha de Pedra!

Este aviso causou-lhe tremendo susto. Levantou-se na canoa como um autômato e examinou o rochedo. Não havia dúvida, era a ilha. Precisava agir e faltava-lhe coragem.

Num instante, porém, esboçou-se-lhe na mente a cena da entrevista com a amada, em cuja ameaça transpareciam os terríveis castigos da tribo, que o esmagariam em um só momento. Além de tudo, ele a amava e temia perdê-la.

Em sua frente estava a vítima, despreocupada e feliz. Na mão, retinha a arma. A gratidão detinha-lhe o braço, porém, a covardia o impelia.

No entrecruzar dos sentimentos em desordem, sentiu o mundo girar em torno de si. Foi nesta hora de luta mais acesa que arremessou, com violência incrível, a lança da ingratidão.

– Insensato!... ouviu-se apenas.

Tudo voltou ao silêncio.

Saltando em terra, encontrou Ivahy que o aguardava impaciente.

– Aí tens – disse ele – o fruto da desventura, a testemunha indefesa do crime mais hediondo que se pratica no Universo... Estás contente?

Ela olhou o peixe estendido na praia, o arpão embebido até o meio e a ferida a sangrar.

– Estou, sim. Mas... será a mesma que salvaste do meu arpão?

E assim dizendo inclinou-se para melhor observá-la. Segurando a arma cravada na vítima, arrancou-a com violência.

No mesmo instante recuou aterrada, soltando um grito. A pirarara desaparecera e, em seu lugar, surgira uma linda jovem Branca, de cabelos louros como a flor do ipê e os olhos azuis como um céu sem nuvens.

Os dois jovens cuidaram em fugir, mas as forças lhes faltaram. Tiveram a impressão de que estavam fincados no solo.

A visão aproximou-se, proferindo estas palavras fatais:

– É assim que pagas os benefícios que te fiz?

Calculava que tinhas coração, quando me impediste de morrer na areia ardente da praia. Procurei sempre corresponder ao teu gesto digno. Confiei em ti e me sentia bem, quando precisavas de mim. Jamais haveria de julgar que te servirias de minha atitude descuidada, para praticares a mais nefanda traição. Terás, pois, o castigo de tua ação ignóbil testemunho indelével do delito que consumaste!

Quanto a ti – disse, voltando-se para Ivahy – serás a sua companheira de infortúnio. Vencida pelo teu ciúme desregrado, espiarás eternamente, junto a ele, o crime de perversão do mais nobre sentimento com que Deus ornou o coração da humanidade. O amor é inimigo da vingança e te apegaste a ela, sem ouvir os rogos daquele. O coração é impetuoso, porém a consciência é o seu freio. A inveja e a maledicência cegaram-te a alma. Sobre vossas cabeças descerá a desgraça eterna.

A estranha visão desaparecera, deixando-os estupefatos e sem acreditarem na realidade. Ao repararem um no outro, novo assombro lhe surgiu nos gestos.

– Aramy, és tu mesmo?!... Ou estarei sonhando?

– Ivahy, como estás horrível!...

A expressão do pavor se lhes pintava no rosto. Foi então que compreenderam a metamorfose por que haviam passado. Tornaram-se pequenos, pretos e horripilantes. Seus cabelos sedosos e compridos estavam agora encarapinhados e duros. Suas bocas cresceram desmesuradamente e os pés não eram os mesmos. Entre os dedos nascera uma membrana espessa, como a dos patos.

Ela chorava de desespero e ele meditava na desgraça que o atingira.

Uma força irresistível os atraía para o rio.

Caminharam para ele e sumiram-se nas águas.

Chico Preto parou um momento e nos fitou à espera de uma aprovação. Depois terminou suspirando magoado:

– E às vezes, meu doutor, nas horas mortas da noite, quando o luar é mais bonito, uma canoa desce o rio, puxada por dois negros horríveis e nojentos. Dentro dela está a linda princesa dos cabelos da cor do sol e do olhar azul dos céus...

Nova diretoria da A. B. de Escritores em Goiaz

Em reunião recentemente realizada, a Associação Brasileira de Escritores, de Goiaz, elegeu a sua nova diretoria, que ficou assim constituída: presidente, Eli Brasiliense; vice-presidente, Bernardo Ellis; 1.º secretario, Oscar Sabino Júnior (reeleito); 2.º secretario, Cecilio Rocha; Tesoureiro, Haroldo de Brito Guimarães; Conselho Fiscal: Léo Lynce, Castro Costa e Geraldo de Araújo Vale.

Para representar a ABDE de Goiaz no II Congresso Brasileiro de Escri-

tores foi escolhida a seguinte delegação: Bernardo Ellis, Eli Brasiliense, Colemar Natal e Silva, Castro Costa, Francisco de Brito, Cecilio Rocha, José Decio Filho, Afonso Felix de Souza, Domingos Felix de Souza e Haroldo de Brito Guimarães.

Foram apresentadas à Bolsa de Publicações "Hugo de Carvalho Ramos" três obras, que serão submetidas ao julgamento da ABDE, sendo designadas as seguintes comissões para esse fim:

MAGDA, A VIUVINHA ORIGINAL, de Celeodiva de Moura: Oscar Sabino Júnior, Sra. Ada Curado e Haroldo de Brito.

LENDAS DE MINHA TERRA, do Dr. Mário Rizério: Bernardo Ellis, Eli Brasiliense, Dr. Paulo Fleury da Silva e Souza.

UMA VIAGEM AO ARAGUAIA, de L. R. Calado: Dr. Zoroastro Artiga, Prof. Iron da Rocha Lima e Leonan Curado.

A escolha do nome do jornalista Eli Brasiliense para dirigir, neste Estado, a Associação Brasileira de Escritores, foi recebida com acolhedora simpatia, pois se trata de uma figura de inegável valor em nossas letras e que, ainda há pouco, publicou um livro de grande alcance social — "PIUM" — que val ser vertido para o francês, por iniciativa de vários intelectuais daquele país, onde o trabalho do beletриста goiano teve grande repercussão.

Menção ao livro Lendas de minha terra, de Mário Rizério Leite, no jornal O Popular

de 23 de abril de 1950

Fonte: Cedoc/O Popular.

INQUÉRITO ADMINISTRATIVO
Tendo desaparecido, na sala do gabinete da Prefeitura, o original do livro "LENDAS DE MINHA TERRA" de autoria do dr. Mário Rizerio Leite, aprovado pela comissão julgadora, para efeito de publicação pela Bolsa de Publicação Hugo de Carvalho Ramos, o exmo. sr. Prefeito assinou portaria nomeando uma comissão afim de instaurar inquérito em torno do desaparecimento do citado livro, composta do sr. Waldir Fernandes de Lima, José Pereira Braga e Adolfo Gomes Mauricio.

Nossa reportagem, conversando hoje com um dos membros dessa comissão, informa que o inquérito se acha ainda em sua fase inicial.

Menção ao livro Lendas de minha terra, de Mário Rizerio Leite, na seção "Notícia da Prefeitura"

no jornal O Popular de 25 de fevereiro de 1951

Fonte: Cedoc/O Popular.

POSFÁCIO
VARIACÕES SOBRE
LENDAS DE MINHA TERRA,
DE MÁRIO RIZÉRIO

Lendas de minha terra é o livro de estreia de Mário Rizerio Leite. Publicado em 1951 pela Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, da Prefeitura de Goiânia, sob a responsabilidade literária da Associação Brasileira de Escritores, Seção de Goiás, pertence ao campo intelectual que, desde os anos 1940, vinha buscando institucionalizar os estudos folclóricos no Brasil e em Goiás.

Trata-se de um conjunto de cinco lendas – “A Mãe-da-Lua”,⁸ “O lobisomem”, “Romãozinho”, o filho maldito”, “A caapora”, “O Negro-d’Água” – que se supõem representativas do folclore regional.

A lenda “A Mãe-da-Lua” narra a história de Irapuã e a traição e vingança à sua tribo Carajá em favor dos Xavantes, por causa de um equívoco de Irapuã, que mata a irmã da noiva Ijuruêma por ciúmes. Devido ao castigo do exílio que a tribo lhe impinge pelo delito, o índio se cobre de ódio e vingança e delata as mulheres, as crianças e seus descendentes aos Xavante. A história é motivada pelo grito do pássaro chamado Mãe-da-Lua, que “só canta de noite e nunca é visto de dia” e cujo canto é “horrível e penoso”, parecendo um

8 Essa lenda integrou a *Antologia de cuentistas brasileños*, p.37, com tradução de Roberto Velandia – *La madre de la luna* – e publicação pelo *Fondo de Editores Indoamericanos*, Bogotá, Colômbia, 1957.

“pedido de socorro”. O pássaro é representativo do lamento do “crime sem perdão” de Irapuã.

“O lobisomem” conta sobre Porfírio, um velhinho que pilava arroz e a quem a criançada chamava brincalhona de “lobisomem”, insinuando que ele virava o monstro durante a passagem da meia-noite da quinta-feira para a sexta-feira santa. Quando, na semana santa, Porfírio desaparecia e um “grupo infernal”, numa “algazarra ensurdecidora”, atacava a cidade de Bom Jesus das Meiras, a dúvida de que ele fosse o lobisomem permanecia. Até encontrarem o velho morto, no lugar onde diziam ser o local de sua transformação no bicho.

“Romãozinho, o filho maldito” se inicia com o relato de fatos estranhos acontecendo a todos da cidade de Arraias: pedras que se voltavam contra quem nelas se sentava, cacos de telha que voavam, tampas de panelas que eram levantadas, fusos de fiação arrebatados e atirados à parede. À suspeita de que seriam essas artes de Valentim, Gaudêncio, velho respeitado na sociedade local, afirma serem de Romãozinho, o filho temporão de um casal de velhos, julgado maléfico desde bebê, pelas ações que praticava: mordia o seio da mãe ao mamar, não descansava os pais à noite, não deixou que o padre o batizasse. Responsável pela morte do pai, é preso por matar outro membro da cidade. Por fim, mata a mãe que havia solicitado ao juiz a sua guarda. Segundo a lenda, Romãozinho “desde então [...] vagueia pelo mundo, cumprindo a sina cruel que a maldade inspirou” (LEITE, 1951. p.78).

“A caapora” relata uma caçada a tatus empreendida pelo sargento Zezé, o narrador Antônio e o motorista Nicola, caçada que não se realizou porque o caapora (no caso, semelhante ao saci-pererê) não deixou, assustando os cachorros e o grupo caçador.

“O Negro-d’Água”, última narrativa do livro, é sobre negros cujas cabeças afloram à água dos rios e dão gargalhadas, impedindo os pescadores de pescar um peixe sequer. Mário Rizério conta-nos essa lenda como proveniente da história indígena de Aramy, um índio pescador que conseguia peixes em abundância, mas que mantinha para sua tribo o segredo dessa fartura e sorte. Sua sorte vinha de uma pirarara que, em outros tempos, havia dado na praia e que, quase morta, Aramy retornara à vida jogando-a de volta ao rio. A pirarara, por gratidão ao gesto, o acompanhava nas pescarias e dava-lhe a abundância de peixes. O ciúme e o egoísmo de Ivahy, a namorada, no entanto, fazem com que Aramy não só revele o seu segredo, mas mate a pirarara como troféu. Dada a morte, o peixe transforma-se numa linda mulher que impinge ao casal, pela ingratidão manifestada, a aparência de “pequenos, pretos e horripilantes”, “cabelos encarapinhados e duros” (expressões de racismo) e pés com “membrana espessa como a dos patos”. São os negros d’água que afligem os pescadores de hoje.

Essas cinco narrativas do livro mantêm, todas elas, o pretexto narrativo usual da literatura regionalista do final do século XIX, proveniente da literatura oral, que figura um grupo à roda de um fogo ou numa conversa rotineira, que se interessa por uma história ou por um personagem e insiste com o narrador para contar/relatar sobre o tema. A história propriamente é narrada na terceira pessoa, mas através da voz de uma primeira que testemunhou ou sabe historiar o relato.

São predominantemente narradas ao estilo de narrador erudito, superior aos personagens e à história que narra, numa típica literatura feita para os letrados. Em uma das narrativas – O lobisomem – há uma digressão longa com um episódio cômico vivido pelo narrador a respeito de um castigo seu.

Aliás, a comicidade está presente também na lenda do caapora (e, diga-se de passagem, por todo o conjunto da obra de Mário Rizério, parecendo ser o seu forte narrativo), tanto nos retardos narrativos sobre o relógio e a disenteria do protagonista, quanto na história do caapora propriamente dita, em que a covardia e a fuga em debandada ridícula constituem o desfecho da história.

Quando foge totalmente do riso, como em “A Mãe-da-Lua” e “O negro-d’água”, assumem essas lendas um tom moralista (a que não fogem também as outras três lendas) de defesa de virtudes individuais: gratidão, benevolência, compaixão, fidelidade etc. e que contrastam com personagens perversos, como Romãozinho ou Irapuã, cujas ações são cruéis, vingativas, maléficas, porque matam ou machucam sem remorso, com crueldade e perversidade exageradas.

Interessante no livro é uma espécie de mapeamento da hinterlândia brasileira: as figuras dos trabalhadores rurais e das pequenas cidades do interior compõem: o coronel, o boiadeiro, o boticário, a filha do fazendeiro, as doninhas de casa, os tipos solitários, o mascate, entre outros, iniciando o que viria ser a obra de Rizério Leite no decorrer da segunda metade do século passado, em que esses tipos comparecerão, ao lado de outros, inclusive dentro de relações de trabalho e convivência, como protagonistas. Referimo-nos aqui, por exemplo, aos personagens dos romances *Muçurana*, *Poeira no Ar* e *O vaqueiro Ciríaco*.

Também aparecem cenas costumeiras do cotidiano da roça ou da cidade do interior. Por isso, no conjunto da obra de Mário Rizério, e talvez por ser um livro de estreia e ligado ao momento de levante folclórico no país (conforme já dissemos e a que vamos retornar adiante), *Lendas de minha terra* não nos parece ser a principal obra de Mário Rizério. Ao contrário,

expõe muito pouco do que viria a ser a poética descritivo-lírica do autor em seus outros romances, seja *Poeira no ar*, *Muçurana* ou *O vaqueiro Ciríaco*. Mesmo *Xuruê*, que, por sinal, inclui duas lendas de *Lendas de minha terra* – “A Mãe-da-Lua” e “Negro-d’Água” (em que o nome do personagem Aramy é trocado para Xuruê), e que é um livro de contos como “causos” (e em que a verve cômica do autor é a tônica em todos eles), mantém a poeticidade nas suas descrições de espaço e ambientes, como se pode ver em:

O ruído dos cascos do animal no chão endurecido marcava uma cadência enervante. Sol de seca num céu sem nuvens, trilar dos grilos na época do ano.

O vento tépido sacudiu o agreste e espalhou no ar uma chuva de fragmentos secos. O redemoinho levantou um funil de pó e correu pra cima dos dois, cobrindo-os de poeira. (LEITE, 1970, p.87).

Tal lirismo descritivo não comparece em *Lendas de minha terra*.

De outro lado, o gosto por jogar o protagonista em aventuras intrincadas, cheias de peripécias e quiproquós já aparece em embrião em *Lendas de minha terra*, em especial em “A Mãe-da-Lua”, “Romãozinho” e “Negro-d’Água”, em que os protagonistas se lançam em diversas ações decisivas e fundamentais ao andamento do relato em um curto espaço de tempo, à moda de Pierre Corneille. Os episódios são relatados e explicitados em cenas, não em resumos, como seria se fossem sintéticos.

No geral, apesar da intenção do autor, as lendas relatadas no livro não são necessariamente goianas, mas constituem-se variantes de outras lendas. A Mãe-da-Lua, por exemplo,

tem outra narrativa no Mato Grosso. É uma ave existente, também chamada de urutau-gigante, dificilmente divisada na mata, conforme já nos avisara Mário Rizério.

...urutau-gigante, uma ave muito especial e rara de ser vista. Uma das razões disso é sua inigualável camuflagem com coloração acinzentada e amarronzada, apresentando tons e detalhes quase idênticos aos das texturas das árvores. [...]

Durante o dia, a ave escolhe normalmente um galho bifurcado, ergue seu bico ao céu e, em uma posição que parece muito desconfortável, se mantém estática para adormecer sem ser importunada. A perfeição da camuflagem é tanta que o Mãe-da-Lua desaparece aos olhos dos desavisados, se assemelhando de forma incrível a um galho quebrado. [...] A natureza atingiu um grau de especialização tão grande nos lindos olhos dessa ave que suas pálpebras possuem estruturas semelhantes a cortinas, formando pequenos orifícios ao se fecharem e permitindo ao Mãe-da-Lua enxergar os acontecimentos ao seu redor mesmo de olhos fechados. (BERALDO, 2018, p. 3).

Além disso, Mãe-da-Lua é um predador noturno, muitas vezes confundido com as corujas. Seu bico apresenta uma abertura gigantesca com “lábios” que ultrapassam o nível dos olhos, permitindo comer insetos em pleno voo. Também se alimenta de morcegos e pequenas aves.

O conjunto de lendas ao seu redor é diverso:

Dizem que seu canto traz mensagens do mundo dos mortos, entregando boa sorte aos amigos e azar aos inimigos.

Outra lenda diz que uma índia passou grande sofrimento por um amor impossível e tamanha foi sua tristeza, que a jovem transformou-se no urutau, sendo condenada a empoleirar-se toda noite em um tronco de árvore, vagando pela noite a olhar fixamente para a Lua e a cantar sua tristeza pela falta de seu amor. A ave possui um arrepiante canto, um som alto ecoa na noite, parecendo um grito de desespero de alguém em grande perigo. Outra lenda afirma que o urutau foi um menino órfão, transformado em ave que chora triste todas as noites a perda de seus pais. (BERALDO, 2018, p. 4-5).

Também dizem que as penas do urutau são talismãs do amor e que varrer o chão sob o véu de uma noiva com as penas da ave garante virtudes às futuras esposas.

Ademais, Peru e Bolívia também relatam lendas do urutau-gigante:

Conta uma famosa lenda boliviana, que na densa mata habitava a bela filha do cacique de certa tribo, enamorada por um jovem guerreiro da mesma tribo, a quem amava profundamente. Amava e era amada. Ao saber do romance, o pai da menina, enfurecido pelo ciúmes, usou suas artes mágicas e tomou a decisão de acabar com o namoro da maneira mais trágica: matar o pretendente. Ao sentir o desaparecimento de seu amado, a jovem índia entrou na selva para procurá-lo. Enorme foi sua surpresa ao perceber o terrível fato. Em estado de choque, voltou para casa e ameaçou contar tudo à comunidade. O velho pai, furioso, a transformou em uma ave noturna para que ninguém soubesse do acontecido. Porém, a voz da menina passou à ave. Por isso, durante as noites, ela sempre chora a morte de seu amado com um canto triste e melancólico.

No Peru, mais especificamente na Amazônia peruana, o *Nyctibius griseus* é uma ave arraigada na mitologia dos povos indígenas, onde é conhecida como “Ayaymama”, pois seu canto também lembra uma criança exclamando “ai, ai, mama!”.

A lenda peruana conta que um bebê foi abandonado por sua mãe na floresta para evitar que morresse por uma peste que já havia dizimado todo o povo. Ele então se transformou em uma ave, que todas as noites lamenta por sua mãe.

Há muita superstição em torno dessa ave. Algumas pessoas, por desconhecimento acabam por rejeitá-la com medo de mau agouro ou má sorte. (ORNITHOS ESCOLA, 2018).

Da mesma sorte, em versão com nítida influência europeia, em que entram bruxas, feiticeiras e príncipes, há outras versões da Mãe-da-Lua:

Uma das histórias mais difundidas conta que a Mãe-da-Lua seria uma jovem que perdeu seu amor. Era uma menina do sertão muito feia, mas muito inteligente. Certa noite, encontrou um belo príncipe nas redondezas e conseguiu impressioná-lo com sua inteligência. Quando o príncipe estava prestes a pedi-la em casamento, a lua cheia surgiu por detrás das montanhas, iluminando o rosto da jovem. Assustado com sua feiura, o príncipe fugiu para nunca mais voltar. Desolada, a garota procurou uma feiticeira e pediu para ser transformada em uma ave, para buscar o príncipe onde quer que ele estivesse. A feiticeira consentiu, e assim nasceu a Mãe-da-Lua. No entanto, mesmo após longa procura, a garota em forma de ave não conseguiu

encontrar o príncipe. Voltou à feiticeira e pediu para ser transformada de volta em gente, mas isso estava fora dos poderes da bruxa. Desde então, a garota vaga pela noite como uma ave feia e triste, e sempre que aparece a lua, solta seu pio melancólico “foi, foi, foi...”, lembrando do príncipe que a deixou. (MARCONDES, 2012).

Se tomarmos as outras lendas que aparecem no livro, outras versões aparecem, restando às histórias de Mário Rizério algumas características do personagem, mas pouco da narrativa inserida no folclore brasileiro. Nesse caso, encontram-se “O lobisomem”, “Negro-d’Água”, “Romãozinho” e “O caapora”.

Em relação a esses dois últimos, “Romãozinho” e “O caapora”, ambos conservam as características que o folclore brasileiro lhes atribui: Romãozinho como um menino mau desde o nascimento; e o caapora, ou caipora, ou curupira, como um protetor das matas que espanta os caçadores e seus cães, como a seguir. Mas as narrativas contadas são completamente diferentes:

Romãozinho é um menino, filho de um agricultor, e que já nasceu mau, pois sempre gostou de maltratar os animais e destruir as plantas.

Uma vez, sua mãe mandou-o levar o almoço ao pai, que trabalhava na roça. Ele foi de má-vontade. No meio do caminho, ele comeu a galinha, colocou seus ossos na marmitta e levou-a ao pai. Quando o pai viu os ossos em vez da comida, ele perguntou o que aquilo significava. Romãozinho, perdidamente, disse: Deram a mim isso... Eu penso que minha mãe comeu a galinha com o homem que vai a nossa casa

quando você não está lá, e enviou-lhe somente os ossos. Enlouquecido de raiva, o pai voltou logo para casa, puxou do punhal e matou a esposa. Antes de morrer, a mãe amaldiçoou o filho que ria, dizendo: Você não morrerá nunca! Você não conhecerá o céu ou o inferno, nem repousará enquanto existir um vivente sobre a terra!

Romãozinho riu ante a maldição e foi embora. Desde então, o menino nunca cresceu, anda pelas estradas e faz travessuras, como quebrar as telhas dos telhados a pedradas, assustar os homens e tortura as galinhas. (ROMÃOZINHO..., 2019).

Essa é, sobretudo, a versão da lenda que se conta aqui em Goiás. José Aparecido Teixeira, um folclorista dos anos 1940, autor de um livro precioso intitulado *Folclore Goiano* (1940/2010), cede a essa lenda muitas variantes, que ele dispõe em ciclos temáticos e por localização. Segundo ele, há três ciclos: Romãozinho e a maldição da mãe; Romãozinho e o coletor; Romãozinho Dom Juan (sedutor). Dá essa lenda como localizada no norte e nordeste do estado.

Romãozinho e a maldição da mãe conta que “quando a mãe o repreendeu [por alguma arte], rebelou-se e lhe deu uma surra de sopapos e pontapés. Ela então rogou uma praga no malvado negrinho. Desde esse dia, Romãozinho desapareceu de casa e começou a assombrar as estradas, vilas e fazendas do Vale do Paraná.” (TEIXEIRA, 2010, p.224).

Em Romãozinho e o coletor, este era um “velho feio, ranzinza e arrelento de quem o povo não gostava. [...] Romãozinho, em forma de macaco, encontrou-se com o coletor à meia noite, num local ao redor da povoação. Do que foi tratado nessa conferência íntima, ninguém ficou sabendo.

O que é certo e que todos falam dela e a referem a meia voz.” (TEIXEIRA, 2010, p.225).

No ciclo do Romãozinho Don Juan, encontramos:

Numa das fazendas [na Chapada dos Veadeiros], morava uma cabocla jovem de faces rubras como a romã, olhos de babosa, seios redondos e alçados, ancas de corça gorda. Romãozinho, que passava ali sempre, apaixonou-se pela donzela e, numa noite de luar, à meia-noite, dirigiu-se ao seu quarto e a raptou enquanto dormia.

No dia seguinte, a fazenda acordou em rebuliço com o desaparecimento da donzela. Depois de muita procura, foram consultar um preto feiticeiro que havia nos arredores. O preto pediu peça de roupa de sinhazinha pra com ela adivinhar seu paradeiro. A peça, porém, sumiu. E o preto, com muito medo, pedindo segredo, afirmou que aquilo era obra de Romãozinho. E até hoje não pôde a cabocla ser encontrada. (TEIXEIRA, 2010, p.225).

Aparecido Teixeira ainda compara Romãozinho ao Saci, pelas semelhanças: ambos são brincalhões, zombeteiros, mas serviços. Mas percebe as diferenças não só físicas (Romãozinho não traz o barrete vermelho, nem possui somente uma perna, olhos de fogo ou dentes verdes), também realça o fato de ele não possuir traços escravocratas, como o Saci. Também insere Romãozinho num ambiente rural, pacato, de roça – a mãe fiandeira, o pai lavrador, o filho que leva comida para o pai no roçado, ou seja, é um personagem mais simples do que o Pererê (TEIXEIRA, 2010).

Quanto ao caapora:

Caipora é uma entidade da mitologia tupi-guarani. É representada como um pequeno índio de pele escura, ágil, nu, que fuma um cachimbo e gosta de cachaça. Habitante das florestas, reina sobre todos os animais e destrói os caçadores que não cumprem o acordo de caça feito com ele. Seu corpo é todo coberto por pelos. Ele vive montado numa espécie de porco-do-mato e carrega uma vara. Aparentado do Curupira, protege os animais da floresta. Os índios acreditavam que o Caipora temesse a claridade, por isso protegiam-se dele andando com tições acesos durante a noite. No imaginário popular em diferentes regiões do País, a figura do Caipora está intimamente associada à vida da floresta. Ele é o guardião da vida animal. Apronta toda sorte de ciladas para o caçador, sobretudo aquele que abate animais além de suas necessidades. Afugenta as presas, espanca os cães farejadores, e desorienta o caçador simulando os ruídos dos animais da mata. Assobia, estala os galhos e assim dá falsas pistas fazendo com que ele se perca no meio do mato. Mas, de acordo com a crença popular, é sobretudo nas sextas-feiras, nos domingos e dias santos, quando não se deve sair para a caça, que a sua atividade se intensifica. Mas há um meio de driblá-lo. O Caipora aprecia o fumo. (MITOLOGIA..., 2019).

Caapora, ou Caipora, (do tupi, kaa'pora = aquele ou aquilo que vive no mato) é uma entidade da mitologia tupi-guarani. Criatura fantástica presente no imaginário popular de várias regiões do Brasil, o Caapora está intimamente associado a vida da floresta. Ele é o protetor dos animais, e para livrá-los dos caçadores espanta a caça, espanca os cães farejadores e através de imitações de bichos, assobios e barulhos estranhos faz com que o caçador se perca na mata. (MARCONDES, 2012, grifo do autor).

Sobre o Negro-d'Água:

Diz a lenda que o Negro-d'Água ou Nego d'Água habita diversos rios, tais como o Rio Tocantins, o Rio Grande e o Rio São Francisco, onde há um monumento do escultor juazeirense Ledo Ivo Gomes de Oliveira, obra com mais de doze metros de altura que foi construída dentro do leito do rio, em sua homenagem, na cidade de Juazeiro, Bahia.

Segundo a lenda, o Negro-d'Água costuma aparecer para pescadores e outras pessoas junto aos rios. Manifestando-se com suas gargalhadas, negro, careca e com mãos e pés de pato, ele derruba a canoa dos pescadores, se eles se recusarem a lhe dar um peixe.

Em alguns locais do Brasil ainda existem pescadores que, ao sair para pescar, levam uma garrafa de cachaça e a atiram para dentro do rio, para que não tenham sua embarcação virada.

Essa história é bastante comum entre pessoas ribeirinhas, principalmente na Região Centro-Oeste do país, muito difundida entre os pescadores, dos quais muitos dizem já tê-lo visto.

Não há evidências de como surgiu esta lenda, o que se sabe é que o Negro-d'Água só habita os rios e raramente sai deles. Sua função seria amedrontar as pessoas que por ali passam, partindo anzóis de pesca, furando redes, dando sustos em pessoas nos barcos etc.

Suas características são muito peculiares: ele seria a fusão de homem negro alto e forte com um anfíbio. Apresenta nadadeiras e corpo coberto de escamas mistas com a pele. (NEGRO..., 2019).

Sobre essa lenda, Teixeira (2010) observa a sua semelhança com a Lenda da cabeça-de-cuia, do litoral, uma figura animada que tem a cabeça à semelhança de uma cuia. Ninguém consegue ver-lhe o corpo. É o terror dos banhistas, a quem pega traiçoeiramente e submerge incontinentemente. Já Joaquim Ribeiro (*apud* TEIXEIRA, 2010, p. 242) a avalia como uma versão masculinizada da lenda da Iara ou Uiara (lembrando que a lenda que Rizério nos apresenta se dá por protagonistas indígenas, o que torna essa observação de Ribeiro bastante pertinente). Se não há o encantamento da Uiara, é porque a lenda foi posteriormente influenciada pelo contato da Iemanjá dos negros.

Ainda é importante realçar que as lendas do livro remetem todas elas à fase da interpretação da realidade brasileira a partir das raças envolvidas em nosso processo de colonização e posterior desenvolvimento: são duas as lendas com indígenas protagonistas, inclusive com a presença das tribos goianas – Carajá e Xavante. Os povos indígenas protagonizaram bastante as narrativas da literatura brasileira no Romantismo, representados principalmente como o substrato essencial do povo brasileiro, numa espécie de racismo contra o negro, como fez, por exemplo, Euclides da Cunha.

E várias passagens de “A Mãe-da-Lua” se aproximam bastante do I-Juca-Pirama, de Gonçalves Dias (1846), especialmente no julgamento de Irapuã perante sua tribo e na revolta do pai pelo delito cometido.

Essas observações sobre as diferenças entre as histórias/variantes de Mário Rizério em *Lendas de minha terra* querem sobretudo dizer que elas são, na maior parte, “inventadas”. Seriam uma invenção de tradições, como sugere Hobsbawm?

Eric Hobsbawm (1997), na introdução ao seu livro escrito com Terence Ranger, *A invenção das tradições*, define tradição inventada como um

conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, um processo de continuidade em relação ao passado. (HOBSBAWM; RANGER, 1997, p. 9).

Ou seja, difere dos costumes por ser uma prática fundamentalmente ideológica e que, por isso mesmo, remete especialmente a um passado histórico adequado.

Ao distinguir diferentes categorias do conceito, classifica-as em três tipos: (1) as comunitárias (preponderantes), que objetivam a “coesão social ou a admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais”; (2) as que “estabelecem ou legitimam instituições, *status*, ou relações de autoridade e (3) as que visam à “inculcação de ideias, sistemas de valores e padrões de comportamento” (HOBSBAWM; RANGER, 1997, p.17). Além de serem superpostas, tais categorias se autoindicam, sendo, portanto, ideológicas, conforme dissemos, e resta então notar sua forma de funcionamento. Segundo Hobsbawm, as práticas antigas “eram sociais específicas e altamente coercivas, enquanto as inventadas tendiam [tendem] a ser gerais e vagas quanto à natureza dos valores, direitos e obrigações que se quer inculcar nos membros de um determinado grupo” (p.19).

No caso das lendas de Mário Rizério Leite, elas nos parecem querer recuperar uma identidade (perdida?) tanto para o estado de Goiás (à época ainda com o atual estado do Tocantins como seu território) quanto para a sociedade. Para o estado, a recuperação de lendas como se fossem indígenas (populações de um passado do estado), no entanto “específicas” de um regional valioso que, a partir da construção da nova capital

Goiânia (1933-1937-1942), como uma cidade moderna, instaura a perspectiva de um “regionalismo compensatório”, isto é, um regionalismo que tende a assinalar o que está se perdendo ou se degenerando e que poderia constituir uma identidade para o estado. Para Hobsbawm, inclusive, são as inovações históricas que promovem as invenções ou adaptações de tradições.

Para a sociedade, tanto o conjunto de valores morais e ético-cívicos: patriotismo, lealdade, dever cívico etc. – como bem diz a lenda da Mãe-da-Lua, que fala da traição de Irapuã à sua tribo, ou de Aramy, que acaba prejudicando seu povo – quanto os bons (positivados) e os maus (negativados pelo autor) comportamentos individualizados dos componentes sociais, como a fidelidade, a bondade em relação ao próximo, a honestidade, ou a perversidade, a crueldade, o ciúme, o egoísmo. Enfim, todos eles valores que contribuem com a esfera pública onde o homem atua como ser político.

Essa invenção, no entanto, não minimiza a obra de Mário Rizério. Conforme diz Peter Burke (2001):

Ninguém, mesmo no meio de uma revolução cultural, existe em um vácuo cultural. Gostem disso ou não, as pessoas estão sempre cercadas de tradições e, mesmo quando decidem abolir uma, têm de aceitar outras, pelo menos provisoriamente. A liberdade, a criatividade e a invenção têm limites. Elas são moldadas por contingências culturais, assim como sociais e materiais.

Por isso talvez fosse melhor falar em “reconstrução” das tradições, em vez de invenção, já que o que ocorre não é tanto a criação a partir do nada quanto uma tentativa de bricolagem, de dar novos usos a materiais antigos ou fazer novas declarações com palavras antigas.

De outro lado, é a própria possibilidade flexível do gênero lenda que também permite essa variação ou recriação encontrada em Mário Rizério. Isso porque as diferentes conceituações do gênero permitem a acolhida do absurdo e do insólito e aspiram (embora não consigam, dado o seu inusitado) a ser verdadeiras.

Em um interessante artigo sobre Lenda urbana (que aqui adaptamos aos nossos propósitos), Lopes (2008), a partir de Dégh (2001), arrola as principais definições de lenda, dividindo-as em cinco aspectos pelos quais o gênero pode ser abordado: (1) lenda em contexto; (2) lenda como resposta coletiva; (3) lenda entre o mundano e o extraordinário; (4) lenda como gênero emergente; (5) lenda como dialética.

Porque os três primeiros distinguem alguns parâmetros de enquadramento do gênero, são eles que nos interessam mais de perto. Fines (1992 *apud* LOPES, 2008, p. 377, grifos do autor) distingue um desses parâmetros:

uma narrativa que um contador apresenta a uma plateia no contexto de seu relacionamento. O texto é um relato de um acontecimento no qual o narrador ou um contato pessoal imediato não esteve envolvido e é apresentado como *uma proposição para a crença*; não é sempre tido como verdadeiro pelo falante ou plateia, mas é apresentado como algo que poderia ter ocorrido e é contado *como se tivesse acontecido*. As ocorrências são eventos notáveis do tipo dos que são supostamente “estranhos mas verdadeiros”.

Outro parâmetro importante é dado por Smith (1995 *apud* LOPES, 2008, p. 378), que situa a lenda entre dois planos de representação: “as lendas contemporâneas se situam

em algum lugar entre o mundano, as experiências cotidianas e o extraordinário”, ou seja, entre o que está na ordem, dentro do familiar, e o que está fora da ordem, o extraordinário. Isso configura, segundo Lopes (2008, p. 379), “seu caráter único e singular [e] relaciona-se ao fato de as lendas se situarem, enquanto práticas discursivas, entre a estrutura (a regularidade, a sistematicidade, relativas à ordem do discurso) e o acontecimento (o particular, relativo à ordem da enunciação)”.

De fato, em *Lendas de minha terra*, não somente encontramos o extraordinário junto ao familiar (como em “A Mãe-da-Lua”), às vezes o mítico (“O caapora”) e às vezes ambos (“Negro-d’Água”), como também os contos se estruturam, para além da regularidade do mundo conhecido, inclusive dentro da regularidade da literatura oral (embora o discurso do narrador ou da enunciação seja erudito) nas representações das rodas de conversas, do medo da plateia, da plateia em si, das solicitações, do envolvimento do narrador na história como transmissor e/ou testemunha, historiador etc., que desenham o aspecto comunitário de que falou Fines anteriormente.

Também, em praticamente todas as narrativas do livro, a proposição para a crença é figurada. Por exemplo, na história de Romãozinho, há toda uma preparação narrativa. Primeiro, o alarme geral sobre

um fenômeno curioso que vinha mantendo os moradores [da fazenda do Queimado] em permanente sobressalto, estendendo-se a todo o município de Arraias”: [...] mãos invisíveis levantavam as tampas das panelas e lançavam punhados de terra dentro dela [...] A filha do coronel, quando vem da fonte [o espírito mau] toma-lhe o pote e o atira no chão.

[...] O Bernardo veio de lá ontem e nos contou que a moça passa os dias chorando” (LEITE, 1951, p. 63-64).

Em seguida, a desconfiança de que seria obra de Valentim [o mudo que o coronel criara]:

– Que será isto, tio João?

– A mim me parece que se trata do Valentim.

– Já sei! O mudo que o coronel criava...

– Esse mesmo. Nós devemos é rezar por ele [...]

Tanto assim que foi só o coronel fizer a missa ontem e a moça amanheceu boa hoje. A tentação sumiu.

– Seria o espírito do Valentim? – inquiriu outro com a aparência de boiadeiro. Na fazenda do Queimado, a crença é esta. (LEITE, 1951, p.65).

Na sequência, surge Gaudêncio, o boticário local, na certeza de que as estranhezas todas eram obra de Romãozinho, um espírito cuja história ele conhecia muito bem (“Conheço a sua história”), porque soube dela na Vila do Conde, a respeito de Chico Carnuto, padre Belarmino, entre outros.

E, por último, o negaceio de Gaudêncio, que mandara abrir a boca, mas não dera o mel, se apressando para ir embora: “Bem, vocês não têm o que fazer e eu tenho pressa. Até logo!” (Idem. p. 66), negaceio que, de imediato, provoca a solicitação da plateia que lhe pede para contar a história:

– Espere um pouco “seu” Gaudêncio – pediu o juiz de direito. Queremos ouvir a história do Romãozinho.

O alegre boticário não se fez de rogado. O juiz havia pedido... e pedido de juiz, no interior, é uma ordem.

Com ares de catedrático, percorreu com os olhos a assistência e iniciou:

– Lá nos confins do sertão [...] (LEITE, 1951, p. 66).

Ou seja, de um lado, todos os parâmetros do gênero se encontram nesse pretexto narrativo, figurando a ordem do discurso lendário: comunidade, roda de conversa, o anonimato, o tempo espaço-indeterminado: “Lá nos confins do sertão...” etc.; de outro lado, figura o mundano: a fazenda, a cidade do interior, o boiadeiro, o boticário, o coronel, entre outros; e, de outro lado ainda, figura o real: a cidade de Arraias (antes Goiás, hoje, Tocantins) e a fazenda do Queimado. Todos eles propondo uma crença: acreditem!

Se considerarmos, além disso, o imaginário do mundo sertanejo interiorano, suas crenças em alma assombrada, em espíritos maus, seu espírito no geral agônico, o prato estará feito!

De outro lado, ambas as definições, a proposição para a crença e os fatos extraordinários, são ampliadas por Wycoff (1993 *apud* LOPES, 2008, p. 377), que, embora contorne a definição de lenda com os adjetivos “narrável”, “apócrifa” e “anônima” (adjetivos já bastante usuais para o gênero), a faz circular no “interior de uma comunidade, como resposta coletiva, criativa e inconsciente a alguma questão da comunidade, ainda que codifique[m] simbolicamente as ambiguidades sociais que subjazem a essa questão.”

Ora, sabe-se que lendas, quando remetem à região ou à nação, costumam ser fundantes de identidades. Mário Rizério, se nascido na Bahia, viveu por mais de 50 anos em Goiás: aqui clinicou na medicina, aqui teve seus filhos. Isso nos faz supor que o “minha terra” do título do livro remete à região central do país, no caso, Goiás. Mesmo que não seja assim, a locução leva a um pertencimento, a uma identidade, até porque supõe

histórias que permeiam um folclore regional, sobretudo rural, envolvendo as regras da ordem do discurso voltado hoje para o que se chama cultura popular.

O campo intelectual do folclore no Brasil, ao tempo da publicação do livro, 1951, estava buscando, desde os anos 1940, se institucionalizar, seja junto aos estados e à União, seja junto à academia/universidades. Junto a esta⁹, a partir dos anos 1940, sofria os revezes de não ser considerado uma “ciência”, mas um estudo fruto do diletantismo, um herdeiro dos antiquários do século XVI ou dos folcloristas colecionadores do século XIX, sem metodologia ou sistematização científica, pouca pesquisa, enfim, um grupo de estudiosos que mantinha outras profissões, como médicos, advogados, literatos e tinham a recolha acidental e pouco objetiva do material folclórico como uma preocupação com o passado e com as tradições “verdadeiras” que se perdiam frente à modernidade (retórica da perda). Recolha feita sem registrar informantes, localidades, filtrando e selecionando material. A própria cultura popular, assinala Ortiz (1985), ainda colocava nesse “verdadeiro” a particularidade e a diferença e, em muitos casos, também o atraso e a ignorância. Ou ainda, como diz Certeau (2001), o espontâneo e o ingênuo, sobretudo quando se tratava do universo rural.

No Brasil, os primórdios dessa institucionalização deram-se em 1922, primeiro com as exposições, na capital federal,

9 Um dos principais oponentes dos folcloristas foi Florestan Fernandes. A sua principal crítica “era direcionada à ambição dos folcloristas de conferir o status de campo científico ao folclore: “Não é preciso prender o folclorista nas malhas do pensamento científico para dar-lhe a faculdade de explorar técnicas científicas do levantamento, depuração e ordenação dos dados do fato” (*apud* SILVA, 2008, p.108), ou seja, crítica à metodologia de recolha dos folcloristas e destituição da possibilidade de que tais estudos pudessem ingressar na academia. O folclorista pode utilizar a metodologia científica sem constituir sua disciplina de estudo em ciência.

do Centenário da Independência, feitas por estado e que levaram para o Rio de Janeiro eventos folclóricos regionais; e, depois, com o Modernismo de 1922, com Raul Bopp (*Cobra Norato*, por exemplo), Mário de Andrade (*Macunaíma, Losango Cáqui*), Tarsila do Amaral, Di Cavalcante, Oswald de Andrade (*Manifestos Pau-Brasil e Antropófago*), entre outros, escritores que retomaram temas e personagens míticos e folclóricos, numa inventiva interpretação da nacionalidade brasileira. Até então, no século XIX, tínhamos alguns procedimentos de recolha e estocagem de manifestações populares e/ou folclóricas, cujos representantes mais proeminentes foram Silvio Romero com *Cantos populares do Brasil* (1883) e *Contos populares do Brasil* (1885) e Celso de Magalhães (produtor de artigos em 1873, no jornal acadêmico *O Trabalho*, intitulados *A poesia popular brasileira*); a partir dos anos 1920, Amadeu Amaral (criador da Sociedade de Estudos Paulistas, em 1921, que ensejava esse tipo de estudo) e Mello Moraes Filho (*Cancioneiro dos ciganos*, em 1885, *Festas e tradições populares do Brasil*, de 1901 e 1946).

Também nos anos 1920 e 1930, surgiram, dentro do pensamento social e da voga nacionalista, obras como *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, *Casa-grande e senzala*, de Gilberto Freire, *Evolução política do Brasil* e *Formação do Brasil contemporâneo*, de Caio Prado Júnior (esse último já no início anos 1940), que buscavam construir se não um caráter brasileiro pelo menos analisá-lo dentro de uma perspectiva mais acadêmica, seja na filiação weberiana, culturalista ou marxista.

Mas é com o Mário de Andrade diretor do Departamento de Cultura do Estado de São Paulo e idealizador da Sociedade de Etnografia e Folclore, em 1937, e da Missão de Pesquisas Folclóricas em 1938 – expedição que viajou o Norte e Nordeste, filmando, fotografando e gravando cantos populares, festas, danças etc., seguindo o exemplo do próprio Mário que viajara a

esses lugares entre 1928 e 1929 – que a institucionalização deu seu primeiro grande passo.

Desde essas iniciativas e a partir delas, foi criada a Comissão Nacional de Folclore (CNFL)¹⁰ em 1947, encabeçada por Renato Almeida (depois presidida por Édison Carneiro) que determinou a criação de comissões estaduais. Em dezembro de 1948, foi criada a Comissão Goiana de Folclore (CGF)¹¹.

Em 1951, seria lançada a Carta do Folclore Brasileiro, que definia como folclore “toda manifestação cultural espontânea que se baseasse nos princípios da tradicionalidade, do anonimato, da espontaneidade e da aceitação coletiva” (*apud* SILVA, 2008, p.227).

Goiás já conhecia alguns estudos desse tema desde a *In- formação Goyana*, revista de propaganda do estado de Goiás, com seções sobre história, geografia, literatura, riquezas naturais etc., que circulou no Rio de Janeiro de 1917 a 1935, sob a direção do Major Henrique Silva. Entre as seções, houve uma intitulada Folk-lore do Brasil Central que, embora tenha mantido

10 Monica Martins da Silva, talvez a maior pesquisadora desse campo intelectual em Goiás, em sua tese de doutorado, explicita: “Com a atuação da CNFL, boa parte da atuação dos folcloristas ocorreu fora do âmbito das novas academias, justificando a hipótese de que o movimento folclórico tenha representado para os intelectuais regionais uma oportunidade de reivindicação de legitimidade científica para uma produção monográfica excluída do projeto político de modernização educacional do país. Mediante a valorização das culturas locais, da integração das elites culturais periféricas a uma rede ampla de comunicação e troca e de levantamentos procedidos em escala microgeográfica, o folclorismo permitiria suprir, ao menos em parte, as lacunas deixadas pela imposição de um único modelo nacional de história...” (NEDEL, 2005, p. 31 *apud* SILVA, 2008, p. 21).

11 Em 1964, a CGF passou a Instituto Goiano do Folclore; em 1976, virou Serviço de Proteção ao Folclore; em 1980, voltou a ser Instituto Goiano do Folclore; em 1990, foi extinto. Também, a partir dos anos 1970-80, as preocupações já não seriam mais com folclore, mas com a cultura regional (novo nome, mais amplo), com o patrimônio histórico e cultural e com a centralidade da indústria cultural em relação à própria cultura popular: a preocupação com o turismo e com a vitrine folclórica passou a ser a tônica. Diga-se de passagem, que, em 1975, foi lançada a Política Nacional de Cultura (PNC).

textos que nem sempre poderiam ser considerados folclóricos ou sobre folclore, nela escreveram, por exemplo, Americano do Brasil, sobre os estudos que vinha realizando e que foram reunidos posteriormente no *Cancioneiro de trovas do Brasil Central* (1925), o próprio Henrique Silva (SILVA, 2008), Hugo de Carvalho Ramos (com suas sugestões para a participação de Goiás no Centenário da Independência, que não se concretizaram), entre outros.

Goiás já conhecia também outros intelectuais que escreviam sobre folclore. Entre esses, Crispiniano Tavares e José Aparecido Teixeira, este, o autor de *Folclore Goiano*, de 1940, uma obra relevante para o tema em Goiás, “já que nenhum dos trabalhos anteriores avançou tanto na composição de um repertório variado daquilo que se compreendia como folclore. Embora não rompa com os cânones intelectuais de seu tempo [...] amplia essa noção [...] e discute os significados históricos dessas práticas” (SILVA, 2008, p. 76).

Mais importante que isso, no entanto, parecem ser as justificativas que permeiam a obra de Aparecido Teixeira e que não fogem daquelas que eram princípios dos folcloristas desse tempo:

indicavam que [os exemplares folclóricos] possuíam elementos *interpretativos* de cada espaço do *território* e laços de *coesão* da civilização e da *integridade desse território*, o que lhe garantiria a *unidade*.

Para ele, haveria uma estreita relação entre o momento nacional do Brasil, de *formação da personalidade política da nação* e da independência econômica e a expressão cultural própria do folclore. [...]

O folclore, nessa concepção, seria a possibilidade de busca da *originalidade* brasileira e, em Goiás, “considerado o estado mais rico em *tradições* verdadeiramente nacionais ainda não deturpadas

pela onda europeizante”, residiria o *brasileiro autêntico*, que escondia uma matriz fecunda de *energias raciais*, de *haurição ideal e estética*” (SILVA, 2008, p.71, grifos nossos).

Ora, se retomamos, a partir dos substantivos e locuções acima grifados, o que nos fala Wycoff (1993) sobre a resposta coletiva que a lenda pode dar a uma situação/questão relevante da comunidade, podemos perceber, em *Lendas de minha terra*, uma forma de efetivar essa resposta: até meados do século XX, a questão da formação/interpretação da sociedade brasileira, posta por José de Alencar desde o século XIX, obteve uma afortunada carreira, encontrando uma linha de chegada talvez nas obras de Guimarães Rosa e Jorge Amado.

Se somamos a isso a Marcha para o Oeste de Getúlio Vargas, nos anos 1940, temos de novo um prato feito sobre esse tipo de resposta que envolve comunidade, coesão, unidade, originalidade, personalidade política.

Para Goiás, desde o regionalismo iniciado com Hugo de Carvalho Ramos, que tinha plena consciência do estado como estado periférico no concerto nacional, até Bernardo Élis nos anos 1950 (sua estreia se dá em 1944, com *Ermos e gerais*¹² e *O tronco* é uma obra de 1956), passando depois por Carmo Bernardes, Eli Brasiliense, José Godoy Garcia entre outros, o regionalismo goiano vem buscando adquirir uma feição própria que dê conta da identidade do estado (até a noção de cerrado, que substituiu a de sertão nos tempos atuais, indica isso) (VICENTINI, 2016). Dentro do óbvio do regionalismo, em geral,

12 Primeira obra publicada pela Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, recém-criada à época pelo prefeito Venerando de Freitas Borges, do PSD, que governou a cidade de novembro de 1935 a novembro de 1945.

os costumes, a vida na cidade do interior, no mundo rural, a linguagem etc., os escritores regionalistas sempre buscaram essa interpretação territorial e essa feição peculiar.

E em certo sentido têm conseguido, na medida em que se podem evidenciar pelo menos algumas características bastante claras e peculiares nesse nosso regionalismo: por exemplo, uma tendência ao grotesco enquanto subgênero, que pode ser evidenciada em Hugo de Carvalho tanto quanto em Bernardo Élis e Carmo Bernardes. Contos como “Pelo Caiapó velho”, “Caçando perdizes”, “Gente da gleba”, “Peru de roda”, de Hugo de Carvalho Ramos, dizem dessa feição tanto quanto “A enxada” ou “Nhola e a cheia do Corumbá”, ou “Veranico de janeiro”, ou “As morféticas”, de Bernardo Élis, para citar somente alguns, em que o regionalismo denuncia sobretudo relações de trabalho, de política, de sociedade (numa feição bastante original).

Deoutrolado, umoposto: o regionalismo cômico, na esteira de Monteiro Lobato e do Graciliano Ramos de *Histórias de Alexandre*, que estabelece certo realismo, mas ri também de si mesma enquanto obra regionalista, exagerando certos costumes, atitudes, comportamentos que, se não chegam à desfaçatez, pelo menos entendem que certo tipo de regionalismo não encontra mais razão de ser. Mário Rizério Leite nos parece ser um dos representantes goianos dessa linha (junto a Pedro Gomes). Muito embora o cômico tenha pouca margem em *Lendas de minha terra*, ainda que exista, no restante da obra de Rizério Leite ele é quase preponderante, seja em cenas de dentro de seus romances, com personagens como Muçurana ou o vaqueiro Ciríaco e as peripécias em que se envolvem ambos, seja em um livro como *Xuruê*, inteiramente dedicado à veia cômica.

Ademais, Mário Rizério ainda se enquadra em de uma outra feição de nosso regionalismo: pouca religiosidade,

personagens ágeis, inteligentes, aflorando uma feição positiva do sertanejo. Dentro do regionalismo em geral, às vezes mantém certa bizarrice que beira o pitoresco.

Inventor de lendas e causos, Rizério Leite é daqueles escritores que buscam preservar a identidade cultural, despertar pertencimentos e identidades e servir de base para uma memória coletiva de índole popular, isto é, de uma representação social que envolve memória e história, mas também se encontra mais próxima da vivência cotidiana das cidades do interior da região centro-oeste.

Enfim, inventivo, criativo e partícipe do crescimento do campo intelectual goiano desde os anos 1950.

Esta nos parece ser uma das faces de Mário Rizério Leite.

ALBERTINA VICENTINI

Professora aposentada da Pontifícia
Universidade Católica de Goiás – PUC Goiás

REFERÊNCIAS

ORNITHOS ESCOLA. A lenda do Urutau (Mãe-da-Lua). In: ORNITHOS ESCOLA. *Mitos e lendas*. Antonina, 2018. Disponível em: <http://www.ornithos.com.br/escola/mitos-e-lendas/a-lenda-do-urutau-mae-da-lua/>. Acesso em: 6 jul. 2018.

BERALDO, Wanderley. *Mãe-da-Lua*. São Paulo: Clube de Autores, 2018.

BURKE, Peter. *Bricolagem de tradições*. Folha de S. Paulo, São Paulo, 18 mar. 2001. Caderno Mais.

CERTEAU, Michel de. *Cultura no plural*. São Paulo: Papyrus, 2001.

DIAS, Gonçalves. *Primeiros cantos: poesias*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1846.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Trad. Celina Cardim Cavalcante. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LEITE, Mário Rizério. *Lendas de minha terra*. Goiânia: ETG, 1951.

LEITE, Mário Rizério. *Xuruê*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1970.

LOPES, Carlos Renato. Em busca do gênero lenda urbana. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 8, n. 2, p. 373-393, maio/ago. 2008.

MARCONDES, Rafael Sobral. Bichos do Brasil: urutaus e mães-da-lua. *Blog Caapora*, 4 ago. 2012. Disponível em: <http://scienceblogs.com.br/caapora/2012/08/bichos-brasil-urutaus-maes-da-lua/>. Acesso em: 22 fev. 2019.

MITOLOGIA tupi-guarani. In: OS GRANDES MISTÉRIOS. Disponível em: <https://sites.google.com/site/osgrandesmisterios/mi/mitologia-tupi-guarani>. Acesso em: 23 fev. 2019.

NEGRO-D'ÁGUA. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2019. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Negro_d%27%C3%81gua. Acesso em: 23 fev. 2019.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ROMÃOZINHO. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2019. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Rom%C3%A3ozinho>. Acesso em: 23 fev. 2019.

SILVA, Monica Martins. *A escrita do folclore em Goiás: uma história de intelectuais e instituições (1940-1980)*. 2008. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

TEIXEIRA, José Aparecido. *Folclore goiano*. 4.ed. Goiânia: Kelps, 2010.

VICENTINI, Albertina. *Tal sertão, qual cerrado?* Goiânia: Cegraf/UFG, 2016.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS

Reitor

Jerônimo Rodrigues da Silva

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Paulo Francinete Silva Júnior

Coordenadora da Editora

Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz

Conselho editorial

Carlos de Melo e Silva Neto

Fábio Teixeira Kuhn

Fernando dos Reis de Carvalho

Lucas Nonato de Oliveira

Maria Aparecida de Castro

Maria de Jesus Gomides

Rita Rodrigues de Souza

Tânia Mara Vieira Sampaio

Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz

Coordenação da Coleção Artífices

Olliver Mariano Rosa

Marcela Ferreira Matos

Goandira Ortiz

Digitação da obra original

Isabel Luisa Sampaio

Revisão

Ivanillian Ferreira Paislandim

Mabel Pettersen Prudente

Paula Fransinetti de Moraes Dantas Vieira

Flomar Ambrosina Oliveira Chagas

André Ferreira de Souza Abbott Galvão

Projeto gráfico e capa

Pedro Henrique Pereira de Carvalho

Diagramação

Fabrício Viera de Oliveira (Editora IFPB)

Renata Rosa Franco

Conselho científico

Adelino Cândido Pimenta (IFG)

Albertina Vicentini Assumpção (PUC/GO)

Alice Maria de Araújo Ferreira (UNB)

André Luiz Silva Pereira (IFG)

Angel José Vieira Blanco (IFG)

Antônio Borges Júnior (IFG)

Camila Silveira de Melo (IFG)

Cândido Vieira Borges Júnior (UFG)

Carlos Leão (PUC/GO)

Celso José de Moura (UFG)

Clarinda Aparecida da Silva (IFG)

Cláudia Azevedo Pereira (IFG)

Dilamar Candida Martins (UFG)

Douglas Queiroz Santos (UFU)

Gláucia Maria Cavasin (UFG)

Jullyana Borges de Freitas (IFG)

Jussanã Milograna (IFG)

Kellen Christina Malheiros Borges (IFG)

Kenia Alves Pereira Lacerda (IFG)

Liana de Lucca Jardim Borges (IFG)

Lidia Lobato Leal (IFG)

Lillian Pascoa Alves (IFG)

Manoel Napoleão Alves de Oliveira (IFG)

Marcelo Costa de Paula (IFG)

Marcelo Firmino de Oliveira (UNSP)

Maria Sebastiana Silva (UFG)

Marshal Gaioso Pinto (IFG)

Marta Rovey de Souza (UFG)

Mathias Roberto Loch (UEL)

Mauricio José Nardini (MP/GO)

Pabline Rafaella Mello Bueno (IFG)

Paulo César da Silva Júnior (IFG)

Paulo Henrique do Espírito Santo Nestor (IFG)

Paulo Rosa da Mota (IFG)

Rachel Benta Messias Bastos (IFG)

Ronney Fernandes Chagas (IFG)

Rosana Gonçalves Barros (IFG)

Simone Souza Ramalho (IFG)

Waldir Pereira Modotti (UNESP)

Walmir Barbosa (IFG)

Formato 150 x 210mm*Tipografia* Helvetica Neue Bold 12/14 (títulos)
Mrs Eaves OT Roman 11/16 (texto)*Papel* Pólen 80 g/m² (miolo)
Cartão Supremo 300 g/m² (capa)*Tiragem* 300 exemplares

*Genésio respirou aliviado, ao terminar a narrativa.
Peixoto que o ouvira, com interesse sempre
crescente, concluiu:
— Mesmo na vileza, o amor faz milagres!...*

A COLEÇÃO ARTÍFICES

COMO OS ESTREANTES NA POESIA, eram também aprendizes muitos dos que trabalharam na artefania dos tipos para compor a mancha gráfica dos poemas e das narrativas impressas na gráfica da ETG/ETFG dos anos 1940 aos anos 1970. Cá e acolá catam-se gralhas e pastéis, comuns ao ofício na linotipo, mas os erros tipográficos não nos impedem de ler e de apreciar as palavras reveladas pela mãos dos artífices da prensa. A eles temos de prestar uma justa homenagem, porque nos legaram a possibilidade de conhecer livros que poderiam ter restado no silêncio.

Numa ou noutra das obras desta coleção, alguns poderão acusar fragilidades poéticas ou mesmo ideias anacrônicas, contudo ninguém poderá retirar-lhes o mérito de ter contribuído para edificar e fortalecer a literatura goiana e, assim, para promover a leitura literária em Goiás – movimentos imprescindíveis para a valorização intelectual de nosso povo. Não vacilamos em convidar os prezados leitores, sobretudo os estudantes, a, com os olhos no futuro, folhearem cada uma das obras, sorvendo, sondando, desnudando a memória, a cultura, a história que nestas páginas existem.

